DT
611
.S3
1880
AFA

A.M. VEROL SENIOR
LIVRARIA
Memorandum
A.M. VEROL SENIOR
ESPECIALISTA
EM
ESCRIPTURAÇÃO MILITAR
Rua Augusta, 171-Lisboa
A.M. VEROL SENIOR
ENCADERNA
E
VENDE LIVROS
Rua Augusta, 171-Lisboa
Registo
de Letras
mandadas
Agendas
Gerais
A.M. VEROL SENIOR
LIVRARIA
ENCADERNADOR
LISBOA
Rua Augusta 171
A.M. VEROL SENIOR
LIVRARIA
E
OFFICINA DE ENCADERNADOR
R. AUGUSTA, 171-LISBOA
Caixas
A
Franqueza
Bills
receivable
A.M. VEROL SENIOR
ENCADERNADOR
EM
TODO O GENERO
R. AUGUSTA, 171-LISBOA
C/C
A.M. VEROL SENIOR
LIVRARIA
ENCADERNADOR
LISBOA
Rua Augusta, 171

A. M. VEROL SENIOR
LIVRARIA
E
OFFICINA DE ENCADERNADOR
R. AUGUSTA, 171 - LISBOA
Inventario
Diario
Albuns
Copiador
de escripta
precisas
Objectos
para
Escriptorio
LETRAS

Esl 2 Prod 72 40

OS SERTÕES D'AFRICA

ALFREDO DE SARMENTO

OS SERTÕES D'AFRICA

(APONTAMENTOS DE VIAGEM)

Com um prologo de Manuel Pinheiro Chagas

EDIÇÃO ILLUSTRADA COM 14 GRAVURAS
E UM MAPPA

Lisboa
EDITOR PROPRIETARIO — FRANCISCO ARTHUR DA SILVA
Rua dos Douradores, 72
1880

LISBOA
TYPOGRAPHIA DE J. H. VERDE
17, R. N. da Trindade, 19

SMITHSONIAN
SEP 19 2005
LIBRARIES

Meu caro Pinheiro Chagas.

Impoem-me o dever e a amizade dedicar-lhe este livro. Foi no seu *Diario da Manhã* que publiquei a maior parte dos folhetins que agora reuni em volume.

Não faço pois mais do que rectificar a dedicatoria humilde que fiz d'esses folhetins ao seu elevado e explendido talento.

Alfredo de Sarmento.

MEU CARO AMIGO

Pede-me um prologo para o seu curiosissimo livro os *Sertões d'Africa*. È a sua amabilidade que o exige, porque o livro não precisa de prologo. Basta-lhe o titulo. Chega na hora propria. Quando todas as attenções se voltam para a Africa, um livro que tem o titulo de *Sertões d'Africa* deve estimular por força muito a curiosidade publica.

E o publico, depois de ler o seu livro, não se arrependerá de certo. O exito, que tiveram os capitulos que me fez a honra de publicar no *Diario da Manhã*, assegura-lhe que o não hão de ter menor agora nas paginas do livro. Eu ha muito que desejava ter occasião de lhe agradecer a relevante e immerecida honra que me fez inscrevendo o meu nome no principio d'esses folhetins verdadeiramente excellentes.

O seu livro vem de mais a mais fazer uma revellação importante. O unico paiz que póde explorar sé-

riamente a Africa, é Portugal. Por ora é o unico. Louvo, admiro, applaudo com enthusiasmo a intrepidez, a dedicação, o ardor scientifico de Serpa Pinto, de Capello e de Ivens; mas é necessario que não esqueçâmos que nenhuns outros exploradores europeus, teem para atravessar a Africa, as facilidades que nós temos. Isto, como digo, em nada diminue os relevantes serviços dos tres exploradores e o seu alto merecimento, porque o clima, a fome, a aspereza dos caminhos, as féras, todos os innumeros obstaculos de uma viagem atravez da Africa, esses é que não distinguem nacionalidades.

Mas, ao pásso que os inglezes luctam por todos os lados com a má vontade das tribus indigenas, nós temos pelo contrario as melhores relações com o gentio. Não se lembra do que narra Cameron nas suas *Viagens?* Emquanto n'alguns sitios, o viajante inglez se via obrigado a parar porque os régulos não o deixavam penetrar em regiões que elle desejaria explorar a fundo, José Alves, aquelle mercador preto que Cameron amaldiçôa, mas que a final de contas o salvou, José Alves, circulava por toda a parte com a maior facilidade, e percorria muito a seu belprazer as regiões onde Cameron bem desejaria seguil-o.

E quem era este José Alves? Era, mais ou menos, um subdito portuguez, era um homem que reconhecia em Benguella a nossa supremacia, que exaltaria

dedicadamente qualquer portuguez, que o acompanhasse sem apparato nas suas expedições.

Estou convencido firmemente que o nosso paiz, em vez de enviar de Lisboa expedições que se hão de succeder com larguissimos intervallos, poderia intentar a exploração permanente da Africa. Bastava para isso que nas nossas fronteiras interiores, em vez de haver simplesmente uns governadores que, em tudo pensam menos em sciencias, houvesse homens competentes para esse genero de investigações, e competentemente providos dos meios indispensaveis. A pouco e pouco, e dentro em não muito largo prazo de tempo, estaria a Africa toda conquistada para a sciencia.

O seu livro é a brilhante demonstração do que acabo de affirmar. Se nas frequentes viagens que as necessidades quotidianas de administração obrigam os nossos empregados a fazer pelo interior da Africa, nas proximidades das nossas fronteiras, se n'essas viagens fossem sempre homens illustrados como o acaso quiz que fosse o meu amigo na excursão em que tomou os apontamentos que hoje constituem o seu livro, que interessantes noticias se colheriam, noticias preciosas para a geographia e para a ethnographia da Africa!

O seu livro presta n'isso porém ao paiz um serviço importante, não só pelo que refere, que é excellente, mas ainda mais pelo que deixa adivinhar.

A Europa sábia está costumada a receber com religiosa superstição os preciosos livros em que os viajantes narram o resultado das suas viagens, seguidas anciosamente pelas sociedades de geographia, annunciadas pomposamente, festejadas com banquetes e sessões solemnes: *Missionary's travels, Across Africa, Dark Continent*, e agora *A espingarda do rei*. As noticias interessantes que se encontram nos seus *Sertões d'Africa*, meu caro Sarmento, apezar do seu livro ter as mais modestas aspirações, mostram que podiam sair dos nossos prélos centenas de livros. dando conta minuciosa dos costumes e da geographia da Africa. Mas que quer? Nós somos assim. O meu amigo mesmo nunca pensou que a sua viagem ao Congo podesse interessar pessoa alguma. Passam-se annos, vê-se a Europa sábia, e nós atraz d'ella, a seguir com anciedade as noticias de Stanley que desceu o Zaire, rio que o meu amigo e os seus companheiros não subiram porque não quizeram, porque não pensaram em similhante cousa, porque não iam preparados para isso. Pensou naturalmente de si para si: Era interessante então o que vi e observei?! E foi-se aos seus apontamentos e tirou d'elles o curioso livro que estou prefaciando agora.

A final bom foi assim. Se viesse mais cedo, cairia no meio da indifferença geral. Ninguem se importava ha dez annos com os sertões de Africa. Todos agora os adoram. O seu livro havia de ter sempre

um alto valor intrinseco, tem agora, além de tudo mais, o valor do titulo.

Creia na estima do seu

Am.º obrig.mo

Lisboa, 23 de março
de 1880.

PINHEIRO CHAGAS.

INTRODUCÇÃO

Este livro não tem a minima pretenção a um livro de sciencia geographica. É tão sómente a collecção de alguns apontamentos colhidos durante uma peregrinação de oito annos na Africa occidental, conforme ia visitando os differentes pontos do sertão da vasta e riquissima provincia d'Angola, e tomando nota dos usos, costumes, crenças e fanatismos d'aquelles povos gentilicos.

Não direi que valha alguma cousa como estudo aproveitavel para obra de maior tomo; o que affirmo, é ser verdadeiro, sobre tudo no que diz respeito á parte puramente descriptiva.

Se o merecimento de um livro de viagens consiste em ser de uma exactidão conscienciosa em todos os seus mais insignificantes pormenores, será esse o unico titulo pelo qual este mereça a benevolencia dos leitores.

OS SERTÕES D'AFRICA

DE S. PAULO D'ASSUMPÇÃO DE LOANDA A S. SALVADOR DO CONGO

I

A partida.—A barra do Dande. Uma caçada ao leão

No dia 27 de julho de 1856, pelas 12 e 1/2 horas da tarde, partia da cidade de S. Paulo d'Assumpção de Loanda, a expedição que no reino do Congo ia tomar posse das minas de malachite, situadas nas serras do Bembe.[1]

Era a primeira vez que, em terras do ultramar, se via uma expedição tão completa e devidamente organisada. Abundancia de mantimentos, perfeito serviço de ambulancia, ordem, regularidade, disciplina, bom armamento, excellentes munições de guerra e todas quantas commodidades podiam tornar menos aspera aquella marcha trabalhosa por inhospitos sertões, tudo fôra determinado

[1] Esta empreza tomou depois a denominação de *Western Africa Malachite Copper Mines Company Limited*, e foi representante d'ella a casa Taylor & C.ª de Londres.

com acerto pelo tenente coronel Francisco de Salles Ferreira, de quem o governo da metrópole confiára tão espinhoso encargo.

Ao cair da tarde, chegava a expedição á enseada da barra do Dande e seguia para o districto do mesmo nome que fica distante duas milhas.

O districto da barra do Dande é pequeno, mas fertil em productos que abastecem a cidade de Loanda, taes como feijão, milho, mandioca, fructas, hortaliças, lenha, carvão, e pedra calcarea. Pena é que a incuria e o pouco ou nenhum amor pelo desenvolvimento agricola das nossas colonias, conserve em tão acanhados limites as incalculaveis e variadas riquezas do seu solo feracissimo.

Para o grande acampamento ou ponto de reunião de todos os contingentes fornecidos pelos diversos districtos e presidios da provincia, fôra destinado o *Libongo*, onde estão situadas as famosas serras d'onde manam muitas e abundantes fontes de petroleo.

Saindo da barra do Dande, seguiu a expedição ao longo da praia, caminho árido e triste, até que deu em logar onde a vegetação brotava esplendida e vigorosa.

Era um terreno orlado de uma banda, por um riacho sombreado por frondosas arvores, e da outra, aberto e risonho, por vastas planicies plantadas de feijão e milho, por entre os quaes se erguiam profusamente as bananeiras, as mangueiras, os cajueiros e muitas outras arvores de fructo indigenas.

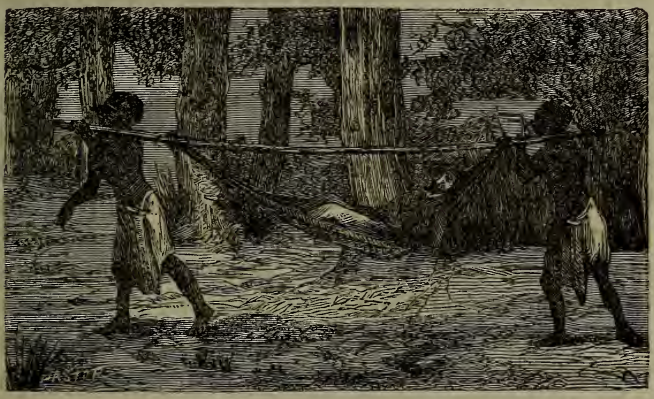
Chegou-se ao Libongo. Este districto limita-se ao N. com as terras do marquez do Mussulo; ao S. com o districto da Barra do Dande; ao O. com o mar, e a E. com extensas mattas de excellentes madeiras que se estendem até o Motembo. Estas mattas abundam em caça

grossa e meuda, e o mais ardente devoto de Santo Huberto, daria por bem empregado o tempo que empregasse ali em exercicios venatorios.

Tem logar aqui a narrativa de um episodio, em que tomei uma parte activa, e no qual os meus fóros de caçador arrojado se acharam gravemente prejudicados.

Refiro-me a uma caçada ao leão, e o caso succedeu do seguinte modo:

Quando chegámos ao Dande, fomos habitar para a residencia do chefe, que devia hospedar-nos durante o tempo que nos demorassemos ali.



Modo de viajar em Africa.

Eu ia munido de uma excellente carabina de dois canos e de cartuxame adequado para toda e qualquer eventualidade, e entre os poucos livros que levava na bagagem, havia um, de Julio Gerard, que tem por titulo *A caça ao Leão*.

Fatigádos da marcha que tinhamos feito, sob um sol ardentissimo, deitámo-nos cedo, quando, por volta da

meia noite, fomos despertados por um grande alarido de pretos que gritavam: *Ogi! Ogi!* que em lingua bunda quer dizer leão.

Saltar da cama, lançar mão da carabina e sair para a rua, foi tudo obra de um momento.

Interrogado o primeiro preto que encontrei, d'elle soube que, havia oito noites que um leão atacava os curraes de gado, e que, n'aquelle momento, acabava de praticar mais uma d'essas gentilezas levando uma vitella.

Quando me reuni aos meus companheiros, achei-os fallando animadamente no que acabava de acontecer, e no perigo a que estavam expostos os moradores d'aquelle districto com as visitas nocturnas e repetidas de tão perigoso hospede.

Foi então que impellido por um santo enthusiasmo, tirei da mala de viagem o famoso livro de Julio Gerard, e com elle em uma das mãos e a carabina na outra, fiz um discurso invocando os deveres do homem para com a sociedade, e os sentimentos que nos deviam impellir a praticar uma acção meritoria, livrando aquelles povos de um tão terrivel flagello.

O auditorio applaudiu a minha idéa; seis dos meus companheiros promptificaram-se a partilhar d'uma empreza tão grandiosa, e, entre freneticas exclamações, foi decretada por unanimidade a morte do leão.

No dia seguinte, a sala da residencia transformára-se n'um verdadeiro arsenal de guerra. Um limpava escrupulosamente a carabina; outro verificava a infallibilidade das capsulas; este examinava o modo porque estavam embalados os cartuxos; aquelle experimentava a força e qualidade da polvora, e, houve um, que fomos encontrar no cercado que rodeava a residencia, querendo obrigar

um preto pequeno, que o servia, a fazer de leão, ensaio absolutamente necessario, segundo elle nos affirmou.

Veiu a noite, e esperámos anciosos pelas onze horas, occasião opportuna em que nos deviamos pôr a caminho para a nossa arriscada e temeraria empreza.

Partimos finalmente.

A noite estava esplendida. Era uma d'essas formosas noites de luar limpido e transparente, como usa de ser o luar d'Africa, e nem sequer a mais leve aragem agitava as folhas das arvores que orlavam a estrada que seguiamos, e que ia dar á margem direita do rio Dande, logar onde estavam estabelecidos os curraes, e theatro das proezas do nosso feroz inimigo.

Chegámos a um sitio, talhado de molde para uma boa espera, e tomámos posições, depois de competentemente consultado o livro de Gerard.

Estávamos a postos, e em torno de nós reinava o mais profundo silencio, quebrado apenas, de vez em quando, pelos mugidos dos toiros, ou pelos balidos das ovelhas.

Esperámos cerca de tres horas, e como a féra não apparecesse, abandonámos os logares que occupávamos para nos reunirmos e voltarmos para casa.

Estávamos desesperados, e lamentávamos a nossa má sorte, quando, oh! não sei como o conte! a quarenta passos do sitio onde nos achávamos, ouvimos um rugido pavoroso, e vimos, por entre o capim, um vulto enorme que avançava lenta e magestosamente para nós. Por um momento ficámos como que petrificados e com os cabellos em pé; depois, por esse instincto da propria conservação que se não explica, sem que trocassemos uma unica palavra, e parecendo impellidos por um mesmo machinismo, largámos a correr, para não dizer fugir,

com uma rapidez inexcedivel e por esse mesmo caminho que, tres horas antes, tinhamos percorrido tão cheios de brios; e, ainda hoje correriamos, se não encontrassemos aberta a porta da residencia, pela qual entrámos em tropel, indo esbarrar na parede que lhe ficava fronteira.

Momentos depois, e passado já o maior susto, olhámos uns para os outros e soltámos uma gargalhada.

Passada uma hora, ouvimos a detonação de uns poucos de tiros, e, no dia seguinte, vieram os pretos trazer-nos uma formidavel leôa que tinham morto.

O animal caíra n'uma armadilha, quando se dispunha a assaltar um curral.

Quando vi a féra, dei sinceramente graças á Providencia Divina por aquelle medo monumental, que me livrára, provavelmente, de morrer nas garras de tão magestoso e imponente animal, e queimei o livro de Julio Gerard, com receio de cair em mais alguma tentação.

II

O acampamento. — Empacaceiros ou guerra preta. — O Dembo Cabouco. — O marquez do Mussulo. — A missa.

Feita esta pequena diversão, continuarei consultando os meus apontamentos de viagem.

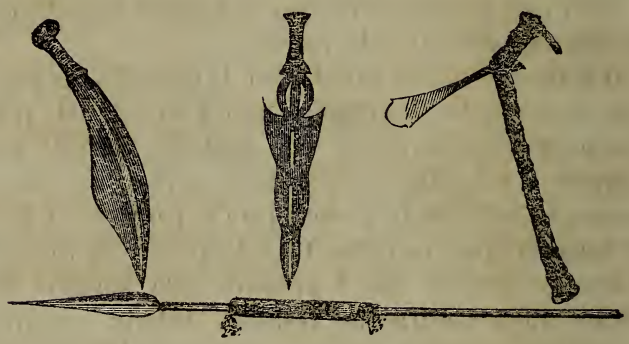
O acampamento era situado fóra da povoação, na margem esquerda do rio Lifune; occupava uma grande porção de terreno, formando um quadrado, fechado por barracas construidas pelos soldados pretos, nas quaes empregam unicamente o capim para as paredes, e folhas de bananeira para os tectos. Estas barracas, vulgarmente chamadas *macacas*, que á primeira vista parecem de tosca e fragil construcção, resistem, todavia, a chuvas torrenciaes, servindo, quando bem feitas, de asylo enchuto e seguro ao viandante.

A força ali reunida, compunha-se de sapadores, artilheria, infanteria de linha, companhias moveis dos districtos e presidios, e *empacaceiros* ou *guerra preta*.

O aspecto d'estes ultimos produz um effeito surprehendente no europeu que, pela vez primeira, contempla aquella singular milicia. O seu vestuario consiste, apenas, em dois pannos de algodão, *etangas*, um dos quaes, preso na cintura, lhes chega até á curva das pernas, servindo-lhes o outro de manto com que se resguardam do frio e da cacimba.

Na cabeça usam, por unico atavio, um diadema feito de pellos de elephante, que, segundo é crença entre elles, serve para lhes dar força e incutir animo.

As suas armas são espingardas ordinarias, chamadas de negocio, taxeadas na coronha com prégos amarellos, uma machadinha de ferro, *diabites*, que jogam com summa destreza, e uma especie de vaqueta de bumbo, *porrinho*, com a qual vi obrar prodigios de pontarias certeiras.



Armas usadas pelos gentios.

Fazia parte da expedição o afamado e poderoso Dembo *Cabouco*, que tinha o posto de coronel, e prestara serviços relevantes sempre que fôra necessario castigar ou submetter alguns régulos e sobas rebeldes á vassallagem jurada á corôa de Portugal.

Cabouco era um velho octogenario, quasi demente, mas terrivel ainda pelo prestigio e influencia que exercia sobre o gentio pelo poder dos seus feitiços ou *muquixi*, cuja fama se estendia por todos aquelles vastos sertões.

Trajava sempre a farda de coronel, e comprazia-se narrando, com verdadeiro enthusiasmo gentilico, as campanhas que fizera, e as gloriosas façanhas dos seus filhos, nome pomposo que dava a todos aquelles que estavam debaixo da jurisdicção do seu sobado.

Os seus *macotas*, personagens que são, ao mesmo tempo, ajudantes, ministros e conselheiros, trajavam fardas de officiaes de infanteria, barretinas á lanceiro, e um amplo panno de algodão branco, franjado de azul, preso na cintura e caindo até o tornozêlo.

Além d'este estado-maior, que acompanha sempre o Dembo nas suas excursões ou campanhas, ha a mencionar mais o *chinguilador* (feiticeiro), e dois pretos pequenos encarregados da guarda vigilante dos *milongos* (feitiços), que devem preserval-o da morte ou mesmo de ferimento, por leve que seja.

Os dois *moleques* ou pretos pequenos, caminhavam sempre unidos um ao outro, e seria crime de lesa-feitiçaria, desunil-os ou desvial-os, embora por um momento, da preciosa guarda que lhes fora confiada.

Faziam igualmente parte do sequito do famoso Dembo, tres das suas mulheres mais favoritas, as quaes, pela letra do seu codigo gentilico, deviam quinhoar com elle das glorias e perigos das batalhas.

Á excepção do Dembo, todos os *macotas* e *empacaceiros* andam descalços, e só por graça muito especial é permittido aos primeiros o uso de sapatos, visto como estes objectos são considerados symbolos de poder e de elevada posição hierarchica.

Ao terceiro dia de descanço no acampamento do Libongo, pôz-se em marcha a expedição em direcção ao Ambriz, atravessando as terras do marquez do Mussulo,

Maniquitungo,[1] régulo poderoso, que mais de uma vez se tinha rebellado, atacando e saqueando as povoações das margens dos rios Dande e Bengo, que correm a pequena distancia da cidade de Loanda.

Como era de esperar alguma resistencia da parte d'aquelle potentado, a expedição fez alto, e como vinha rompendo a manhã, o reverendo conego Moura celebrou missa campal, assistindo a força toda.

Foi um espectaculo grandioso e imponente.

O altar portatil fôra collocado no centro do acampamento, e formados em semicirculo contavam-se cerca de tres mil homens.

Começou o officio divino. A manhã estava lindissima; os passarinhos, de côres variegadas, saltitavam pelo capim, n'um chilrear incessante; o som dos instrumentos de metal, echoando por aquellas vastas serranias, ia confundir-se com o bramir da *calema* rebentando na praia; o sol dourava, com os seus raios de purpura e ouro, as cumiadas das serras, e as brandas lufadas do vento terral, attenuando-lhes os ardores, tornavam ameno o ar pesado e quente que se respira nas manhãs africanas.

Tudo, emfim, erguia um hymno ao Supremo Creador: a natureza, na sua linguagem muda mas grandiosa; as aves nos seus gorgeios; os homens, no respeito e na homenagem pelo sacrificio incruento que se celebrava.

Nos rostos dos soldados brancos, ainda que pela maior parte degredados, lia-se o sentimento de veneração pela imagem do Crucificado, que se erguia sobre o altar; os dos pretos revellavam a influencia moral que a religião do Christo exerceu e exerce ainda, sobré os povos idó-

[1] Este potentado prestou vassallagem á corôa de Portugal em 1791.

latras. As missões, derramando, até onde lhes era possivel, a luz da civilisação, prégando o amor do proximo, o sentimento da caridade, e o affecto de irmãos entre os povos barbaros da Africa, da Asia e da America, são poderoso testemunho d'essa influencia, e em parte alguma se manifesta ella tanto, como nos vastos sertões do Congo.

III

Surpreza. — Ambriz. — O duque de Bamba. — A marselheza.—A rainha Zenza Aquitumba.—A bandeira portugueza.

O solo que se piza desde as eminencias do Hiembe até o Quissôsso, grande *sanzala* situada no interior de uma pequena matta de frondoso arvoredo, é de difficil transito pelas agruras do trilho.

Fôra, porém, escolhido aquelle sitio, para o descanço de um dia, por haver n'elle agua potavel. Esperáva-nos ali uma surpreza.

Depois de um repouso de algumas horas, começámos a visitar a *sanzala*, e dirigimo-nos de preferencia ao cemiterio que é sempre o logar que maior variedade offerece, por isso que os pretos são prodigos em honrar os mortos que reputam altamente favorecidos por *N'Gana-Zambi* (Deus), que os chamou para si.

Occupava aquelle um grande espaço quadrado, quasi todo cheio de sepulturas de fórmas extravagantes, construidas de barro amassado e ornadas de pratos quebrados, garrafas, copos, missangas, e os competentes *muquixi* (feitiços) que pela profusão revellam as posses da familia do defunto.

Viamos, porém, no tôpo, uma cousa enorme cuja fórma não podiamos distinguir.

Impellidos pela curiosidade, avançámos para ella e re-

CAMINHO ENTRE O AMBRIZ E O LOGE.

conhecemos ser o béque inteiro de um navio de alto bordo, e de construcção muito antiga, com a competente figura, ainda que muito damnificada, a qual representava uma nympha.

Como fôra aquella enorme massa de madeira transportada para um logar tão afastado do littoral, por caminhos impraticaveis, e sem meios apropriados de conducção? Chamados o guia da expedição e os *mucuruntos* (velhos) da *sanzala*, soubémos por elles que aquella parte do navio, estava ali ha muitos e muitos centos de annos (formaes palavras do guia), d'onde concluimos que devia ter alguns seculos o béque que, provavelmente, pertencêra a navio naufragado ou condemnado entre o porto do Ambriz e a barra do Dande.

Quem sabe se era uma preciosa reliquia do tempo dos nossos descobrimentos e do nosso imperio dos mares?

O districto do Ambriz, com quanto seja um ponto da Africa Occidental portugueza, differe todavia muito dos outros presidios da vastissima provincia de Angola.

É outra ali a raça, e outros os usos e os costumes.

Os seus habitantes indigenas estão sob a jurisdicção do *Mani-Congo* (rei dò Congo), o qual se faz representar por delegados do seu poder taes como os poderosos *régulos* duque de Bamba, duque de Quina, e marquez de Pemba.

Abro aqui um parenthesis para observar que, durante as minhas peregrinações pelo interior d'Africa, não encontrei nunca na nobiliarchia gentilica, titulo algum inferior ao de marquez. Nem um conde, nem um visconde, nem sequer um barão!! Já é!

Contribuira provavelmente muito para o grau de civi-

lisação relativa em que se achavam aquelles povos, a grande concorrencia de estrangeiros que affluiam áquelle porto de mar, no tempo em que não estava ainda sob o dominio das auctoridades portuguezas, isto é, antes do mez de maio do anno de 1855, em que o governador geral d'Angola, José Rodrigues Coelho do Amaral, foi ali com uma expedição afim de exercer o direito de soberania que a corôa de Portugal tinha sobre aquelle territorio, castigar o *régulo* pelos insultos feitos e roubos practicados a feitorias portuguezas, e estabelecer uma alfandega, erro este cujos resultados se fizeram sentir em breve, por isso que o commercio estrangeiro fugiu todo para o Quissembo, distante do Ambriz uma milha, onde os seus numerosos navios importavam e exportavam grandes valores, livres de direitos, e á vista das nossas auctoridades aduaneiras. Se o estabelecimento d'uma casa fiscal no districto do Ambriz fosse levado a effeito com mais algum tacto politico, não passariamos pelo vexame de vêr a tão pequena distancia, e em territorio inquestionavelmente portuguez, arvorada a bandeira ingleza, zombando dos nossos direitos, da nossa auctoridade, e da nossa fiscalisação. O que mais tarde succedeu ao mesmo governador Amaral no Quissembo, foi ainda uma consequencia d'esse grande erro politico.

Comquanto se tivessem retirado já, como disse, muitos dos estrangeiros que ali estavam estabelecidos, contámos, ainda assim, feitorias das seguintes nações: portugueza, brazileira, hespanhola, franceza, ingleza e americana. Estas feitorias estão situadas na crista de um grande morro, que communica com a terra firme, e em baixo, na praia, ha a alfandega, alguns armazens de arrecadação e varios telheiros.

O desembarque é pessimo, porque a *calema* (rolo de mar na praia) rebenta com grande força obrigando os navios a fundearem a grande distancia da terra. O logar do desembarque fica entre a foz do rio Loge e a ponta chamada do Ambriz, e o *Capul* grande e pequeno. Quasi á beira do morro e para o lado Sul da ponta, estabeleceram os *cabindas* as suas *sanzalas*.

Estes pretos, essencialmente maritimos e industriosos, não indolentes como a maior parte dos filhos dos sertões, são os que tripulam as embarcações costeiras, lavam e engommam a roupa e fazem todo o serviço domestico dos europeus. N'outro lugar d'estes apontamentos tratarei mais d'espaço d'esta raça de pretos e dos seus usos e costumes, verdadeiramente dignos de uma conscienciosa analyse.

A fortaleza do Ambriz está situada no extremo do terreno escolhido pelos europeus para o estabelecimento das suas feitorias, afim de obstar a qualquer tentativa dos pretos que são ali mais para temer do que em outra qualquer parte, e domina uma vasta planicie, coberta de uma vegetação esplendida, que se estende até o Quincollo, na margem do rio Loge.

Nos moradores encontrámos a mais franca e cordeal hospitalidade, e não posso deixar de mencionar particularmente, a obsequiosa delicadeza com que fui recebido pelo subdito inglez mr. Peter Mac-Culloc, com quem travei depois relações de verdadeira e sincera amizade, e que me convidou para uma esplendida e opipara ceia.

Era necessario cuidar nos meios de melhor effectuar a passagem do rio Loge. Á falta de canôas tinham sido construidas algumas jangadas que, todavia, não preencheram o fim desejado, e a maior parte da gente pas-

sou o rio a vau, o que não deixou de ser arriscado, porque alem de se lhe não conhecer o fundo, e ter uma corrente de duas milhas, abunda em jacarés que mais de uma vez teem feito prêsa nos pretos descuidados ou temerarios que se aventuram nas suas aguas.

Seguindo a marcha, atravessámos, em Malary, o pequeno rio Lué, que é uma das ramificações do Loge, sem encontrarmos um unico preto, porque a noticia da expedição levára o terror aos gentios, obrigando-os a fugirem e a irem reunir-se aos povos mais internados do sertão. As nossas intenções, porém, nada tinham de hostis, e o nosso empenho era demonstrar-lhes o que tinham a lucrar com a occupação das minas do Bembe e estabelecimento de feitorias em diversos pontos, que mais lhes facilitariam a permutação dos seus generos pelos productos da Europa, poupando-lhes a fadiga de uma longa jornada e os roubos dos *linguestêres* (corretores) que, segundo é de uso, são os que negoceiam as vendas ou trocas com os brancos.

Desde a saida do Ambriz, tinhamos seguido o rumo de Leste e estávamos em terras do duque de Bamba, um dos delegados do *Mani-Congo*, cujo titulo, segundo diz o padre Cavazzi, lhe fôra dado por el-rei D. Manuel, o que me não é licito affirmar, porque em muitas asserções d'aquelle auctor encontrei erros imperdoaveis, descripções phantasiosas, e apreciações falsissimas. Hoje, porém, os descendentes do duque de Bamba, exercem um poder mais limitado, por isso que, em resultado de porfiadas guerras entre os povos seus subordinados, foram divididos os terrenos em pequenos sobados que se governam independentemente do duque de Bamba e do proprio *Mani-Congo*.

As marchas da expedição eram pequenas e demoradas, pois que a todo o momento nos tolhiam o passo os mil obstaculos do terreno que pizavamos.

N'esta parte da Africa o sólo é, em geral, montanhoso e arido. Percorrem-se leguas e leguas sem que a vista descubra o mais pequeno tapete de verdura. As poucas plantações que se encontram nas proximidades dos povoados, ou nas margens dos pantanos e lagôas, cujas agoas putridas exhalam um cheiro nauseabundo e doentio, essas mesmas são monotonas e rachiticas, devido certamente á putrefacção das aguas que as banham.

Felizmente era relativamente diminuto o numero de doentes.

Foi em Mavango que conseguimos, não sem muito custo, estabelecer relações com o gentio, e, em breve, o acampamento se transformou n'uma vasta *quitanda* (mercado,) onde os negros, com as suas mulheres, vendiam bananas, milho, feijão, gallinhas, porcos, cabritos e *malavo* (succo extrahido da palmeira.)

As vendas eram effectuadas a coral falso, fazendas e aguardente, e a preços redúzidos.

Antes de proseguir na narrativa d'esta viagem, não posso deixar de mencionar um facto que me causou profunda sensação.

O signal que nos chamava para o jantar, era o *solo inglez* tocado n'um pifano por um dos empacaceiros do Dembo Cabouco. Fôra elle adoptado pelo coronel Salles Ferreira n'um dos seus momentos de bom humor, que o eram quasi todos.

Habituado á monotonia d'aquella musica desagradavel, póde calcular-se a impressão que senti ouvindo-o tocar a *marselheza!* Onde a ouvira e como a aprendera,

foi cousa que não logrei averiguar, apezar das diligencias que empreguei para o saber. Aquella harmonia inspirada e energica que me trazia á memoria a morte heroica dos martyres da Revolução franceza; aquellas notas singelas mas respirando um nobre enthusiasmo, hymno patriotico, e ao mesmo tempo hymno de morte, vieram avivar-me as saudades da patria, onde tantas vezes as ouvira, porque com ellas fôra embalado um filhinho que ali me ficára. Mais uma vez me confirmei na opinião de que, nas differentes phases da nossa vida, seja qual fôr a situação em que nos achemos, ha sempre uma cousa que desperta em nós uma recordação saudosa.

O acampamento seguinte estabeleceu-se n'uma grande *sanzala*, por nome *Quibala*; que fica em terras da rainha *Zenza Aquitumba*. Ora, a respeito d'esta rainha e da dynastia a que pertence, existem grandes duvidas no meu espirito. Como aquella pequena e insignificante monarchia se conserva encravada no territorio do Congo, outra monarchia um pouco mais importante, governando pacificamente os seus subditos, cobrando dizimos, senhora de baraço e cutello, sem prestar homenagem ao *Mani-Congo*, é ponto muito obscuro nas chronicas do sertão, e tive de contentar-me com os esclarecimentos seguintes, fornecidos por um dos seus ministros:

Um dos nossos reis, não sei qual, porque m'o não disse o meu informador, querendo recompensar na pessoa de uma *Zenza-Aquitumba*, (como se vê, desde, tempos remotos que ali só figuravam mulheres,) os bons serviços que prestára aos portuguezes (provavelmente os missionarios,) conferira-lhe o titulo de rainha, e déra-lhe jurisdicção independente do rei do Congo.

Escusado é dizer, que me não responsabiliso pela authenticidade do facto.

Antes de chegarmos á *Quibala*, n'uma pequena *sanzala* que atravessámos, chamada *Mubanza-Quicola*, vimos subitamente içar a bandeira portugueza n'uma das *cubatas* (cabanas) que orlavam o caminho que seguiamos. Aquella cortezia europêa, em pleno sertão africano, despertou a nossa curiosidade, e dirigimo-nos para a tal *cubata*, com o intuito de reconhecermos quem a habitava. Foram satisfeitos, em breve, os nossos desejos, pois que nos appareceu um preto muito velho, vestindo um chambre de chita de ramagem e calças de ganga amarella, tendo na cabeça um bonné de pelle de lontra, e os pés calçados em babuchas amarellas.

Aquelle trajo europeu, no meio de um povo absolutamente gentilico, aguilhoou mais ainda a nossa curiosidade, e a respeito do mysterioso personagem, colhemos os seguintes pormenores:

João José Ignacio, que assim se chamava o velho preto, fôra escravo de uma rica proprietaria e commerciante da cidade de Loanda, D. Anna Joaquina dos Santos Silva. Como esta senhora possuia alguns navios que faziam carreira entre Loanda e o Brazil, João José Ignacio fizera parte da tripulação de um d'elles e fôra em diversas viagens ao Rio de Janeiro.

Depois, a sua senhora reconhecendo n'elle algum prestimo, porque era um preto muito ladino, lembrou-se de o mandar com fazendas para aquelle ponto do sertão, onde affluia o marfim em grande quantidade. João José Ignacio estava ali desde 1820. Ao principio enviou alguns generos para Loanda; mas depois, achou mais conveniente negociar por conta propria, e, apossando-se

das importantes fazendas que tinha em deposito, nunca mais deu novas de si.

João José Ignacio tivéra um grande susto quando soubéra que lhe passava pela porta a expedição, mas socegou-lhe o animo quando viu que não tinha nada a receiar.

Além d'isso, estava demente pela sua extrema velhice, e da convèrsação que tivémos com elle, podémos comprehender unicamente bem a data de 1820 e as palavras Rio de Janeiro.

Todas as outras informações foram-nos dadas pelo guia da expedição.

IV

O baptismo.—A cruz.

Estavam definitivamente estabelecidas as nossas relações de boa amizade com o gentio. De toda a parte nos chegavam, em grande numero, *sobas* e outras auctoridades, sollicitos em prestarem vassallagem ao rei de Portugal, e, cousa notavel, mais sollicitos ainda em instarem porque lhes fosse ministrado ou confirmado o sacramento do baptismo.

A vista do padre produzia n'elles um effeito muito para surprehender, quando se considerasse que pisávamos uma terra gentilica, onde não penetrára nunca outra civilisação, senão a que, por ventura, poderia ter resultado das doutrinas e ensinamentos dos missionarios que, internados por aquelles inhospitos sertões, luctando com as intemperies do clima, privados de tudo, sem protecção nem auxilio, prégaram a religião sublime do Christo e chamaram ao gremio da igreja, tantos milhares de almas que jaziam sepultadas nas trévas da idolatria.

Era realmente surprehendente, repito, ver o modo respeitoso e humilde com que ajoelhavam, beijavam a terra e esperavam curvados e reverentes que a benção do sacerdote descesse sobre elles.

Outra cousa mais notavel ainda: do pescoço de quasi

todos pendia um grande crucifixo de metal, que elles mostravam com evidentes signaes de satisfação, apontando para o ceu e repetindo com profunda veneração as palavras *N'Gana-Zambi* (Deus.)

Por um d'elles soubemos que todos aquelles crucifixos, n'uma quantidade prodigiosa, tinham sido distribuidos pelos religiosos Barbadinhos, e passavam de paes para filhos como uma preciosa reliquia de familia.

Em todo o gentio dos vastos sertões do Congo, ha um signal caracteristico que o distingue dos habitantes dos outros sertões. Consiste elle em terem limados os dois dentes superiores da frente, o que os torna da mais feia catadura, por isso que lhes é peculiar um riso alvar com que acolhem sempre o branco que se dirige a elles.

É igualmente sordido e repugnante o seu aspecto: quasi inteiramente nús, com a cabeça rapada toda em roda, tendo apenas no centro um pequeno monte de cabellos; ornados o nariz e a testa com grandes mascarras, mais negras ainda do que a propria pelle, besuntadas as ventas com o pó finissimo do rapé que manufacturam, muito semelhante ao nosso simonte ou esturrinho, e untado o corpo todo com azeite de palma, parece haver n'elles um não sei que de hediondo e selvagem, que está em opposição manifesta com o seu caracter usualmente brando e pusillanime.

Principiou pois a cathechese, e todos os dias recebiam o Sacramento do baptismo cerca de duzentos a trezentos gentios.

Um dos que mais ardentemente manifestára o desejo de baptisar-se, fôra o *soba* da *Quibala*, e resolvera-se, portanto, que fosse imponente a ceremonia, attendendo á cathegoria do neophyto.

Marcado o dia, dirigimo-nos para a *Canza* do *soba*, acompanhados pela charanga de artilheria. que devia tocar durante a ceremonia, e fômos levados para debaixo de uma grande arvore, que de ordinario, entre todos aquelles povos, é o tribunal onde se resolvem as mais altas questões de estado.

A arvore, formada por dois troncos grossos que se entrelaçavam, revelava uma idade mais que secular, e entre os dois troncos vimos uma cousa muito curiosa.

Era uma grande cruz de madeira, que ali fôra collocada em tempos remotos, e que por tal fórma se achava presa pelas ramificações da arvore, que seria impossivel separal-a.

Aquelle symbolo da redempção, erguido entre um povo idólatra, como que para indicar-lhe a verdadeira luz, causou em nós uma sensação profunda.

Era ali, segundo soubemos, que os missionarios italianos celebravam o sacrificio da missa.

Debaixo da arvore, mandára o *soba* collocar algumas cadeiras antigas, de couro estampado, tauxiadas de grandes prègos amarellos, que nos eram destinadas, e ali recebeu o neophyto o nome de D. Garcia.

É muito para notar o instincto aristocratico d'aquelles gentios, pois que, quando tem uma posição elevada, ou exercem auctoridade importante, não prescindem do titulo honorifico de *Dom* que antepõem ao nome, e do qual se ufanam como se lhes corresse nas veias o sangue dos heroes.

Findou a ceremonia com um rico presente ao *soba*, constando de fazenda, coral falso, aguardente e uma farda de archeiro, e o povo manifestou o regosijo de que se achava possuido, fazendo grande alarido, e disparando um sem numero de tiros.

V

O dia 16 de setembro. — O Bembe. — Os jazigos de malachite

O dia 16 de setembro, anniversario natalicio de sua magestade el-rei D. Pedro V, foi encontrar-nos n'um sitio denominado *Losa*, cuja posição, na realidade magestosa e imponente, parecia talhada de molde para festejar condignamente esse dia tão solemne.

Era um morro de pequena elevação, communicando de todos os lados, em declive suave, com um formoso valle onde as palmeiras e as bananeiras se disputavam primores de vegetação opulenta. Dois pequenos regatos serpenteavam, com um brando murmurio, por entre o capim rasteiro, que formava como que um tapete de verdura, e iam levar as suas aguas longe, muito longe, ao esplendido rio que corre na *Quibala*.

Em breve tempo se improvisou, com ramos de palmeira e algumas bananeiras, uma bonita sala, onde devia servir-se o jantar.

Era toda forrada com bandeiras, tendo no tópo o retrato de sua magestade, entre um trophéo de armas.

Ao meio dia houve parada da força toda, e os vivas levantados ao sr. D. Pedro V, á familia real e á carta constitucional da monarchia, foram acompanhados pelas

salvas de artilheria e pelos gritos de enthusiasmo dos soldados e todo o pessoal da expedição.

O gentio corrêra em massa para presencear aquelle acto solemne, e foi um espectaculo devéras curioso, ver debandar em tropel, correndo como gamos, mais de tres mil homens, mulheres e crianças, logo que troou o primeiro tiro de canhão.

Passada a primeira impressão de terror, e depois de se lhes explicar que era d'aquelle modo que os brancos manifestavam o seu regosijo, voltaram de novo ao acampamento; era muito para ver-se os grupos formados, a distancia respeitosa das peças de artilheria, que se não cançavam de admirar, e a que chamavam o *feitiço grande do Maniputo* (rei de Portugal).

Tres dias depois, chegávamos ás famosas serras do Bembe, em cujos seios existem os riquissimos jazigos de malachite.

As serras do Bembe estão situadas a léste do districto do Ambriz, pertencem á jurisdicção do presidio de S. José de Encoge, e já em 1759 o capitão general de Angola, Antonio de Vasconcellos, déra posse d'ellas ao subdito portuguez Antonio Alves Sardinha, que nunca as explorou e perdeu portanto o direito á concessão.

Todo este territorio está dividido em pequenos *sobados*, os quaes governam independentemente uns dos outros, com quanto de direito devessem preito e homenagem ao rei do Congo, de quem são realmente tributarios. Porém as discordias que occorreram n'aquelle vastissimo reino, desde o principio do seculo actual, e mormente nos ultimos cincoenta annos, foram causa de que não só enfraquecesse o poder e o prestigio do *Mani-Congo*, como levaram os *régulos*, seus subordinados

a um estado geral de rebellião, que deu logar á divisão dos territorios, e á independencia dos *sobados*, alguns dos quaes são de pequena ou quasi nenhuma importancia.

O sólo é árido nos montes e cêrros; esplendido de vegetação nos valles e quebradas. Nas margens dos rios admira-se um panorama magestoso e imponente pela vida e riqueza das prodigiosas mattas que as povoam. As madeiras que estas produzem, em nada inferiores ao muito afamado *pau de mangue*, são de muita rijesa e duração, figurando entre ellas o vinhatico, o jacarandá, a têca e outras cujo nomes não logrei saber.

Quando chegámos ao cimo do môrro, do qual se avistavam os jazigos das minas, já exploradas pelos indigenas, occupavam-se estes, com grande afan, em entulhar os poços abertos, com terra, pedras, esteiras e tudo quanto lhes vinha ás mãos, persuadidos de que, procedendo assim, nos faziam perder a pista das minas que buscávamos.

Impellidos pela curiosidade, o nosso primeiro cuidado foi ir examinar os poços que elles tinham aberto, e indagar qual o processo empregado para esse fim.

Era elle simplissimo; consistia em abrirem um poço que iam profundando verticalmente; mas como lhe não revestiam ou escoravam as paredes, nem cuidavam em empregar meios que obstassem a qualquer desastre, succedia que eram frequentes os desabamentos, esmagando os infelizes que, a grande profundidade, trabalhavam na extracção do precioso mineral. O poço era então abandonado para logo abrirem outro, a pequena distancia, e pelo mesmo processo.

Tivémos occasião de verificar a exactidão d'estas in-

formações, pois que, quando os engenheiros inglezes procederam á abertura das galerias, em busca dos veios da malachite, encontraram muitas ossadas humanas e alguns instrumentos de trabalho, taes como enxadas, *machetes* (facas de derrubar matto) e *diabites* (machadinhas).

Póde-se calcular o grande numero de victimas que custavam as muitas tonelladas de mineral que annualmente se extrahiam d'aquellas serras.

Estáva realisado finalmente o fim principal da expedição, e as serras do Bembe, que encerravam no seu seio tão vastos mananciaes de riqueza, iam trocar o seu nome gentilico pela denominação de districto de D. Pedro V, em commemoração do valioso auxilio que o joven e illustrado monarcha prestára a tão grandioso emprehendimento, reconhecendo as vantagens e beneficios que d'elle podia auferir a provincia de Angola.

Os engenheiros começaram os seus trabalhos de exploração, montando as machinas a vapor que deviam facilitar esses trabalhos, e em breve o silvo agudo da locomotiva repercutindo por aquellas serranias, ha pouco ainda rudes e selvagens, parecia transformar-se na voz potente da civilisação, annunciando áquelles povos primitivos as maravilhosas conquistas do progresso!

E quantas riquezas nos seios d'aquellas terras feracissimas! Na força do seu enthusiasmo, o chefe dos engenheiros inglezes, mr. John Tonkin, exclamava n'uma carta dirigida ao concessionario da exploração:

«Tenho uma forte opinião de que, debaixo d'esta ca-
«mada de ferro e argila, existe um *mundo* de malachite.»

VI

A embaixada. — Uma lenda gentilica

Organisado definitivamente o novo districto de D Pedro V; estabelecidas as relações de amisade com os povos d'aquelle sertão, convencidos pela experiencia da grande utilidade que resultava para elles da occupação portugueza d'aquelle territorio, por isso que vendiam os seus generos, sem terem de os levar a grandes distancias, e de serem victimas dos roubos e exigencias dos pretos *linguestéres*, tratou-se de enviar uma embaixada ao rei do Congo, encarregada de lhe participar a ascenção do senhor D. Pedro V ao throno dos seus maiores, e levar-lhe os presentes que o mesmo augusto senhor lhe mandava como demonstração de boa e leal amisade.

Compunha-se a embaixada de um official superior, o major André Pinheiro da Cunha, do reverendo conego Moura, e do commissario da expedição, auctor d'estes modestos apontamentos de viagem.

O major André Pinheiro da Cunha, era natural de S. José d'Encoge, e supersticioso como são todos os filhos do paiz.

Abrirei, pois, aqui um parenthesis para narrar aos leitores uma lenda gentilica que o bom do major nos

contou com a mais robusta fé e profundissima convicção:

Estávamos acampados, era noite e o *cacimbo* caia com abundancia.

Em roda das fogueiras do acampamento, tinham-se formado varios grupos; as conversações corriam animadas, sem que nenhum de nós deixasse, comtudo, de fazer as honras devidas á ceia frugal que nos era servida pelos nossos moleques de serviço.

No circulo em que eu estava faziam-se diversas observações, e, arrastados pela situação em que nos achávamos, passámos a fallar de cousas extraordinarias, de ladrões, de bruxas e de feitiçarias.

O major Cunha escutava com a mais escrupulosa attenção, e, apoz uma historia de lobis-homens contada pelo jovial e folgasão capitão Gamboa, exclamou n'um tom que denunciava a mais inteira e robusta fé:

—Meus senhores, não me admiram os vossos lobis-homens. Entre nós, além de muitas outras cousas, ha os *Matumbollas*.

—E que são os Matumbollas? perguntámos todos com a maior curiosidade.

—*Matumbollas* são os *resuscitados* por artes de feitiçaria, respondeu elle.

Uma gargalhada geral acolheu a explicação do crédulo major.

—Riam, riam, que me não offendo com isso, e uma vez que encetei este assumpto, peço a palavra para mais uma explicação.

—Tem a palavra o major Cunha, disse com ar grave e solemne o doutor S.***, que, assentado em um tambor, saboreava com indiziveis delicias uma aza de gallinha assada.

—Pois então lá vae. Os *Matumbollas* são pessoas a quem os feiticeiros tiram a vida, pelo poder diabolico dos seus feitiços, para satisfação de odios proprios ou alheios, quando lhes pagam, e que, pelos mesmos meios resuscitam, a fim de fazerem d'elles o que bem lhes parece. Depois de resuscitados, andam, fallam, sentem, como os verdadeiros vivos, e somente conservam sempre o frio do cadaver. Vem a pêllo a historia de uma *Matumbolla* que eu affirmo ser verdadeira. Querem-na?

—Venha! venha! rompemos todos em côro.

E o major, depois de levar á boca o frasco com aguardente que segurava na mão direita, e beber um bom trago, começou a seguinte narrativa:

—Entre os rios *Lurua* e *Zambezi* que correm nos vastos sertões de Lunda, havia em 18*** uma povoação denominada *Quimbaxi*. Os habitantes d'aquelle internado sertão, conservam quasi todos os habitos gentilicos do commum das raças africanas, não tendo tido occasião de os modificar sensivelmente pelo trato aturado com os européus. Vivia, pois, alí um preto a quem a avançada idade privára totalmente do uso das pernas. Entrevado havia muito tempo, todos os carinhos, todas as affeições d'aquella alma selvagem, se tinham concentrado em *Juca*, sua filha, unico amparo e consolação da sua velhice.

«*Juca*, era um dos mais notaveis typos da belleza africana, que se realça principalmente pela regularidade e pureza das fórmas.

«Entre os mancebos que pretendiam agradar-lhe, distinguia-se *Giolo*, o mais famoso caçador da *Sanzala*, alma de fogo, natureza arrebatada, que media o amor que *Juca* lhe inspirava, pelo desejo violento de a possuir, que o dominava. Vendo regeitado o seu affecto, e tendo

jurado que lhe pertenceria aquella mulher, lembrou-se de a fazer *Matumbolla*, recorrendo para isso a um afamado feiticeiro d'aquelles logares.

«*Juca* bebeu pois uma certa poção que devia produzir n'ella uma morte temporaria, e um mez depois exhalava o ultimo suspiro.

«*Giolo* tinha logrado o primeiro resultado do seu funesto designio.

«Fôra o corpo enterrado. O cemiterio era situado á beira do caminho, fóra da povoação, na clareira de uma floresta de arvores giganteas e ricas de vegetação. A noite ia alta, e estava escura e tormentosa.

«Grossas cordas de agua se desprendiam das nuvens ao ribombar medonho de uma horrivel trovoada: *Giolo* e o feiticeiro encaminharam-se para o logar onde jazia o corpo de *Juca*. Chegados ali, aquelle ultimo, vendando os olhos a *Giolo*, recommendou-lhe que não procurasse ver o que se ia passar, sob pena de cair redondamente morto.

«Ao cabo de algum tempo, ouviu-se o som rouquenho de um instrumento que o feiticeiro tocava, e logo este ordenou a *Giolo* que desvendasse os olhos. *Juca* estava de pé, diante d'elle, tão viva e animada como se nunca tivesse deixado de existir.

«*Giolo*, que ao principio ficára aterrado com aquella apparição inesperada, sentiu de novo attacal-o a febre dos desejos, e, louco, desvairado, similhante ao tigre que se lança sobre a preza, deu um salto e tomou nos braços a resuscitada.

«Viu-se então um verdadeiro prodigio.

«A tempestade continuava em toda a sua horrivel magestade. Subitamente, um tremor pavoroso abalou os

seios da terra; o sólo abriu-se vomitando labaredas de um fogo sinistro, e, um raio desprendido das nuvens, passou entre os tres que estavam juntos da sepultura de *Juca*.

«Quando amanheceu, os habitantes do logar encontráram os cadaveres de *Juca* e do feiticeiro, estendidos sobre a terra fria e encharcada. O d'este parecia que tinha sido queimado; *Juca*, dir-se-ia que ali tinha simplesmente adormecido.

«Alguns pretos que sairam para as suas occupações ordinarias, contaram, quando recolheram, que tinham visto *Giolo*, correndo como um furioso, a embrenhar-se nas mais profundas espessuras.»

Callou-se o major, e, passados alguns momentos de silencio, perguntou-lhe um dos circumstantes:

—E o major acredita na existencia dos *Matumbollas?*

—Se acredito! Estive já a ponto de comprar um escravo *Matumbolla*, e o que me valeu foi ser advertido por alguem que sabia da pecha do desgraçado preto. Disse-me que o apalpasse, o que eu fiz... Estava frio como fria está esta noite!

D'ali em diante, o narrador d'esta lenda gentilica, ficou sendo conhecido pelo *major Matumbolla*.

VII

Do Bembe ao Congo.—Um principe preto.

Saindo do districto de D. Pedro v, o paiz offerece o mesmo aspecto montanhoso e árido, excepto nas margens dos rios onde a vegetação é prodigiosa. A distancia de quatro leguas do districto, encontra-se uma pequena povoação denominada *Lária*, onde antigamente havia uma ermida, ou capella filial do convento de Santo Antonio do Congo, da qual existe tão sómente o chão. Está ali enterrado um religioso Capuchinho, que certamente se achava em missão n'aquelles sitios.

Surprehendeu-nos o respeito que aquelles pretos tributam ás sepulturas, pois que fomos prevenidos de que não podiamos pisar a terra, debaixo da qual o *N'Ganga* (padre), dormia o seu ultimo somno. A capella ia ser reconstruida, e os pretos pediram ao reverendo conego Moura que a fosse benzer quando estivesse concluida.

Com grande pasmo nosso, nos levaram elles a ver as imagens que tinham cuidadosamente arrecadadas, e podémos admirar uma magnifica imagem de Nossa Senhora da Conceição, cuja fronte estava ornada com uma riquissima corôa de prata, de precioso lavor, varias imagens de outros santos e tres crucifixos, tudo de boa esculptura e em bom estado de conservação.

Logo que penetrámos na *cubata* (barraca) onde estavam guardadas as imagens, o *soba*, *macotas* e mais povo que nos acompanhava, ajoelharam todos, benzeram-se e resaram o Padre Nosso em lingua *Bunda*.

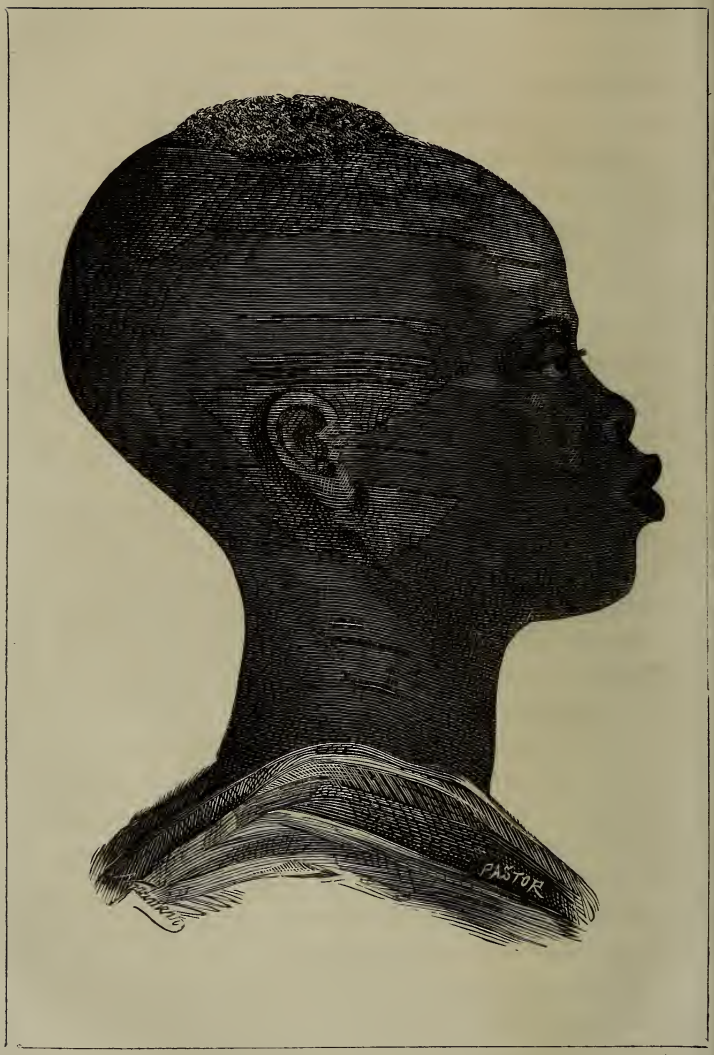
Imitámos o seu exemplo, e impressionou-nos devéras aquella veneração e acatamento pela religião do Christo.

Saindo d'esta povoação, encontrámos o rio Ambriz, esplendido pela sua grande largura, pelas margens risonhas que o orlam, pelo suave aroma que se exhala das

Uma cubata.

plantas odoriferas que ali crescem, entrelaçando-se nos troncos das arvores e formando como que uns pequenos bosques impenetraveis. Atravessámol-o em canôas, e descançámos na margem opposta gosando o formoso quadro que tinhamos diante dos olhos.

Apesar das grandes diligencias que fiz por saber a origem do nome d'aquelle rio, por isso que elle é uma continuação do *Loge*, cuja foz fica entre o districto de Ambriz e o Quissembo, foram baldados os meus esfor-



TYPO DE RAÇA MUXICONGA.

ços. Na carta geographica do fallecido conselheiro Lopes de Lima tem este rio o nome de Ambriz; mas o moderno explorador e naturalista allemão, o dr. Adolpho Bastian, com quem entretive boas relações de amizade, mencionou-o nos seus apontamentos de viagem, conservando-lhe, porém, a denominação de *Loge*, como a unica e verdadeira que lhe póde ser dada.

Todos ou quasi todos os habitantes d'este vasto sertão são cavalleiros de Christo, distincção esta em que é prodigo o rei, e que corresponde á praga dos viscondes na metrópole, e trazem a cruz da ordem feita de pannos de diversas cores. Alguns ha que rapam a cabeça deixando apenas no alto d'ella um molho de cabello, que talham em forma de uma cruz perfeita.

Quando fazem um cumprimento, ou se dirigem a pessoa de respeito, ajoelham tres vezes, beijam o chão, e só depois d'esta ceremonia é que usam da palavra.

Uma das cousas que nos surprehendeu bastante foi dizer-nos um preto que era aquelle o ultimo dia do mez d'outubro, que o dia seguinte era o de todos os Santos e o immediato o de Finados.

Empregámos todos os nossos esforços para saber como era que um preto gentio, sem que soubesse ler, e sem que por ali tivessem passado brancos, tinha na memoria todas aquellas datas. A explicação não logrou orientar-nos, embora fielmente interpretrada e traduzida pelo nosso major Matumbolla, que conhecia a fundo a lingua Bunda e os seus variados dialectos.

Os idolos e feitiços que nos outros pontos do sertão abundam consideravelmente, são ali prohibidos pelo rei, de modo que aquelles povos aprendem tão sómente a amar e a respeitar a Deus. Déra-se a circumstancia de

que, quando nós passávamos caiam n'aquelles sitios as primeiras aguas, e elles attribuiram o milagre á passagem do padre de Deus pelas suas terras.

Estes e outros exemplos mais nos fortificaram na idéa da grande importancia das missões, e nos serviços por ellas prestados á causa da civilisação.

O preto de si é docil, convence-se com a rasão e, tratando-o bem, alcança-se d'elle tudo quanto se quer. Estes tributam um grande respeito aos brancos, sem comtudo os possuir o sentimento do medo; vivem entre os brancos com a maior franqueza, fazendo mil perguntas sobre tudo quanto vêem. Uma só cousa lhes causava grande admiração: eram os dois jumentos que carregavam as nossas bagagens, animaes totalmente estranhos para elles. Nascia essa admiração de elles dizerem que aquelles bichos comiam ferro; tal era a impressão que lhes suscitava o freio.

Deu-se commigo um caso engraçado que passo a referir.

Tinha eu acabado de jantar, e fumava tranquillamente o meu cachimbo, assentado á porta da cubata que era o nosso quartel general. Em frente de mim tinha, como era costume, aproximadamente duzentos indigenas, homens, mulheres e creanças, que a curiosidade de contemplar os brancos reunia ali, e me divertiam com os seus gestos e visagens. Reparei então n'um preto que teria quando muito dezoito annos, o qual, encostado á parede da cubata, do meu lado esquerdo, olhava para mim fixamente e se aproximava pouco a pouco.

Permaneci quieto, fingindo não reparar n'elle, e quero crer que o affoutou a minha immobilidade, pois que se aproximou a ponto de tocar-me com o corpo e, em se-

guida, estendendo a mão, passou-m'a pela cara sem maior ceremonia, como que para verificar se a minha pelle era egual á d'elle. Quando o chamei para lhe dar um copo de aguardente, estava elle já no grupo dos outros pretos, dando-lhes parte do resultado do seu exame.

Os *dembos* e *sobas* são ali tambem por eleição, como nos outros sertões, e o distinctivo d'esse poder é um grande bastão que elles forram de latão amarello, tendo gravadas figuras exquisitas nas quaes se revela, comtudo, alguma intelligencia artistica.

Quando o rei ou *dembo* se lembra de lançar um imposto para acudir ás despezas inherentes ao cargo que exerce, manda cravar aquelle bastão no meio do caminho mais frequentado, e todos quantos passam ali, deixam religiosamente uma parte do que levam para vender nas *quitandas* (mercados). Fui testemunha de um facto que póde servir de modelo á obediencia mais passiva.

Mandára o rei cravar o bastão proximo de uma *quitanda* grande onde affluiam muitos generos, e para ella se dirigia um preto levando um cabrito vivo que contava vender ou trocar por vinho de palma ou sal. Logo que viu o bastão, parou, assentou-se no chão, puchou da faca que trazia á cintura, matou o cabrito, esfolou-o, partiu-o em quartos e foi collocar uma perna junto d'aquella nova especie de cofre de contribuições directas. Quando lhe perguntei porque razão procedia d'aquelle modo, respondeu-me simplesmente: «*Ordem do Mani-Congo* (rei do Congo).»

Note-se que junto do bastão não está ninguem que fiscalize o cumprimento do imposto, e só á noite vem um

encarregado arrecadar o producto das offertas feitas durante o dia. Se na Europa pegasse esta moda, livravam-se facilmente de graves embaraços os governos.

Seguimos a nossa derrota, e n'um pequeno povoado onde resolvemos pernoitar, tivemos noticia de que D. Alvaro, um dos filhos do rei do Congo, se achava ali, de caminho que trazia para o districto D. Pedro v, a cumprimentar o tenente coronel Salles Ferreira. Com effeito, d'ali a pouco, appareceu-nos elle precedido de alguns dignatarios da corte do rei seu pae, e de uma especie de arauto que assoprava desesperadamente, com toda a força dos seus pulmões, n'uma bozina feita de uma ponta de marfim.

D. Alvaro é de estatura baixa, á sua physionomia accentuada, verdadeiro typo da raça conhecida pelo nome de *Muxi-Congos*, dão realce uns olhos pequenos mas vivos, nos quaes ha como que uma expressão maliciosa que o differença muito do geral dos pretos d'aquelle sertão. Falla soffrivelmente o portuguez, lê, escreve e tem a mania das citações biblicas, a proposito de tudo.

Era elle que exercia as altas funcções de secretario particular do Estado, e tinha a seu cargo a conservação do archivo real, e toda a correspondencia official que era competentemente referendada pelos ministros respectivos.

Concordámos em que elle retrocederia e nos acompanharia até á capital, a cidade de S. Salvador, residencia do rei seu pae, voltando depois na nossa companhia.

No dia seguinte pozemos-nos a caminho, e por volta das duas horas da tarde, avistávamos os chamados *muros reaes*, dentro dos quaes residem o rei e a côrte.

VIII

S. Salvador do Congo.—Recepção official. Templos.

A chamada cidade de S. Salvador, capital do reino do Congo, está situada sobre uma grande montanha, para o lado do norte d'aquelle vastissimo territorio. Esta montanha, forma na sua crista um grande plató, e pelos seus flancos deslizam doze abundantes veios de agua dôce e cristalina, por entre canaes de pedra bruta, formados pela natureza. Na base da montanha, ha um rio denominado, *Luégi*, que corre do lado do sul da cidade, indo encorporar-se ao Loge ou Ambriz, depois de um curso de 70 ou 80 leguas. Tem dez braças de largura, duas de profundidade, as aguas são barrentas e encontram-se n'ellas alguns peixes e crocodilos, que os pretos affirmam não fazerem mal algum.

Fômos hospedados n'uma cubata, e o rei mandou-nos dizer, por D. Alvaro, seu filho, que no dia seguinte, ás 11 horas da manhã, seriamos recebidos em audiencia solemne.

Durante a noite mimosearam-nos com repetidas serenatas, capazes de promoverem ataques de hydrophobia, e recebemos um sem numero de visitas que esgotaram completamente uma ancoreta de aguardente.

Não lográmos pregar olho e, mal rompia a manhã,

iamos para sair a dar um passeio, quando nos avisaram de que o não podiamos fazer, antes de sermos recebidos por sua magestade.

Tivémos de nos resignar com a etiqueta *muxiconga*, e de esperar anciosos que soasse a hora da recepção official.

Annunciou-se esta por um grande alarido, e por uma multidão enorme de pretos que se dirigiam para a nossa residencia, saltando, gritando, gesticulando e disparando tiros, signal de verdadeiro regosijo entre todos os povos dos sertões. Era uma algazarra infernal, a que mal resistiam os nossos ouvidos e as nossas cabeças, já bastante enfraquecidos pela privação do somno.

Puzemo-nos a caminho para a residencia real, mal contendo o riso, tão extravagante era o cortejo que nos acompanhava e o proprio papel que representávamos.

Chegámos finalmente, e, por entre alas dos dignatarios do estado e das concubinas do rei, quantidade constante em todas as grandes ceremonias, penetrámos no chamado palacio real.

E' este uma cubata, em tudo similhante ás que se encontram n'aquelle sertão, um tanto mais espaçosa do que o vulgar d'ellas, e os chamados *muros reaes* são formados por estacas e arvores muito unidas tendo apenas duas entradas.

O rei do Congo, D. Henrique II, estava na sua, pomposamente intitulada, sala do throno, de pé, com a rainha ao seu lado esquerdo, e acompanhado dos seus filhos, ministros d'estado e côrte. Trajava farda de official general, manto de velludo escarlate, forrado de arminho, e corôa de prata dourada na cabeça, objectos estes

que lhe tinham sido offerecidos pela rainha a senhora D. Maria II.

Era um preto octogenario, alto, magro, e de physionomia agradavel.

A rainha, já sexagenaria, era baixa, gorda e de physionomia alvar, quasi idiota. Trajava vestido de setim branco, sobre a pélle, com a cintura pelos sovacos, muito esguio, chegando apenas ao artelho, e deixando ver uns pés de dimensões collossaes, calçados com meias abertas de seda côr de carne, e sapatos de setim preto, com fitas traçadas. Guarnecia-lhe o pescoço um collar de grossas contas, e na cabeça ostentava um toucado, turbante, ou o que quer que era, pois não sei com que nome baptisar tão exquisitissimo adorno, com que se completava aquella *toilette*, em tudo digna da sua magestosa pessoa.

Trocádos os cumprimentos do estylo, e feita a entrega dos officios e presentes de que eramos portadores, declarou D. Henrique II que ficava summamente agradecido a sua magestade fidelissima el-rei de Portugal, pela carta e presentes que enviava, bem como pela presença de um sacerdote nos seus estados; que elle, a exemplo dos seus antepassados, se declarava sob a immediata protecção do senhor D. Pedro V, porque d'este contava com todo o auxilio de que necessitasse, a bem dos seus direitos, e que isto mesmo rectificava nas cartas que escrevia a sua magestade, ao governador geral da provincia d'Angola, e ao tenente coronel Salles Ferreira.

Finda a audiencia, retirámos na mesma ordem, e por entre uma nova algazarra, por ventura mais infernal ainda do que a que nos acompanhára na vinda.

A tarde d'esse dia empregámol-a em visitar a capital e os seus arrabaldes.

Foi então que podémos avaliar o muito que fizeram os padres missionarios, pois que contámos admirados as ruinas de doze templos que deviam ter sido magestosos, e que em tempo haviam tido as seguintes invocações: Santa Sé Apostolica—S. Miguel, onde está enterrado o rei D. Affonso I—Nossa Senhora da Conceição—S. Thiago, ou S. Jacob—Véra Cruz, onde foi baptisado o rei D. João I—Nossa Senhora do Rosario—S. João Baptista—S. José—Espirito Santo e as egrejas dos padres da Companhia, do convento dos Capuchinhos e da Santa Casa da Misericordia.

A Santa Sé Apostolica, mostrava ter sido um templo grandioso, conservando ainda meias paredes e algumas arcarias de um trabalho primoroso.

A egreja de S. Miguel conservava ainda de pé parte da capella mór, com o competente arco e as paredes; de todos os outros templos existiam tão sómente os alicerces.

Ao sul da cidade havia uma grande sanzala, conhecida pelo nome de Hospicio de Santo Antonio, cujos habitantes se reputavam ainda escravos, por isso que todos aquelles terrenos faziam parte dos bens pertencentes aos conventos.

Ficámos egualmente maravilhados de encontrar-mos uma casa alta de madeira, mil vezes superior em apparencia e commodidade ao intitulado palacio real, completamente deshabitada.

O filho do rei, D. Alvaro, que nos servia de guia, appressou-se em nos explicar que estavam ali arrecadadas as imagens das egrejas, por isso que o melhor logar devia pertencer sempre aos santos.

Pelo que fica exposto, vê-se claramente a preponderancia que, tanto os padres da Companhia de Jesus, como os religiosos Barbadinhos, exerciam sobre aquelles povos. Todos lhes prestavam preito e homenagem, eram tratados com brandura, e honravam-se com intitularem-se escravos dos sacerdotes de Deus.

Por occasião dos Barbadinhos abandonarem o reino do Congo, muitos dos pretos que estavam debaixo da sua jurisdicção, fugiram para o Bembe, ficando comtudo alguns, cujos descendentes são os que habitam hoje ainda o já referido Hospicio de Santo Antonio.

IX

O juramento. — Dynastia do Congo. Uma carta régia

Como disse já n'estes apontamentos de viagem, quasi todos os subditos do rei do Congo são cavalleiros da ordem de Christo, mas não podem reputar-se sagrados ou professos, sem que um sacerdote lhes defira um juramento, o qual se realisa do seguinte modo:

Ajoelhado o neophyto, e pondo a mão direita sobre os Santos Evangelhos, pede ao sacerdote que lhe bata tres vezes com uma espada no pescoço, emquanto elle repete as seguintes palavras:

«Juro aos Santos Evangelhos defender o nosso rei, a «Santa Religião catholica e apostolica romana, respeitar «a um só Deus, dar auxilio a todos os sacerdotes que «apparecerem no reino do Congo, e perseguir todos os «idolos e feitiçarias.»

Finda esta ceremonia, sobretudo a da espada, que reputam indispensavel, ficam considerados perfeitos cavalleiros, sem que careçam de mais algum alvará ou diploma.

A formula d'este juramento despertou em mim uma grande curiosidade e empreguei todos os meios de averiguar a sua origem.

Foram porém baldados os meus esforços.

D. Alvaro facilitou-me uma visita aos archivos do Estado, prohibindo-me, comtudo, expressamente tirar copia do mais insignificante documento, o que seria reputado, infallivelmente, um crime de lesa magestade.

Visitei pois os archivos, onde encontrei documentos muito importantes que seriam valiosos subsidios para a historia do Congo, sobretudo na parte que diz respeito ás relações d'este reino com a metrópole, e derramariam uma verdadeira luz sobre a supremacia que em todos os tempos teve Portugal sobre todos aquelles territorios. Infelizmente, a vigilancia activa de D. Alvaro, que exercia escrupulosamente as funcções de chanceller do Estado, não me permittiu colleccionar os que se me afiguravam de maior valor historico.

A muito custo pude obter, unicamente, copia da serie chronologica dos reis de Congo que, abandonando o fetichismo, receberam o sacramento do baptismo, e nos quaes começa a verdadeira dynastia reconhecida d'aquelle reino, depois de que se collocou sob a protecção immediata dos reis de Portugal.

Seguem elles pela ordem seguinte:

D. João 1.º, D. Affonso 1.º, D. Garcia 1.º, D. Diogo 1.º, D. André 1.º, D. Bernardo 1.º, D. Alvaro 1.º, D. Alvaro 2.º, D. Alvaro 3.º, D. Pedro 1.º, D. Affonso 2.º, D. Bernardo 2.º, D. Ambrosio 1.º, D. Alvaro 4.º, D. Alvaro 5.º, D. Alvaro 6.º, D. Garcia 2.º, D. Antonio 1.º, D. Alvaro 7.º, D. Alvaro 8.º, D. Pedro 2.º, D. Alvaro 9.º, D. Rafael 1.º, D. Affonso 3.º, D. Daniel 1.º, D. Manuel 1.º, D. Pedro 3.º, D. Manuel 2.º, D. Garcia 3.º, D. Nicolau 1.º, D. Sebastião 1.º, D. Pedro 4.º, D. Alvaro 10.º, D. José 1.º, D. Affonso 4.º, D. Antonio 2.º, D. Alvaro 11.º, D. Aleixo 1.º, D. Henrique 1.º, e D. Pedro 5.º,

D. Alvaro 12.º, D. Garcia 4.º, D. Garcia 5,º, D. André 2.º, que não chegou a ser coroado, e D. Henrique 2.º, que subiu ao throno em 1842, e foi coroado aos 13 de janeiro de 1844, conforme consta do respectivo auto de acclamação, e da carta régia de reconhecimento, rubricada pela senhora D. Maria 2.ª.

Por morte do rei D. Henrique 2.º, succedeu-lhe seu sobrinho D. Pedro 6.º que foi devidamente coroado, mediante a approvação de sua magestade el-rei D. Luiz 1.º de Portugal. D. Pedro 6.º contraiu nupcias com D. Maria José, em 12 de agosto de 1861, como se vê do auto seguinte:

«Anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo, «de mil oitocentos sessenta e um, n'este *concelho* de S. «Salvador do Congo, ás oito e meia horas do dia e no «local destinado ao culto divino, achando-se presente o «rei do Congo e todos os grandes do reino, em presen«ça das testemunhas abaixo assignadas, se receberam «por marido e mulher, segundo as determinações do «concilio Tridentino, D. Pedro, rei do Congo, e D. Ma«ria José. E para assim constar se lavrou este termo que «vai por mim assignado com testemunhas.

«S. Salvador do Congo, 12 de agosto de 1861.—José «Maria de Moraes Gavião, parocho do Bambe. — Teste«munhas, Antonio Bernardo de Souza, capitão comman«dante da força.—Antonio Augusto Pereira de Azevedo, «tenente do batalhão expedicionario.»

Foi no reinado d'el-rei D. João 2.º que veiu a Portugal o primeiro embaixador do *Manicongo* (rei do Congo), requerer, em nome deste potentado, ministros da religião catholica e apostolica romana, e officiaes mecanicos para instruirem o seu povo, visto como era grande a

sua sympatha e respeitosa admiração pelo muito excellente e poderoso *Maniputo* (rei de Portugal), e o seu reconhecimento pelo bom agasalho feito aos seus vassallos que ao reino tinham vindo, na companhia do famoso descobridor Diogo Câm.

Em satisfação d'este pedido, partiu de Lisboa, em 1490, a primeira missão ao Congo, que logo construiu ali a capital de S. Salvador, que tinha por nome gentilico *Ambasse*, a egreja Cathedral de Santa Cruz, e uma fortaleza.

D'ali em diante, estreitaram-se cada vez mais as relações de boa amizade entre Portugal e o Congo, cresceu a nossa influencia em todo aquelle vasto territorio, e até hoje todos os *Manicongos* prestaram sempre homenagem de respeito e alta consideração aos reis de Portugal.

Em tempos remotos, o rei do Congo, talvez que po inveja do longo ditado dos reis de Portugal, usou dos seguintes titulos:

«F... por Divina Graça, augmentador da conversão «da fé de Jesus Christo, defensor d'ella n'estas partes «da Ethiopia, rei do antiquissimo reino do Congo, An«gola, Matamba, Veangá, Cundi, Lulha e Sonso, Senhor «dos Ambudos e dos Matumbollas, e de outros muitos «reinos e senhorios a elles comarcãos d'aquem e d'alem, «e do mui espantosissimo rio Zaire, suas margens e «aguas vertentes, de toda a costa do mar salgado e suas «praias, etc.»

Por el-rei D. Manuel foi-lhe dado um escudo tendo as seguintes armas:

«O campo vermelho e o chefe do escudo azul, e n'elle uma cruz de prata florida, e em cada canto do chefe

duas vieiras d'ouro, e um pé de prata com um escudo dos cinco de Portugal, que é de azul com cinco besantes de prata em aspa; e de cada parte do dito escudo está um idolo negro quebrado, e a cabeça para baixo. E sobre o vermelho estão cinco braços armados com senhas espadas nas mãos e com os punhos nas mãos; e o elmo de ouro aberto, e em cima uma corôa de rei, e o timbre os cinco braços com as suas maças de ouro nas mãos.»

Aos seus nomes e titulos, juntavam egualmente os *manicongos* appellidos da sua invenção, analogos a algum passo da Escriptura, ou santo da sua particular devoção, como se póde vêr nas assignaturas extravagantes do manifesto que o rei do Congo D. Antonio publicou em 1665, quando declarou a guerra aos portuguezes. Fecha do seguinte modo o curioso documento:

«Dado, passado n'esta côrte do Congo, cidade de S. Salvador, no tribunal do estrondo da guerra, perante os do supremo conselho, pelo secretario menor D. Rafael Affonso de Attaide, gentil homem como cédro do monte Libano, por mandado do Secretario maior da puridade D. Calisto Sebastião Castello Branco, lagrimas da Magdalena ao pé da cruz do monte Calvario, aos 15 de julho de 1665. — (Assignado). — Rei — D. Geraldo Zilote Manuel Arrependimento de S. Pedro no concavo da terra, justiça maior. — D. Christovam de Aragão dos Vieiras da feliz memoria, justiça menor. — Do presidente D. Miguel Tércio pello de tres altos para borzeguins que cobrem os pés d'el-rei meu senhor.»

Algumas ainda que poucas informações que pude colher, ácerca dos codigos e leis que regem aquelles povos, provaram-me á evidencia que a fórma do seu go-

verno, é o absolutismo na maxima accepção da palavra, absolutismo tanto mais odioso por isso que é exercido pelos instinctos da barbarie e sob a influencia da ignorancia.

O rei tem direito de vida e de morte sobre os seus vassallos, lança os impostos que lhe apraz, resolve os pleitos, escravisa ou dá a liberdade, e se bem tenha um ministerio que superintende nos diversos ramos da administração, esses ministros são meros executores da sua vontade suprema.

Foi n'outro tempo respeitavel e imponente o poderio dos reis do Congo; hoje em dia, ou porque o instincto da liberdade despertou n'aquelles povos, ou porque os sertões circumvisinhos, taes como o de Lunda, ciosos da sua preponderancia, lhe foram minando pouco a pouco a influencia, o certo è que muitos dos *sobas* e *régulos*, tributarios do *Manicongo*, proclamaram-se independentes, promoveram-lhe guerras incessantes e mortiferas, e retalharam-lhe uma grande parte do territorio.

Depois de alguns dias de descanço, fomos recebidos em audiencia solemne de despedida, e o rei D. Henrique, presenteando-nos com alguns pretos e pretas, para o nosso serviço, entregou-nos uma carta autographa para o tenente coronel Sales Ferreira, que transcrevo textualmente:

«Jesus, Maria, José.—De Sua Magestade El-Rei catholi-«co do Congo, ao tenente coronel commandante da ex-«pedição Francisco de Salles Ferreira.

«Fostes vós servido mandar á minha côrte uma embai-«xada, portadora de uma carta para mim. Agradeço-vós es-«ta prova de bom vassallo de Sua Magestade Fidelissima: «vejo com gosto o que n'ella me dizeis, e acreditae que

«fiquei muito contente de ser informado, por alguns dos «meus subditos, do bom tratamento de que usastes para «com elles, já recebendo-os e prestando-lhes attenção, «já fazendo-lhes generosos presentes, de que tudo sou «conhecedor. Acreditae que a maneira porque soubestes «desempenhar a commissão que vos foi incumbida, é «para mim a mais satisfatoria, e estou certo que o ha de «ser para Sua Magestade Fidelissima, a quem escrevo «n'esta occasião a carta que vae junta; com os meios de «que vos servistes, fizestes mais do que farieis com os «da guerra, o que eu sentiria muito.

«A vinda do reverendo conego missionario, é tambem «uma prova da consideração que me tendes; tenho visto «com satisfação a maneira porque tem cumprido a sua «santa missão, e ficae certo que muito me contenta a «maneira porque tambem tem sido tratados por elle os «meus filhos, não querendo d'elles receber cousa algu«ma pela administração dos Santos Sacramentos, e con«solidando ainda mais nos meus Estados a Santa Reli«gião de Deus Nosso Senhor Jesus Christo, o que eu, «El-rei catholico do Congo, agradeço a elle e a vós.

«Recebi o generoso presente que me mandastes por «parte de Sua Magestade Fidelissima e affirmo-vos que «não hei de esquecer a vossa dedicação aos meus Esta«dos e subditos. O que tendes feito quanto a serem em«pregados os meus subditos em tirar o cobre das mi«nas, é-me muito agradavel e me obrigo a repetir o que «disseram muitas vezes meus avós, que eu, meus esta«dos e subditos, me colloco sob a immediata protecção «de Sua Magestade Fidelissima, o que juro e declaro «diante das gentes do mundo, esperando que vós conti«nuareis a ser tão bom protector de meus vassallos como

UMA VISTA DO CONGO

«tendes sido até aqui. Escrevei-me a miudo, que n'isso «muito gosto tenho. Escripta em S. Salvador do Congo, «aos 8 de novembro de 1856.—D. Henrique II, rei ca- «tholico do Congo.»

Como se vê, em que peze a estrangeiros, recentemente ainda o rei do Congo, a exemplo de seus avós, collocava-se «sob a immediata protecção» do rei de Portugal.

X

D. Nicolau Agua-Rosada.—Intrigas anglo-brazileiras.—A bandeira ingleza.—Assassinio barbaro.

O leitor que tão benevolamente me acompanhou até o Congo, permitte-me certamente que, interrompendo por um momento a nossa jornada, abra um parenthesis para lhe fallar do filho do rei D. Henrique II, D. Nicolau Agua-Rosada, cuja morte horrorosa foi como que um castigo da traição impensada que elle pretendia fazer ao governo portuguez, de quem recebera innumeros e valiosos beneficios.

No reinado da rainha a senhora D. Maria II, veiu a Lisboa um filho do rei do Congo, por nome D. Nicolau Agua-Rosada, e o governo portuguez, não só o recebeu com distincção, como tambem cuidou da sua educação, dando-lhe mestres que lhe ensinaram a ler, escrever e alguns rudimentos de francez. Acompanhava-o então o capitão Antonio Joaquim de Castro, que hoje está reformado em general de brigada.

Regressando á provincia de Angola, D. Nicolau não quiz voltar ao Congo, por isso que o seu trato com os europeus não lhe permittia já amoldar-se aos usos gen-

tilicos da sua nação, e ficou em Loanda, onde foi empregado na contadoria da Junta da Fazenda Publica.

D. Nicoláu Agua-Rosada era um preto alto, de côr retinta, physionomia sympathica, perfeito typo da raça *muxiconga*, que se distingue sobretudo pela proeminencia das faces, pela estreiteza da fronte, pela grossura dos labios; modesto, intelligente, pouco expansivo, mas de maneiras affaveis e polidas.

Em breve grangeou as sympathias geraes e, como empregado publico, era excessivamente zeloso no cumprimento dos seus deveres.

O seu bom serviço e aptidão, valeram-lhe ser promovido a 1.º escripturario, e, em 1857, era despachado para o logar de escrivão da delegação da Junta da Fazenda, no districto do Ambriz, onde eu exercia então o cargo de thesoureiro da mesma delegação.

Vivemos sempre na mais excellente camaradagem, e todos lhe eram affeiçoados pela sua lhaneza, honestidade e rectidão. Fermentavam então em Loanda umas certas idéas utopistas de independencia, com que alguns exaltados filhos do paiz pretendiam libertar a *mãe patria*, como lhe chamavam, do dominio portuguez. Fallava-se em republica, em opção pela nacionalidade brazileira, e havia mesmo quem pensasse em fazer presente da *patria querida* á republica dos Estados-Unidos da America.

Como se vê, era uma independencia que tinha o seu tanto ou quanto de original.

A Inglaterra, que porfia sempre em não reconhecer os direitos que tem a corôa de Portugal sobre os territorios da Costa Occidental d'Africa, sobretudo nos comprehendidos entre Ambriz e o cabo Molembo, e não tinha visto com bons olhos a occupação do Ambriz e ter-

ras do Bembe, com pleno assentimento dos differentes régulos e potentados, bem como do rei do Congo, quiz, ao que parece, aproveitar o ensejo para protestar d'essa occupação, e valeu-se para isso de D. Nicoláu Agua-Rosada que devia, perante os tribunaes inglezes, fazer valer os seus direitos sobre o reino do Congo e suas dependencias.

Para a melhor realisação d'este trama insidioso, cooperou muito um agente brazileiro, quero crêr que sem o assentimento do seu governo, e preparou-se tudo para a fuga de D. Nicoláu Agua-Rosada, que devia ser recebido a bordo de um navio de guerra inglez e transportado a Inglaterra.

Na manhã de um domingo, pediu-me D. Nicoláu emprestada a minha *tipoia*, manifestando o desejo de ir dar um passeio ao Quissembo, onde eram situadas as feitorias inglezas. Tentei dissuadil-o do seu intento, fazendo-lhe ver a inconveniencia de um similhante passo, e o risco a que se ia expôr, por isso que os pretos gentios do norte do Ambriz o não viam com bons olhos por elle ter abandonado o Congo, e viver em trato intimo com os brancos.

Não valeram nem os rogos nem as observações. D. Nicolau partiu em viagem de recreio ao Quissembo, indo hospedar-se n'uma feitoria ingleza a cargo de um tal Morgan, que tinha sido o negociador activo de toda aquella vasta intriga, para d'ali embarcar no vaso de guerra que o esperava fundeado a distancia de tres milhas.

N'aquella noite não regressou D. Nicoláu ao Ambriz, o que já nos causou graves apprehensões; e logo na madrugada seguinte, os pretos que affluiram á *quitanda*, (mercado), espalharam a noticia de que o desgraçado ti-

nha sido morto e esquartejado pelos pretos do Quissembo.

Era infelizmente verdade.

Sabendo os pretos que D. Nicoláu se achava no Quissembo, dirigiram-se em tropel, com grande vozearia, á feitoria ingleza, reclamando do encarregado d'ella a entrega do desditoso principe que, segundo elles, incorrera n'uma grande *cabala* (crime), e tinha de ser julgado pelas leis gentilicas.

Negou-se o inglez á satisfacção do pedido; instaram os pretos, ameaçaram incendiar a feitoria, e Morgan, vendo-se n'uma posição critica, mandou içar a bandeira ingleza, julgando-se d'este modo a coberto de qualquer insulto ou aggressão.

Este rasgo de orgulho britannico foi a sentença de morte do desditoso moço, victima demasiado credula de todo aquelle trama, porque, seja dito em boa verdade, os pretos, comquanto nos não consagrem demasiada sympathia, optam sempre, em toda e qualquer eventualidade, pela nacionalidade portugueza, e protestam energicamente todas as vezes que vêem tremular em territorio seu, pavilhão que não seja o das quinas.

Invadiram pois a feitoria, arriaram a bandeira ingleza, que despedaçaram e pizaram aos pés, apoderaram-se de D. Nicoláu Agua-Rosada, que mataram barbaramente a golpes de *machete* (faca de matto), decepando-lhe em seguida os membros e levando em triumpho a cabeça espetada n'um pau.

Tal foi o fim do ambicioso moço que, esquecendo os beneficios que devia ao governo portuguez, se deixou seduzir pelo futuro deslumbrante que uma diplomacia insidiosa lhe promettia em recompensa da sua traição.

Em tudo quanto deixo dito, não ha a mais pequena omissão ou exagero. Não sei se alguem narrou o facto de modo differente; o que affirmo é que expuz a verdade, e tão sómente a verdade, como o podem attestar todos quantos se achavam no Ambriz quando se deu essa tristissima occorrencia.

XI

Feiticeiros e adivinhos.—Um chinguilamento.—Ceremonias funebres.

Entre as diversas superstições profundamente enraizadas no espirito dos povos dos sertões africanos, figuram em primeiro logar a veneração e o respeito que tributam ao poder exercido pelo *chinguilador* (feiticeiro ou adivinho), poder sobrenatural que influe, sem appellação nem aggravo, nos destinos de cada um, e dicta a lei suprema nas questões mais graves e importantes tanto publicas como particulares.

O *chinguilador* gosa de grande veneração e respeito, por isso que lhe attribuem o dom de ler no passado e de predizer o futuro.

Crêem os habitantes dos sertões que os *zumbis* (espiritos) dos que morrem se introduzem no cerebro dos *chinguiladores*, e lhes revelam os crimes perpetrados, os adulterios commettidos, os roubos, as traições, as vinganças e sobretudo os mais importantes segredos do futuro.

O *chinguilador* exerce igualmente a profissão de *n'ganga* (cirurgião), e é chamado para as doenças

graves, fazendo pagar sempre por bom preço as suas consultas.

A palavra *chinguilador* deriva do verbo *chinguilar* adivinhar por artes de feitiçaria, e dá-se o nome de *chinguilamento* á ceremonia d'essa adivinhação que se realisa pela forma seguinte:

Quando o feiticeiro é chamado para descobrir o auctor ou auctores de um roubo, de um assassinio, de um adulterio, ou as causas de uma doença qualquer, forma-se um grande circulo composto de toda a gente da *sanzala* ou *banza* (povoação), e no centro do circulo collocam-se o *chinguilador* e as pessoas interessadas na adivinhação.

Começam os cantares acompanhados do competente *batuque* (especie de caixa forte muito grande, tocada com as mãos) e o adivinho que, por via de regra, é sempre um preto ladino, vae colhendo subtilmente do auditorio as causas provaveis da doença, ou os indicios e suspeitas do crime commettido.

Quando se julga sufficientemente informado, solta um grande grito, como que annunciando que o *zumbi* se lhe introduziu no cerebro, e começa então o *chinguilamento* ou adivinhação.

Ha negros perfeitissimos n'aquella arte, e o europeu que pela vez primeira assiste a similhante espectaculo, fica de certo maravilhado.

Com os olhos chammejantes, a boca coberta de espuma, os labios frementes, dilatadas as narinas e o corpo contrahido, o *chinguilador* entrega-se ás mais phantasticas e extravagantes evoluções, em tudo similhantes ás de um verdadeiro posesso. Multiplicam-se as momices e as visagens, os saltos e as cabriolas, até que ex-

tenuado, se deixa cair sobre uma esteira que, para esse fim, é de antemão ali collocada, e só no fim de meia hora, ou maior espaço de tempo, é que pronuncia o seu juizo, isto é, o nome do auctor do crime ou a origem da doença.

Seja porém qual fôr a sua sentença, é unanimemente aceite e proclamada como uma grande verdade.

Para os crimes de roubo, a pena applicada é a *cabala* (multa); para os ferimentos ou morte, vigora a pena de Talião, tudo, porém, por sentença de um tribunal composto de um juiz, um accusador, um advogado do reu e o competente jury.

O dia de maior festa entre os gentios, é aquelle em que morre um parente ou um amigo, e a ceremonia do *tambi* (funeral) é feita sempre com grande pompa e regosijo.

Logo que a pessoa morre, cortam dois paus que, collocados desde os calcanhares até os sovacos, de um e outro lado do corpo, são perfeitamente ligados a este, envolvendo igualmente os braços que ficam parallelos ao tronco. Em seguida é este envolvido em muitas peças de fazenda, ornados o pescoço e a cintura com muitos fios de missanga e coral falso, e deitado sobre uma esteira, em torno da qual se accendem fogueiras que duram até o dia do enterro.

As carpideiras invadem a *cubata*, e, em grande alarido, ao som de *batuques*, começam a enumerar as boas qualidades do defunto.

Dura isto tres dias, findos os quaes é o corpo levado para uma grande cova, e collocado sobre tres forquilhas, sendo em seguida coberta a cova com folhas de palmeira e rodeada egualmente de fogueiras.

No dia marcado para a ceremonia funebre, acorda a

povoação em festa. Logo ao romper da manhã, cessa o côro das carpideiras, para dar logar ás demonstrações de regosijo. Succedem-se as danças e os cantares, resoam os tiros, circula o *malavo* (vinho de palmeira), e a embriaguez e a loucura apoderam-se de todas as cabeças. E' um alarido infernal.

Em seguida, tem logar o banquete, dado pela familia do defunto aos amigos e forasteiros que as pompas da festa attrahem á *sanzala*.

Consta quasi sempre o banquete de carne de porco assada nas brazas, cabrito, ratos do campo, *bagres* (peixe pequeno das lagôas), mandioca crua, *bombó* (mandioca apodrecida na agua e secca ao sol), *infunge* (massa feita com a farinha espoada da mandioca), adubado tudo com um picante molho de *dongos* (pimentos) e acompanhado com as competentes libações do liquido extrahido do olho da palmeira, bebida muito refrigerante quando tomada logo que se extrahe da arvore, mas amarga e repugnante depois de fermentada.

Terminado o banquete, é o corpo levado para a derradeira morada, e ali recebe os presentes de que deve ser portador para os amigos e parentes que se partiram já d'este mundo.

No funeral dos *Dembos Caboucos* ha mais uma ceremonia, a qual é só peculiar do seu povo,

Quando morre algum dos *Dembos*, vae toda a gente do seu *sobado*, homens, mulheres e creanças, ao sitio onde se lhe abriu a sepultura, levando cada individuo uma pedra que ha de servir para a construcção do mausoleu,

Levantado este, permanecem ali os *macotas* e mais povo, esperando pela primeira pessoa que ali passar a

quem é cortada a cabeça que vae servir de remate ao famoso tumulo.

E' egualmente curioso o modo porque os cadaveres são conduzidos ás sepultnras que lhes estão destinadas.

Amarram-lhes os pés e as mãos, suspendem-n'os em um pau, e assim pendente, com a cabeça para baixo, são levado por dois negros, pela mesma forma como usam carregar as *tipoias*.

Este caso dá-se unicamente quando o defunto não é *soba*, *macota* ou qualquer outra dignidade de elevada cathegoria. A estes são prestadas maiores honras.

Modo de conduzir os cadaveres

XII

Religião

Não é empresa facil descrever com exactidão as differentes religiões, se este nome se lhes pode dar, observadas pelos povos gentilicos dos diversos sertões da Africa occidental. Variam ellas do mesmo modo que os usos, as leis e as raças, conforme o viajante se embrenha nos vastissimos territorios dos differentes potentados, quer avassallados ou independentes.

Essas religiões, que melhor se podem chamar crenças supersticiosas, não derivam da mesma origem, e cada povo, ao passo que falla uma linguagem diversa, obedece a leis especiaes, tem os seus usos peculiares, é mais indolente ou aguerrido, assim tambem presta culto a idolos diversos e adora este ou aquelle elemento que lhe parece mais propicio.

Pode, todavia, estabelecer-se como regra geral, que em todos esses povos predomina a idolatria *fetichista.*

Temos pois que, em muitos sertões, os seus habitantes acreditam na existencia de dois principios oppostos, consubstanciados em duas entidades invisiveis e sobrenaturaes, a que se pode dar os nomes de *deus do bem*

e *deus do mal*. O primeiro, comquanto pareça merecer um culto mais ardente, é, pelo mesmo facto de presidir ao bem, o que gosa de menos veneração, por isso que, dispensador do que é justo e bom, ha a esperar d'elle, tão sómente, misericordia e benignidade. O *deus do mal* pelo contrario, incute medo pelo seu poder, pelos castigos que fulmina e pela sua influencia funesta em todos os actos da vida.

É, pois, esse deus o objecto de um culto e de uma

Idolos ou Manipansos. (Muquixi.)

veneração espantosos. Procuram applacar-lhe as iras á força de offrendas, e consultam-n'o e conjuram-n'o, sempre que os ameaça um perigo ou pretendem praticar o mal.

Esses dois principios oppostos, do bem e do mal, são representados por idolos de pau ou de barro, de figura humana e recebem os nomes de *Itéque*, *Muquixi* ou *Cazonda*, conforme os sertões onde são venerados.

Ordinariamente são estes idolos collocados dentro de um cercado formado de estacas e capim, quasi sempre junto de uma lagoa ou de uma nascente de agua potavel.

É lei suprema entre os indigenas não passarem perto d'esses idolos sem fazerem uma oração breve, que consiste em implorar-lhes a protecção, acompanhada sempre de uma offerta qualquer. Dentro do cercado, que serve de templo áquellas divindades, só é permittida a entrada aos circumcidados e ás virgens.

Abrindo um parenthesis, diremos de passagem que, comquanto em todos os vastos sertões d'Africa esteja introduzida a circumcisão, não ligam a essa pratica idéa alguma religiosa aquelles povos idólatras.

Além dos idolos *Itéque*, *Muquixi* e *Caanda*, de que fallámos já, tem culto tambem um outro deus, de poder mais limitado, a que chamam *Huco*.

Não é raro, tambem, encontrar algumas tribus que adoram o sol, a lua, as estrellas e até o gado, que nunca vendem, e evitam, quanto possivel, matar.

É geral igualmente a superstição de que existem uns sêres espirituaes que presidem ao nascimento e influem no animo do recem-nascido, conforme são inclinados ao bem ou ao mal; por isso, é crença robusta entre o gentio, que ninguem pode esquivar-se á influencia do ser espiritual que presidiu ao seu nascimento, recebendo d'elle os instinctos que o dominam até á hora da morte.

É vastissima a nomenclatura d'esses sêres espirituaes e d'entre elles citaremos apenas os mais importantes que se intitulam: *Nzagui*, *Cambendo*, *Cuibaxi*, *Risengi*, *Nginga*, *Calembe*, *Cabilla*, *Quinenho*, *Muta*, *Lunida*, *Quibucar*, *Quimbangala*, *Bulamocamba*, *Heei*, *etc.*

Com quanto não exista a crença na transmigração das almas, é todavia ponto de fé, entre todos esses povos, que as almas ao desprenderem-se dos corpos, conservam-se invisiveis no ar, girando constantemente em roda dos parentes e amigos que deixaram na terra, e por isso estes não bebem nunca aguardente, nem fumam a *macanha* (tabaco), sem repartirem com os espiritos, *zumbis*, que os acompanham sempre. Consiste essa ceremonia de respeito pelas almas dos que se finaram, em derramarem no chão uma pequena porção de aguardente, e em expellirem para o ar o fumo aspirado dos cachimbos.

De todas estas superstições e crenças idólatras, são excepção os habitantes do Congo, onde os missionarios conseguiram implantar a religião de Christo, a ponto de, quando um padre atravessa as suas terras, correrem pressurosos a pedirem o baptismo, a que chamam *sal bento*, e a jurarem perseguição e exterminio aos idolos e feitiçarias.

Em abono do que deixamos dito, transcrevemos um trecho do relatorio escripto pelos padres missionarios fr. Raphael de Castello de Vide, André de Couto Godinho e fr. João Gualberto de Miranda que, em 1781, foram em missão ao reino do Congo, que reputamos de todo o ponto verdadeiro, por isso que tivemos occasião de o verificar quando fomos em commissão do governo áquelle reino, na companhia do reverendo conego Moura.

Dizem os citados padres missionarios, referindo-se aos povos sujeitos á jurisdição do marquez do Mussulo e duque de Bamba:

«N'estas *sanzalas* ou povoações, ouviamos muitas «vezes de noite, e de madrugada, entoar os louvores de

«Maria Santissima, junto ao pé d'uma cruz, em um ter-«reiro que é a sua igreja; Estandarte Sagrado, que to-«das as *banzas* teem, e as que a não tinham a faziamos «levantar, e benziamos com assistencia do povo, a qual «faziamos adorar em signal da nossa Redempção; o que «elles faziam com facilidade, pois teem uma santa vai-«dade de serem christãos e baptisar os seus filhos, e «trazerem grandes cruzes e crucifixos ao pescoço; ou-«tros trazem uma cruz no bordão para remate, ainda «que em outras cousas não condizem com o nome, mas «são faceis de ouvir a santa doutrina com attenção, e «se o padre os quizer demorar um dia e uma noite, ahi «estarão, e cada vez mais se vão ajuntando; e notava-se, «que parece não conheciam mais Santos, que o Nosso «Padre S. Francisco e Santo Antonio, e este santo por-«tuguez ainda mais: a Maria Santissima se conheciam «affeiçoados, a quem chamavam Mãe de Deus e do «Congo.»

Alguns escriptores, e entre elles, Lopes de Lima, atacam severamente as missões d'Africa, allegando que d'ellas resultou tão sómente uma «vã e mentirosa apparencia de christandade».

Sem pretendermos, de modo algum, refutar a opinião de homens tão esclarecidos, parece-nos, comtudo, um tanto precipitado esse juizo, ou por falta de verdadeiros conhecimentos locaes, ou por culpa de informações menos exactas, propensas a deturparem a verdade dos factos.

Não avançaremos que foi plenamente satisfatorio o resultado das missões.

É certo que não conseguiram sujeitar os povos gentilicos a aprenderem as doutrinas da igreja, nem obri-

gal-os, pela sua influencia civilisadora, a reformarem os seus usos e costumes, de todo o ponto contrarios aos preceitos da religião de Jesus-Christo.

Nem a tanto podiam ellas chegar, pois que, em vez da progredirem no seu zelo infatigavel e desinteressado, foram em progressiva decadencia, já pela incuria e abandono d'aquelles a quem competia dar-lhes impulso, já pela menos escrupulosa escolha nos sacerdotes que para ali eram enviados a pregarem a palavra de Deus.

De alguns sabemos nós que mais valia não terem pisado nunca os sertões africanos.

Além d'isso, que auxilio era dado a esses missionarios na sua obra de propaganda?

Onde estavam as leis civis, para, de accordo com os preceitos religiosos, cohibirem os abusos, e atè mesmo os crimes, que o gentio, obedecendo aos seus instintos e á sua educação selvagem, julga cousas naturaes, auctorisadas pelo seu codigo barbaro? Como reformar-lhe os uzos brutaes, affastal-o da concubinagem, mostrar-lhe á evidencia todo o odioso da escravidão, do poder do forte contra o fraco, quando as proprias auctoridades, onde as havia, eram as primeiras a darem o exemplo d'essas iniquidades monstruosas? Podia o missionario, apenas com a palavra, levar a cabo essa obra collossal de civilisação?

Se na propria capital, em Loanda, imperam impudentemente a devassidão, a crapula, a indifferença pelos preceitos religiosos e o culto das superstições idolatras, como exigir que no sertão se realisasse uma regeneração completa, sem as bases nem os elementos indispensaveis para ella?

Quem uma vez percorreu os sertões d'Africa, é que pode avaliar o muito que fizeram ás missões, e, hoje ainda, a presença de um sacerdote exemplar e esclarecido entre aquelle povo inculto, exerce uma influencia poderosamente salutar e civilisadora que, sensatamente aproveitada, produziria os mais opimos fructos.

XIII

Divisão do tempo — Lembamento. Upanda

Na minha longa peregrinação pelos differentes sertões d'Africa, uma só cousa encontrei uniforme e geralmente estabelecida entre todos os gentios.

Refiro-me ao modo porque elles dividem o tempo.

Compõe-se o anno gentilico de doze luas, que equivalem aos doze mezes do nosso anno, mas sem outra denominação especial mais do que a sua ordem numerica de 1.ª lua, 2.ª lua, etc.

O espaço que vae de lua a lua, corresponde ao periodo de 30 dias de que se compõe o nosso mez, e assim marcam elles o tempo, sendo para admirar o não se enganarem nunca, e saberem com a maior exactidão se estão na terceira, sexta ou nona lua do anno.

O que não logrei nunca verificar satisfatoriamente, foi o modo porque elles marcam e denominam o anno, ou periodo de doze luas, e sim os ouvi sempre calcular as idades pelo numero de luas que tinham vivido.

Divide-se a semana em quatro dias, a que dão os nomes de *Sonna, Cando, Conzo* e *Quende,* sendo de festa,

isto é o equivalente ao nosso domingo, o dia em que tem logar a grande *quitanda* (mercado) da povoação.

Variam por conseguinte esses dias festivos, conforme a *quitanda* cáe, nos differentes sobados, em dia *Sonna, Cando, Conzo* ou *Quende.*

É n'estes dias que o gentio, arrancando-se aos seus habitos indolentes, abandona a esteira em que vive deitado ao sol, na companhia do inseparavel cachimbo, e se dispõe á folgança; pondo em contribuição forçada as suas mulheres que lhe fornecem fazendas ou coral falso, para elle comprar *malavo* (vinho de palmeira), polvora, tabaco, sal, o os apettitosos e apimentados manjares a que não resiste o paladar do mais imprudente e arrojado europeu.

É deveras surprehendente o aspecto de uma *quitanda,* sobretudo em sobados importantes, onde é grande a affluencia de generos e de forasteiros que a ella concorrem, ou para negocio, ou por méra diversão.

Imagine-se um largo espaçoso, sombreado de espaço a espaço por frondosos *embondeiros* (arvores de sombra), e em roda d'elle, collocados no chão, os generos expostos á venda por pretas e pretos quitandeiros que, assentados sobre os calcanhares e fumando nos seus cachimbos de barro, encarecem em altos gritos a boa qualidade dos generos e a modicidade do preço. No centro d'esse vasto terreiro, uma multidão compacta, agita-se em todos os sentidos, gesticulando n'uma vozearia infernal, que mais augmenta á proporção que os vapores do vinho de palmeira vão produzindo os seus effeitos.

Então teem logar as disputas, as rixas, os espancamentos, as facadas, as mortes, acompanhado tudo pelo som das *tabalhas* e por cantigas obscenas e danças las-

civas, a que homens e mulheres se entregam com o mais desbragado furor.

Assisti a muitos d'esses espectaculos, e ainda hoje tenho presentes na memoria as innumeras barbaridades que vi praticar com um sangue frio devéras revoltante, e sem que de modo algum a folia deixasse de progredir cada vez mais animada e mais selvagem.

Disse já n'estes apontamentos de viagem que, a maior riqueza dos habitantes dos sertões africanos, consiste no maior numero de mulheres que podem adquirir, por meio de *Lembamento* (casamento), por isso que a posse de tão valioso capital lhes permitte entregarem-se aos gozos ineffaveis da ociosidade, ficando a cargo das mulheres os trabalhos do campo, os arranjos domesticos, o fornecimento do *malavo* e da *macanha* (tabaco) e, como já disse, a contribuição em coral ou fazenda para que elles vão divertir-se nos dias de festa, que são os de *quitanda* na povoação ou *sobado*.

Lembamento ou *lemba* é o nome que se dá á ceremonia do casamento entre os negros.

Consiste ella em dar, em troca d'uma donzella, aos paes ou parentes mais proximos que a governam, uma porção de fazenda, coral falso, aguardente, gallinhas, porcos, cabritos, etc., n'um valor préviamente ajustado e resolvido de commum accordo.

Combinada d'este modo a transacção, que outra cousa não é o casamento gentilico, é levada a noiva, antes de ser entregue ao *barregão* (marido), para uma cubata separada, chamada *casa do uso* ou *casa da tinta*, porque este nome varia conforme os sertões, e ali permanece durante oito dias, em tirocinio para o matrimonio, sendo visitada diariamente por um preto *n'ganga* (feiticeiro

ou medico), ou por uma velha da sanzala, perfeitamente amestrada no officio, que a põem nua, untam-lhe o corpo com varias drogas e tinta de *tacúla* e a recommendam ao *itéque* (idolo) para que a proteja, fazendo-a amar do marido e ter d'elle muitos filhos.

Passados os oito dias, é conduzida a uma outra cubata onde a ataviam com os melhores pannos que possuem, ornando-lhe os braços e as pernas com braceletes de vidro, de coral e de cobre, e outros feitos de missanga de variegadas côres. Em seguida, é levantado um estrado, no qual collocam a nubente, e reunidos todos os parentes e convidados, começam as cantigas obscenas e as danças deshonestas, nas quaes lhe pintam as scenas que a esperam, terminando a ceremonia por aclamarem-n'a *quicumbe*, que quer dizer rainha.

Em varios pontos do sertão, o grande merecimento das mulheres, a melhor qualidade que as recommenda, consiste em terem sido mundanas antes da ceremonia do *lembamento*, e em continuarem adulteras depois d'elle, ganhando por esse meio para os seus *barregões*.

A este adulterio auctorisado e lucrativo, dá-se o nome de *upanda*, e ha negro que aufere d'elle os maiores proventos, pois que possue um grande numero de mulheres ás quaes recommenda e impõe tão depravada immoralidade.

Exceptuam-se d'esta regra geral as mulheres dos *Dembos* (régulos), pois que o homem encontrado com ellas em crime de adulterio, ou é escravisado, ou paga uma multa valiosa a que dão o nome de *quituxe de upanda*.

No Zaire, Cabinda e outros pontos do norte da costa chamam a essa multa *cabála*.

O engodo por esse ganho, tão revoltante quanto im-

moral, leva os negros aos mais nefandos crimes, pois não raro é vel-os venderem os proprios parentes, exercendo o direito que lhes conferem as suas leis barbaras, a fim de, com o producto d'essas vendas, *lembarem* negras e augmentarem d'esse modo os seus meios de especulação indecorosa.

Se a mulher *lembada* se aborrece do *barregão*, tem o direito de o deixar, embora d'elle tenha filhos, restituindo-lhe o valor do *lembamento*, pelo qual elle adquiriu a sua pósse.

É muito frequente este genero de divorcio com que o *barregão* lucra sempre, por isso que, depois de ter gosado a mulher, recebe ainda o valor das fazendas e generos que deu por ella, sem contar os lucros que auferiu, por meio da *upanda*, durante o tempo que viveram juntos.

No codigo gentilico o negro é considerado senhor absoluto; não conhece, nem o prendem os laços de familia; vende os irmãos, os sobrinhos e até os proprios filhos, para satisfação de um desejo, de um capricho, de uma phantasia. E' homem na fórma, mas os instinctos são de fera. E comtudo, não é difficil civilisal-o; para essa grande obra de progresso e de moralidade, bastará crear-lhe necessidades que elle só possa satisfazer por meio do trabalho e de uma completa regeneração nos seus usos e costumes.

XIV

Ceremonial gentilico.—Os Dembos Ambuilla e Namboangongo.

O ceremonial gentilico não segue as mesmas praxes em todos os sertões d'Africa.

No Congo, por exemplo, é elle muito menos imponente do que em outros pontos do interior, já pela pouca importancia dos régulos, que são apenas uns delegados do *manicongo*, já pela pobresa do paiz, devida á incuria ao desleixo, e por assim dizer, á imbecilidade dos seus habitantes.

Não descreverei pois as ceremonias usadas pelos régulos d'esse reino, por isso que tratei já da recepção que nos foi feita pelo rei D. Henrique II, no seu palacio dentro dos muros reaes, na presença de toda a sua côrte, e mencionarei tão sómente o sequito de que se fazem acompanhar alguns dos sobas e dembos mais importantes dos sertões que visitei, e as ceremonias de que usam nos seus actos officiaes.

Principiarei pois pelo famoso dembo Ambuilla que tinha então o pomposo nome de D. Alvaro Affonso Gonçalves e se intitulava capitão mór de todos os dembos.

Sempre que este famoso régulo sae em visita a um

branco, ou em excursão official pelas suas terras, é precedido por oito musicos que caminham recuando para não lhe voltarem as costas, tocando *marimbas, batuques* e uma especie de bozinas feitas de pontas de marfim, que produzem um som estridente e desagradavel.

Seguem os *macotas* que, como disse já, exercem as funcções de ministros, conselheiros e ajudantes de campo, os quaes se occupam em limpar o caminho por onde o dembo tem de passar. Alguns d'elles empunham duas grandes e pesadas umbellas com que o resguardam dos raios do sol.

Caminha o prestito vagarosamente, parando o dembo a cada tres ou quatro passos, para receber as homenagens do seu povo e presencear a ceremonia de lhe ser deposto aos pés um arco e a competente zagaia, como que para lhe provar que ha ali armas que o defendam de alguma aggressão imprevista. Tudo isto é acompanhado de danças e simulacros de guerra.

Apoz os *macotas*, seguem outros dignatarios de menos elevada cathegoria, conduzindo uma cadeira de braços estofada, um tapete e uma almofada para o dembo appoiar os pés.

Quando este tosse ou espirra, é logo imitado por toda a sua gente, e a sua saliva aproveitada para com ella untarem o corpo os seus vassalos mais considerados, honra que só a estes é dado receber.

O trajo de gala do dembo consiste em chapeu armado, farda azul bordada a ouro, collete encarnado por sobre um outro mais comprido de seda azul bordada a prata, á cintura panno de seda azul agaloado de prata e franjado de branco, meias de seda preta e sapatos chinezes bordados a ouro.

Nos dias de simples gala, traja usualmente casaca de velludo preto, uma especie de capacete de setim amarello e encarnado, panno de seda escarlate na cintura, chinellas de marroquim com bico revirado, meias brancas e espadim com punho e guarnição de prata.

Quando o dembo se digna conceder audiencia a algum dos seus vassallos, ou o manda chamar para objecto de serviço, tem logar o seguinte ceremonial.

Introduzido o pretendente no recinto da audiencia, ajoelha a alguns passos de distancia do dembo, beija o chão, esfréga na terra o dedo indicador da mão direita, besunta com elle o meio da testa, as faces e a ponta do nariz, e bate palmas tres vezes seguidas. Depois, levanta-se, vae ajoelhar de novo aos pés do Dembo, repete a mesma ceremonia, e só então é que tem a honra de expôr a sua pretenção, ou de receber a ordem que lhe querem communicar.

Durante toda esta ceremonia atroam os ares os gritos e as acclamações da nobreza e povo, festejando a presença do seu senhor.

Não menos imponente e sumptuoso é o prestito de que se faz acompanhar o famigerado dembo Namboangongo, um dos mais poderosos régulos dos sertões africanos.

Abrem o cortejo todos os seus *macotas* formando alas, e empunhando uns bastões de metal amarello, emblema dos seus cargos, e apoz elles seguem muitos outros dignatarios com umbellas e chapeus de sol abertos.

Entre estes é levada a *tipoia* do Dembo, á qual serve de docel uma umbella encarnada franjada de amarello.

Os pretos que conduzem a *tipoia* trazem á cintura umas correias guarnecidas de guizos, que agitam constantemente produzindo um grande ruido.

Junto da tipoia caminha um preto levando uma caixa coberta com um panno encarnado, e apoz elle tres outros pretos com tres cadeiras antigas de couro estampado com pregaria amarella.

A guarda de honra é composta de doze pretos reforçados, armados com alabardas, similhantes ás de que usam os nossos archeiros, e precede-a a banda de musica levando na frente um preto de boa figura, com um grande bastão na mão, fazendo as vezes de tambor-mór.

A banda marcial compõe-se de instrumentos de latão, de flautas de canna, tambores e um bumbo, tocado com duas macetas, á moda ingleza.

Na rectaguarda da musica, vão cinco marimbeiros, com as competentes marimbas, trazendo aos hombros excellentes pelles de onça.

Fecha o prestito uma guarda de cem pretos armados de espingardas.

Devo observar que, tanto os *macotas* como todos os outros altos dignatarios, trazem pendentes ao pescoço grandes crucifixos de metal amarello.

Quando o dembo chega ao logar do seu destino, desce da tipoia e assenta-se em uma das tres cadeiras, tendo á sua direita a caixa que mencionei, a qual contém os *muquixi* (feitiços), cuja guarda é confiada ao *muenemassa* (especie de condestavel) e aos *macotas*.

Os outros dignatarios assentam-se no chão, encruzando as pernas, á moda oriental, e assim dispostos assistem á marcha em continencia, da musica, guarda de honra e força armada.

Finda a visita, levanta-se o dembo, com o mesmo ceremonial, mas antes de entrar para a tipoia, começa a

dançar acompanhado por todos os *macotas* e ao som de uma vozeria infernal de todos os que o cercam.

Em algumas occasiões, o Namboangongo faz-se acompanhar por uma guarda de mulheres levando na mão cannas bravas.

Em Cabinda e outros pontos do norte da costa, é differente o ceremonial; reservo, portanto a descripção d'elle para quando tratar especialmente d'esses sertões onde os usos e costumes são inteiramente diversos.

Os dembos Ambuilla e Namboangongo, estão avassallados ao rei de Portugal, e pertencem ambos á jurisdicção do presidio de S. José d'Encoge, districto de Zenza do Golungo.

O dembo Ambuilla, D. Alvaro Affonso Gonçalves, é um dos maiores potentados amigos dos portuguezes. Nas terras da sua jurisdicção conta para mais de 200 *sanzalas* (povoações), e póde pôr em armas cerca de dez mil homens. As grandes mattas que povoam o seu extenso territorio, produzem mais de duas mil arrobas de café, e nas suas vastas e ferteis planicies abundam o milho, o feijão, a mandioca, o mendobi, a bananeira e outras arvores de fructos indigenas.

O seu governo é absoluto e goza de um grande prestigio entre o gentio.

O dembo Namboangongo, D. Matheus Ribeiro Affonso da Silva, póde ser equiparado em importancia e poder ao Ambuilla. Tem por visinhos os potentados não avassallados, Muene Lundo e Muene Zalla, os quaes contem em respeito, e é parente proximo do famoso marquez do Mossulo.

Não tão dedicado aos portuguezes como o Ambuilla, o unico serviço que lhes presta é fornecer carregadores

para as cargas do serviço nacional, quando estas tem de atravessar as suas terras. Em tempo de guerra, póde pôr em armas cerca de quinze mil homens.

Todavia, apezar da influencia e da força de que pódem dispôr estes dois potentados, o mais dedicado e fiel alliado dos portuguezes, tem sido sempre o dembo Cabouco, cujo nome é temido em todos os sertões como o de um grande guerreiro, e não menos temido o seu poder em artes de feitiçaria.

XV

Záu, o Vestidura

Para mais facil comprehensão do veridico episodio que vou narrar, devo, primeiro que tudo, explicar aos leitores a significação da palavra *vestidura*, que serve de titulo a este capitulo dos meus apontamentos de viagem.

Como disse já em um dos capitulos antecedentes, o negro não conhece, nem o prendem os laços da familia. Para elle, os filhos e os parentes de edade inferior á sua, são um capital para explorar, uma propriedade, uns objectos de que dispõe a seu bel prazer.

O exercicio d'esse poder barbaro e selvagem é-lhe conferido pelo codigo gentilico, pois que, segundo as suas leis, o pai, o marido, o tio, o irmão mais velho tem direito de vida e de morte sobre os filhos, a mulher, os sobrinhos e os irmãos mais novos.

Succede pois, muitas vezes, que o negro contráhe uma divida em fazendas, coral, polvora ou aguardente para *lembar* uma ou mais negras, ou para satisfazer qualquer outro capricho, e como documento ou obrigação d'essa divida, dá por penhor um filho, um sobrinho ou um irmão. Este fica sendo escravo do credor até com-

pleto e integral embolso do valor do emprestimo, e ai d'elle se procura esquivar-se a essa condicção ignobil, pois que se arrisca a pagar com a vida a sua tentativa de rebellião.

A esses desgraçados, que, sem terem commettido a mais leve falta, se vêem subitamente escravisados, muitas vezes por toda a vida, pois que o pai ou o parente que os entregou como caução, não cuida nunca em pagar a divida que contrahiu, dão os gentios o nome de *vestiduras*.

Alguns ha que se resignam ou acceitam com indifferença imbecil á sua nova condicção; outros, porém, attaca-os uma tristeza profunda, e não raro succumbem, no estado de verdadeiras mumias, á melancolia que lentamente lhes vai minando a existencia.

É, pois, a historia de um *vestidura* que vou contar aos meus leitores.

Na pequena e modesta dedicatoria que fiz d'estes insignificantes apontamentos de viagem ao meu bom amigo Pinheiro Chagas, disse eu que affirmava e me responsabilisava pela verdade e exactidão d'elles, no que diz respeito á parte puramente descriptiva.

Confirmando pois essa asserção, peço aos leitores que, não lancem á conta de ficção romantica, um ou outro episodio, uma ou outra lenda com que, de vez em quando, eu interrompa a parte, por ventura, mais interessante d'estas despretenciosas narrativas.

Feita esta declaração, encetarei o episodio promettido.

Um dos *linguestéres* (corretores) de uma feitoria onde estive de hospede algum tempo, emprestára uma porção de fazendas a um negro de uma sanzala, distante umas sessenta legoas, o qual negociava em cêra e azeite de

palma. Como caução d'esse emprestimo, recebeu por *vestidura*, um sobrinho do devedor, negro de 18 annos, alto, robusto, de fórmas athleticas, perfeito typo da raça africana.

Chamava-se Záu.

O *linguestér*, para tirar uns juros valiosos do capital emprestado, puzéra o *vestidura* ao serviço da feitoria, mediante uma retribuição mensal, e regosijava-se pelo bom negocio que fizera, pois que contava vender o misero preto logo que expirasse o prazo estipulado para o embolso do emprestimo, e tinha quasi que a certeza de que tal embolso se não realisaria nunca.

Záu conquistou em breve tempo todas as nossas sympathias, pelo seu comportamento exemplar, pela sua docilidade e sobretudo por um certo ar de melancolica resignação que lhe dava um não sei que de attrahente e insinuante.

Nas poucas horas que o serviço lhe deixava livres, era certo vel-o ir assentar-se n'um logar retirado, e ahi, tirando do *quissange* (pequena caixa de madeira, ôca, tendo no tampo umas pequenas e estreitas laminas de ferro, que se ferem com os dedos pollegares), uns sons plangentes que acompanhavam uma toada monotona e triste, semelhante ao susurrar da viração pelas altas ramarias dos embondeiros, cair em completa abstracção de si mesmo, ao passo que grossas lagrimas lhe rolavam em fio pelas faces.

Seriam as saudades do seu lar que vinham pungir-lhe acerbas nos amargurados dias da escravidão? Seriam os affectos da familia, por ventura perdida para sempre, que o assaltavam e lhe attribulavam aquellas horas de isolamento e de momentanea liberdade?

Mais tarde pude verificar que Záu era uma excepção dos da sua raça. Faltava-lhe a educação; mas n'aquella natureza selvagem sobravam os instinctos generosos, a delicadeza de sentimento que se manifestava expontanea como a opulenta vegetação do seu paiz.

Záu era humilde, mas ao mesmo tempo altivo e orgulhoso.

Humilde, quando recebia uma reprehensão que julgava merecida; altivo e quasi arrogante, quando o accusavam ou castigavam injustamente.

Não se dava com os companheiros, andava sempre só, e todas as vezes que um navio nos trazia cartas da Europa, perguntava, com os olhos razos de agua, se eram *mucandas* (cartas) das nossas familias.

Záu era um bom atirador e acompanhava-me frequentes vezes nas minhas excursões venatorias.

Um dia, ao romper da manhã, saimos da feitoria com destino á caça das rôlas bravas, e internámo-nos no matto.

Era explendida a vegetação que nos cercava! Nos troncos e ramos das arvores gigantes e copadas, enredavam-se as mais variadas especies de trepadeiras e parasitas, formando como que um bosque impenetravel. Os macacos pulavam de ramo em ramo, guinchando e fazendo as mais grotescas visagens. Os papagaios e piriquitos soltavam os seus gritos desagradaveis e levantavam-se aos bandos, fugindo em diversas direcções. Uma ou outra corça, surprehendida no covil, passava com a rapidez do raio por diante de nós, e transpunha em dois saltos uma distancia prodigiosa, embrenhando-se na maior espessura do matto. Por sobre as nossas cabeças, volitavam os passarinhos das mais variegadas côres, e no

seu chilrear melodioso e incessante, como que entoavam um hymno áquella natureza esplendida. Era um espectaculo deslumbrante!

Tinhamos feito alto n'uma pequena clareira, e Záu conservava-se a uns vinte passos de distancia, com o braço apoiado no cano da espingarda, e os olhos fitos no céo, que entreviamos atravez da abobada de verdura que nos resguardava dos raios do sol nascente.

Nunca me parecêra tão triste o pobre negro!

Irresistivelmente attrahido por aquella dôr constante que o afflígia, perguntei-lhe com interesse:

—Que tens, Záu? Vamos, sentido! Olha que as rôlas não tardam em apparecer e sabes que promettemos um bom pitéo d'ellas aos brancos da feitoria.

Záu estremeceu, e, sem desviar os olhos do céo, respondeu:

—Chamam-me os *zumbis* (espiritos) da minha *sanzala*. Ha duas luas que andam sempre á roda de mim... tenho de ir reunir-me a elles.

—Deixa lá os zumbis; dá-lhes tabaco e aguardente que é o que elles querem, e trata de esfregar bem os olhos para não errares as pontarias.

Záu, sem prestar attenção ás minhas palavras, proseguiu com exaltação:

—Lá estão elles!... lá está o *N'gana-Zambe* (Deos)!... *muene-tata!... muene-tata!* (meu pai! meu pai!)

E, com uma rapidez prodigiosa, introduziu na boca o cano da espingarda, e com o dedo pollegar do pé direito puxou o gatilho.

O tiro partiu.

Por um sentimento instinctivo de horror, fechei os olhos e senti como que uma vertigem.

Quando de novo os abri, vi Záu estendido no chão, e nos troncos das arvores e nas folhas das plantas que o cercavam, estampados os miolos e pedaços do craneo.

O pezar levára-o ao suicidio.

XVI

Legislação. — Juramento de undua, Cabála. — Quituxe

Com quanto sejam de todo o ponto barbaras muitas das leis que regem a maior parte dos povos dos vastos sertões africanos, algumas ha que revelam um tal ou qual bom senso. Citarei, por exemplo, a que diz respeito á successão, tanto de bens, como de cargos ou dignidades, por isso que se me afigura essencialmente original e até certo ponto logica.

Um pai, embora tenha muitos filhos, nunca nenhum d'estes é o seu herdeiro, mas sim um sobrinho, filho de irmã, e á falta d'este qualquer outro parente mais afastado, comtanto que descenda do ramo feminino da familia.

Vejamos agora qual a idéa que presidiu a esta lei á primeira vista extravagante e injusta. Como o negro não esteja seguro da fidelidade das suas esposas e concubinas e não possa jurar ser do seu sangue a creança cuja paternidade lhe attribuem; não querendo que o filho de um estranho lhe succeda nos seus haveres, cargos e dignidades, institue por seu herdeiro o filho de uma ir-

mã, certo de que o seu sangue continuará girando nas veias d'aquelle que o fica representando.

Ora, este herdeiro é obrigado a pagar todas as dividas contrahidas pelo fallecido, a responsabilisar-se pelos damnos que este tiver causado, e a ter de cohabitar com todas as concubinas que elle possuia, as quaes, pelo seu lado, têem por dever rigoroso sustental-o e tratal-o com todo o carinho.

Succede muitas vezes que o pobre do herdeiro, para indemnisar os damnos causados pelo defunto, tem de constituir-se *vestidura* ou consentir em ser vendido, sem que possa eximir-se a essa condicção barbara.

A pena de talião vigora em todos os sertões e é rigorosamente applicada sem que valham appellações nem aggravos. O homicidio é punido sempre com a pena de morte, e não raro é ver applicar esta aos accusados de feitiços ou maleficios. N'este ultimo caso, o soba ou régulo, que é juiz nato em todas as causas, convoca os mais afamados *chinguîladores* para, por artes de feitiçarida, decidirem da culpabilidade ou innocencia do accusado, e para isso a prova mais usada é a que elles chamam *juramento de undua*.

Consiste esta prova em administrar ao accusado uma bebida composta de agua e casca ralada de uma planta chamada *encace*, que é um vomitorio violento. Se não vomita, é declarado innocente; se vomita está provada a culpa.

A maior parte das vezes a sorte do infeliz depende da boa ou má vontade e dos haveres dos seus parentes e amigos, porque, se estes se empenham em o salvar, subornam o *chinguilador* que, mediante uma boa retribuição, agita brandamente a cabaça que contém o liquido,

de modo que a casca ralada fica depositada no fundo, e e estomago do paciente supporta, sem as expellir, as doses que absorveu. Quando o crime se proclama definitivamente provado, segue-se um espectaculo barbaro e repugnante, proprio de verdadeiros cannibaes.

O negro que está mais proximo da victima, vibra-lhe logo um golpe de *machete* (faca de matto), e é este o signal para que todos se precipitem como féras sobre o paciente, e o dilacerem com as facas e zagaias, transformando-o em breves minutos n'uma massa informe, ensanguentada, palpitante, na qual difficilmente se encontram os vestigios de um ser humano. Todas estas barbaridades são acompanhadas de rugidos ferozes, gritos de guerra, saltos e evoluções ao som de batuques e outros instrumentos, com grande regosijo e por entre acclamações, por ter sido feita justiça!!

Os bens do réo são confiscados e ficam pertencendo ao auctor ou seus herdeiros, e na falta d'estes ao soba ou régulo que presidiu ao celebre *juramento de undua.*

Como disse já, os sobas e os régulos são juizes natos em todos os litigios; estes, porém, são julgados em plena audiencia, depois de longos debates dos advogados e ouvida a opinião de uma especie de jury composto dos principaes *macotas* e outros altos dignitarios.

O tribunal, ou recinto da audiencia, é sempre no largo mais espaçoso da sanzala, debaixo de uma arvore copada, a que dão o nome de *arvore da palavra.*

E' realmente curioso assistir a uma d'essas audiencias em que os debates correm sempre animados e os discursos acompanhados de gestos expressivos, e em que os oradores, arrastados pelo calor do enthusiasmo, empre-

gam, frequentes vezes, o mais poderoso de todos os argumentos, as vias de facto.

As bases tanto da accusação como da defeza, são representadas por pedacinhos de páo collocados em linha, no chão, e á medida que uma d'ellas é refutada e destruida, é retirado um dos mencionados páosinhos, procedendo-se, no fim dos debates e antes da sentença, á contagem d'elles, a fim de se verificar para que lado pendeu a balança.

O jury depois de uma larga conferencia, a que chamam *beber agua*, emitte a sua opinião e o juiz pronuncia então a sentença, que nem sempre é conforme aos preceitos da justiça, mas sim o resultado da generosidade de qualquer das partes litigantes.

Nos pleitos contra os brancos, a que dão o nome de *cabála* ou *quituxe*, são aquelles sempre os condemnados, embora a razão esteja da sua parte, e o valor das custas e da multa attinge muitas vezes umas proporções exaggeradas.

Por uma bofetada dada em um negro, vi eu pagar de *quituxe* perto de cem mil réis em fazendas e aguardente.

Deve-se confessar que n'esse ponto o nosso tribunal da Boa Hora é um pouco mais consciencioso.

Parece á primeira vista uma contradicção que, sendo os povos gentilicos dos sertões africanos de uma immoralidade e libertinagem inexcediveis, tenham leis tão rigorosas contra o adulterio. Será porém facil a explicação d'esse contrasenso quando se souber que a essa lei não preside um principio de moralidade, mas unicamente um interesse repugnante e abjecto, pois que a multa ou *upanda* imposta ao adultero é sempre avultada.

Chega a tal ponto a degradação dos negros, que mui-

tos ha que maltratam as suas espozas e concubinas por estas se conservarem honestas e os privarem de um bom ganho por meio de uma *upanda* valiosa.

Muitos ha tambem que mercadejam a honra de suas filhas e irmãs, com um cynismo revoltante, e se ufanam do bom negocio que fizeram.

Esta depravação de costumes tem influido certamente para que nos pontos d'Africa, mesmo os mais civilisados impere impudentemente a libertinagem e a prostituição.

XVII

Doença de somno.—Os fumadores de liamba. Plantas medicinaes e sua efficacia.

Quem por largo espaço de tempo residiu no interior de Angola, especialmente nos territorios situados ao norte de Loanda, por certo que mais de uma vez teve occasião de presenciar os effeitos produzidos sobre os negros pela molestia chamada somno, flagello terrivel que tem sempre por epilogo a morte.

É deveras surprehendente essa enfermidade atroz.

O negro, mesmo o mais robusto, não logra combatêl-a nunca e succumbe ao cabo de longos dias ou mezes, podendo dizer-se que durante esse periodo teve tão sómente uma vida ficticia.

Quaes as causas que produzem essa enfermidade singular; não as posso eu determinar por incompetente; posso porém affirmar que as duas ou trez autopsias a que assisti, praticadas pelo meu particular e intelligente amigo, o doutor Débange, das feitorias francezas situadas na *Crique de la Civilisation* ou Ponta do Banana, proximo da foz do Zaire, em nada o elucidaram a elle, visto como nos estudos a que procedeu nos craneos dos tres negros, mortos da terrivel molestia, não encontrou

lesão alguma que lhe podésse ser indicio da origem do mal.

A doença do somno manifesta-se geralmente por um grande quebramento de forças, absoluta falta de appetencia, e prolongadas somnolencias extremamente difficeis de combater. Estes symptomas assustadores progridem de um modo tão surprehendente e rapido, que a victima emmagrece ao ponto de se transformar n'uma perfeita mumia, cáe n'um estado de perfeito idiotismo, perde a acção e o movimento, não sente nem a fome, nem a sêde, e conserva-se dias e mezes acocorada a um canto, com os cotovêlos appoiados nos joelhos e a cabeça descançada nas mãos, insensivel a tudo, sepultada no mais profundo somno!

Vi alguns negros que no momento de soltarem o ultimo alento, apresentavam o aspecto de verdadeiros esqueletos revestidos de pelle.

É porém um facto averiguado que os fumadores de *liamba* são os que mais frequentemente succumbem a esse terrivel mal.

A *liamba* é uma planta cujas propriedades narcoticas, muito semelhantes ás do opio, produzem vertigens, lethargia, e por ventura extasis, n'aquelles que lhes aspiram o fumo, e geralmente os fumadores d'essa planta nociva, se os não attaca a terrivel e fatal doença do somno, cáem n'um completo estado de idiotismo que os aniquilla e prostra.

E tanto é assim, que em toda a Africa era e é reputado perdido o escravo que adquire o habito de fumar a liamba.

Deve notar-se que esta planta, alem dos effeitos já referidos, produz egualmente uma tosse violenta, che-

gando a parecer impossivel que se sinta prazer em lhe aspirar o fumo.

Tive occasião de observar que o uso d'esta planta era mais geralmente seguido pelos habitantes proximos do littoral, do que por aquelles que vivem nas regiões internadas do sertão. Tentei mesmo frequentes vezes fazel-os abandonar um habito tão nocivo, mas tive de renunciar a todas as minhas tentativas humanitarias.

O negro é, por indole, teimoso e pertinaz; não acceita

Enxada.—Cachimbo de liambo.—Modo de preparar os peixes para vender nas Quitandas.

conselhos, não teme as ameaças e porfia no intento que meditou, embora de todos os lados lhe surjam os embaraços e até mesmo os perigos. Assim é que por mais diligencias empregadas, ninguem logrou ainda emendal-os do uso immoderado da aguardente, do qual lhes resultam frequentes vezes conflictos graves e casos de morte.

Assim como em toda a Africa se encontra uma grande quantidade de plantas cujas propriedades são extremamente nocivas, e algumas mesmo poderosamente vene-

nosas, assim tambem é prodigiosa a variedade de plantas medicinaes cuja acção rapida e salutar é devéras surprehendente em muitas enfermidades reputadas incuraveis.

Vi muitos *n'gangas* ou curandeiros fazerem curas maravilhosas com o simples emprego de uma ou outra planta, cujos nomes calam cuidadosamente para que os brancos lhes não façam concorrencia.

Estes curandeiros andam sempre munidos de um pequeno saco de mateba, que trazem pendente do hombro, onde guardam os seus milongos, os quaes consistem tão sómente em diversas plantas sêccas e atadas em pequenos mólhos, sendo por isso difficil conhecel-as, e que applicam quer em estado de infusão ou em cataplasma, conforme se lhes afigura ser mais util á doença.

Como disse já n'outra parte d'estes apontamentos de viagem, muitos d'esses curandeiros, pela sua esperteza e quasi arte de charlatanismo, em que são inexcediveis, gosam fama de *chinguiladores* emeritos, e sabem fazer attribuir á feitiçaria ou adivinhação, os resultados obtidos pela virtude dos seus medicamentos.

É sobretudo no tratamento das feridas que a acção das substancias por elles empregadas, se torna devéras surprehendente e, por assim dizer, milagrosa.

Vi feridas horrendas, asquerosas, invadidas já pela gangrena, sararem completamente no praso de dez dias, com a simples applicação de uma cataplasma de certas e determinadas plantas, e frequentes lavagens com agua onde tinham fervido algumas raizes cortadas em pedaços meudos.

D'entre essas substancias logrei apenas descobrir uma, cuja efficacia verifiquei no tratamento de diversas feridas.

Consiste o medicamento em derreterem em azeite de palma uma porção de resina extrahida de uma arvore silvestre chamada *mubafo*, embeber n'essa diluição um pouco de algodão em rama e applical-o duas vezes ao dia sobre a ferida. A cura é rapida.

Ha porém outras substancias cuja acção é mais poderosa ainda; mas quasi posso affirmar que raro será o europeu que as conheça, tão inviolavel é o segredo que os negros guardam sobre os nomes d'ellas e o modo de as applicar.

É geralmente sabido que as doenças que mais attacam os europeus e os proprios indigenas nas regiões africanas, são, alem das febres endemicas e perniciosas do paiz, o escorbuto e a diarrhéa.

Pois para estas duas ultimas enfermidades, teem os gentios remedios efficazes e não seriam tão frequentes os casos fataes se não houvesse uma, até certo ponto, bem entendida repugnancia, e um tal ou qual receio da gente se entregar nas mãos de um d'aquelles curandeiros.

Citarei mais alguns exemplos.

Para o escorbuto é deveras prodigiosa a applicação da raiz da *mutalamenha*, feita em cosimento e usada em bochechos; para a diarrhéa nada tão efficaz como uma beberagem composta de casca de *mubambo*, ralada, posta de infusão e ministrada em agua fria e em pequenas doses.

O nosso illustre compatriota José d'Anchietta, como medico e naturalista distinctissimo que é, terá certamente colhido preciosos subsidios sobre as propriedades medicinaes de muitas plantas da flora africana, e com elles não só contribuirá para o engrandecimento da sciencia que cultiva com tanto amor, como prestará tambem um valioso serviço á humanidade enferma.

XVIII

Rios. — Producção do solo. — Colonias agricolas.

É geralmente sabido o grande numero de rios que cortam em diversas direcções o vastissimo territorio da Africa occidental.

Se a civilisação e o progresso tivessem dissipado já, com a sua luz radiante, as trévas em que jazem sepultadas essas regiões longinquas, que manancial de riquezas não brotaria d'aquelle solo feracissimo, onde a vegetação, exuberante e espontanea, attinge um desenvolvimento collosal e deixa maravilhado o viandante que lhe contempla e admira os primores!

Se a mão do artifice desviasse do seu curso natural e constante as aguas d'esses rios, que correm impetuosos e abundantes, formando aqui e ali pequenas catadupas, porque transformação não passariam tantos e tão extensos campos que apresentam um aspecto árido e desolador, devido aos ardores do sol que os queima e os torna incultos!

Se entre nós houvesse uma crença arreigada e firme no muito que valem as nossas possessões ultramarinas,

quantos capitaes se não promptificariam para a formação de colonias agricolas que, desbravando, aperfeiçoando aquelle solo selvagem, mas fertilissimo, lhe arrancariam dos seios tudo quanto elles encerram do mais subido valor!

Infelizmente a incuria, o desleixo e o abandono imperdoavel, teem conservado todos esses vastissimos terrenos no seu estado primitivo, e apenas, n'um ou n'outro ponto, alguns exploradores mais ousados, conseguiram introduzir os melhoramentos agricolas que julgaram opportunos, e viram coroados dos mais excellentes resultados os seus esforços e fadigas. Não foi porém seguido o exemplo, e ha ainda quem prefira arriscar em especulações commerciaes, sommas importantes que, intelligentemente applicadas a explorações agricolas, produziriam certamente juros valiosos, além da incomparavel segurança do capital empregado.

Assim é pois, que vemos no districto da barra do Dande, incultos muitos terrenos que seriam de facil e lucrativa producção, se um estudo e um trabalho intelligentes, aproveitassem as aguas do rio Dande, desviando-as do seu leito em direcções diversas, e regando com ellas uma área immensa que recebe apenas esse beneficio na estação das chuvas que, ainda assim, são sempre ali escassas.

Succede pois que nos terrenos proximos do rio, as colheitas são muitas vezes perdidas pelas innundações das aguas, ao passo que um ou dois kilometros mais longe, as séccas transformam n'uma charneca inculta uns campos aptos para a mais esplendida producção.

Os indigenas, e mesmos alguns europeus, obedecendo á influencia nefasta da rotina, contentam-se com uma mes-

quinha plantação de milho, feijão e ervilha, quando poderiam colher em larga escala, além dos cereaes apontados, a ginguba, a mandioca, o café, o algodão, a laranja, a banana, o limão, a goiaba, a lima, o tamarindo, etc.

Succede quasi o mesmo no districto do Libongo, onde o rio Lifune está em parte obstruido pelas areias que arrasta no seu curso e pelo capim que lhe guarnece as margens, do que resulta innundar com as suas aguas, apenas certos e determinados campos, deixando outros em completo estado de aridez. E' por isso que, no Libongo, a colheita do milho, feijão e farinha, não chega para o consumo da população, obrigando esta a emigrar para os outros districtos.

Que vantagens não resultariam para o districto do Icollo e Bengo, se fossem devidamente aproveitadas as aguas do rio Zenza?

Este rio tem a sua origem nas terras de Calandula, sertão proximo do districto de Ambaca, e depois de atravessar uma grande extensão de territorio, fórma uma cachoeira no sitio denominado Quiébia.

Existem mais n'este districto as lagôas Rimangungo, Quilunda, Banda, Dimangungi e Lalama, mas recebem tão sómente as aguas que trasbordam do rio por occasião das cheias.

A cultura principal n'este districto consiste em feijão, mandioca e milho, algumas fructas, taes como laranja, manga, banana, ananaz, lima e fructa do conde. Em alguns arimos dá-se tambem a canna doce e o coqueiro, mas em pequena escala.

A provincia ou districto dos Dembos é igualmente abundantissima em aguas boas para as regas, pois que n'el-

la correm os riachos Polungo, Quifiza, Fumeijo, Lobo, Lombige, Camossage, Lulovo e Huquá, além dos rios Dande e Zenza que lhe passam nas fronteiras.

Nos seus campos medra prodigiosamente o tabaco, e é facil de calcular que fonte inexgotavel de riqueza não seria a cultura e exploração d'essa planta que, em qualidade, rivalisa com as melhores que produz a Havana e o Brazil.

Ha tambem sitios onde o algodão produz espontaneamente, mas todas estas riquezas se encontram abandonadas, e nem a iniciativa particular ousou exploral-as ainda, nem mereceram nunca a attenção dos governos.

No districto do Zenza do Golungo, dá-se bem o algodão, assim como a mandioca, o milho, o feijão, o arroz e o café.

As terras d'este districto são regadas pelas aguas dos rios Zenza, que nasce no territorio denominado Ngolla, e Huquá, um dos affluentes do Dande, e pelos riachos Lucalla e Chivi.

O presidio de S. José d'Encôge é igualmente regado por muitos rios, figurando entre elles o Bamba, que no Ambriz toma o nome de Loge, o Luege de Caricari, o Canabinga, o Lue, o Ambaia, o Cumba-amaza, o Nzovo, e outros cujos nomes não vale a pena mencionar.

O Zaire, o Loge, o Quanza e o Bengo atravessam ou correm ao longo de vastissimos campos, e não sô se prestam para a fertilisação do solo, como tambem para motores de mais de uma industria lucrativa.

Não nos cançâmos pois de repetir que a prosperidade e o engrandecimento das nossas possessões ultramarinas, dependem do estabelecimento de colonias agricolas, que sabiamente dirigidas, darão incontestavelmente os mais proficuos resultados.

XIX

Riquezas latentes — Madeiras — Cultura das abelhas.

A formação de colonias agricolas, como disse no capitulo precedente, seria o maior beneficio, o grande melhoramento que prometteria um futuro de prosperidade ás nossas possessões ultramarinas.

As terras reputadas hoje ainda estereis, dos vastissimos sertões africanos, beneficiadas pela mão do agricultor laborioso e intelligente, pagar-lhe-iam em productos valiosos o seu estudo e o seu trabalho.

Onde hoje vemos tão sómente a aridez e a miseria, desenvolver-se-ia a vegetação e a abundancia.

O indigena crearia amor ao trabalho, reformaria os seus usos e costumes, sentiria operar-se em si uma transformação completa, e ver-se-ia pouco a pouco realisada a grande obra do progresso e da civilisação pelo trabalho.

Não é porém só na agricultura que consiste toda a riqueza das nossas colonias.

Os terrenos africanos encerram grandes mananciaes de riquezas latentes que, intelligentemente explorados, dariam os mais satisfatorios resultados.

Um consciencioso estudo geologico d'esses terrenos, uma investigação minuciosa das suas riquezas mineraes, seriam duas obras de incalculavel utilidade das quaes resultariam grandes proventos não só á provincia de Angola, como tambem á metrópole.

A mineração e a agricultura são, a nosso vêr, as principaes e verdadeiras bases de uma prosperidade solida e productiva.

Os estudos a que procedeu o meu particular e já fallecido amigo Pereira Dutra, distinctissimo engenheiro brazileiro, cujo amor pela sciencia o levou a visitar a maior parte dos sertões africanos, mais me confirmam na minha opinião.

Nos seus muitos escriptos sobre a Africa occidental, aponta elle, com o verdadeiro enthusiasmo do homem de sciencia, as riquezas latentes da provincia d'Angola, e lamenta a falta de incentivo e de protecção, para o descobrimento e exploração d'essas riquezas tão vergonhosamente abandonadas e quasi que inteiramente desconhecidas.

E comtudo, são ellas por tal modo abundantes e variadas, que é imperdoavel o não terem merecido nunca a attenção dos governos.

N'uma memoria publicada por esse distincto engenheiro, vêmos nós que em todo o solo de Mossamedes abunda o sulfato de soda; em Malange, o nitrato de potassa; no valle do Quanza, o carvão de pedra; no Libongo e no Dande, o petroleo; em Massangano, Cazengo e Golungo-alto, o ferro; o cobre no Ambrizete e no Bembe; a prata, em muitos dos jazigos d'aquelle mineral, e o ouro em toda a formação schistosa do interior.

E no entanto, forçoso é dizel-o, a unica vez que em

Africa se organisou uma empreza exploradora, com todos os elementos necessarios para prosperar e prestar relevantes serviços á provincia d'Angola, teve essa empreza de renunciar ao seu proposito, e abandonar a exploração dos riquissimos jazigos de cobre e malachite do Bembe, não por falta de economia ou de fiscalisação, mas por falta de estradas e porque o governo não podia garantir-lhe a segurança nos caminhos, a que se compromettera, sendo continuadamente roubadas pelos negros, as valiosas remessas de fazendas que do Ambriz eram enviadas para o districto D. Pedro V.

Este exemplo fatal, influiu certamente no animo de muitos que se sentiriam inclinados a tentarem emprezas d'aquella natureza.

O enxofre, que poderia ser um ramo de exportação muito importante, não é explorado ainda em larga escala, e o mesmo succede com a gomma elastica.

E que diremos das madeiras?

Quem uma vez contemplou as margens virentes e magestosas do Zaire, ou se embrenhou nas densas mattas virgens que circumdam o Bembe, é que póde avaliar devidamente que vasto manancial de riqueza ali está abandonado e perdido!

É prodigiosa a variedade de madeiras que ali se admiram, proprias para diversos usos e todas de excellente qualidade, como na Europa se não encontram.

D'entre ellas especialisaremos o *mangue branco*, o *calôlo*, a *moreira* e o *dendo*, excellentes para construcção de casas; a *tacula*, a *mufufutu*, a *quibaba*, a *calalanga*, para obras de marcenaria; o *musalengue*, magnifico para o trabalho de torneiro, e o *banbôlo* e a *cosanga*, proprias para utensilios de uso domestico.

Ha ainda muitas outras cujos nomes ignoro, mas de que julgo existirem amostras no museu colonial do ministerio da marinha.

O meu antigo companheiro, engenheiro de minas, mr. John Tonkin, enviou para Inglaterra uma grande collecção de amostras de todas essas madeiras, que ali foram altamente apreciadas.

Muitas vezes lhe ouvi dizer que uma nação que possuia uma colonia tão rica como a provincia d'Angola, podia orgulhar-se de possuir um verdadeiro thesouro.

Infelizmente, esse thesouro conserva-se para nós no estado latente.

Ha ainda um ramo de industria agricola que, pela sua grande importancia commercial, merecia toda a attenção dos governos.

Referimo-nos á cultura das abelhas.

Sendo como é a cera um dos principaes ramos de exportação do commercio d'Angola, parecia de todo o ponto racional que se olhasse e cuidasse na conservação e augmento dos trabalhadores insectos que a produzem.

Pois não succede assim. As abelhas tendem a desapparecer de dia para dia, e o processo seguido hoje ainda para a conservação dos enxames e para a extracção da cera e do mel, é o empregado pelos negros, processo sem methodo nem ordem, e que produz muito menos de um terço do que devia produzir.

É geralmente sabido que os terrenos seccos são aquelles em que melhor vivem as plantas aromaticas; por conseguinte, que paiz mais apto para a cultura d'essas plantas do que a Africa, pela natureza, em muitas partes arida, do seu solo?

Cultivadas essas plantas, o que seria muito facil, por-

que ali abunda o jasmim e muitas outras, ver-se-hia augmentar prodigiosamente a propagação das abelhas e, consequencia necessaria, a producção do mel e da cera.

Uma escolha apropriada do logar para o estabelecimento das colmeias, completaria este grande melhoramento na industria agricola das colonias, e com pouco ou nenhum trabalho, os resultados obtidos seriam duplicadamente vantajosos.

Exploradas todas estas immensas riquezas latentes e reunindo-as ás que o commercio explora já, taes como a gomma copal, o algodão, o café, a aguardente, o assucar, a urzella, a ginguba, o oleo de palma, que grau de prosperidade não attingiria a provincia d'Angola, esse solo fecundissimo, onde a natureza parece ter concentrado todos os seus dons, todas as suas galas, todos os seus primores!

XX

Clima.—A miragem.—Estradas. Industria indigena.

O clima em todo o vasto territorio d'Angola, é quente e humido, mais ou menos salubre conforme as localidades e as exposições, mas sempre prejudicial ao europeu nas margens paludosas dos rios, embora proximas do littoral.

Nas terras altas do interior, é mais temperado e consequentemente menos insalubre.

Durante os mezes de outubro, novembro e dezembro, o calor é intenso, a atmosphera pezada, os dias tristes, a viração quente. Em março e abril cáem as grandes chuvas, e é depois d'ellas que se desenvolvem com maior intensidade as febres endemicas, vulgarmente conhecidas sob o nome de *carneirada*.

O tempo mais benigno para os europeus é o chamado do *cacimbo*, que comprehende os mezes de junho a setembro.

O ceu conserva-se purissimo, é fresca a viração, e os raios do sol perdem muito da sua intensidade. Ainda assim, deve o europeu ser cauteloso e evitar quanto possivel as irregularidades de toda a especie.

São muito frequentes as trovoadas, e a algumas assisti eu, no Bembe, que apresentavam o espectaculo mais grandioso e deslumbrante, do grande poder da electricidade.

As chuvas são torrenciaes, quando as ha, mas pouco aturadas, e é curioso vêr o como se opéra subitamente a evaporação das aguas, ficando de um momento para o outro completamente enxuto o solo que, havia pouco ainda, era um lago.

Foi em seguida a uma trovoada, que presenciei pela primeira e unica vez o effeito phantastico da miragem.

Do lado direito do logar onde no Bembe estavam estabelecidas as residencias dos empregados das minas, e os aquartelamentos das tropas da expedição, ficava uma cordilheira de montanhas aridas, pedregosas, quasi inacessiveis, e, subitamente, olhando para aquelle lado, vimos representar-se uma vasta planicie, toda povoada de arvores, que se nos afiguravam serem palmeiras.

Durou apenas um ou dois minutos aquella apparição maravilhosa, e logo voltou tudo ao estado primitivo.

Por essa occasião, e a pedido do tenente-coronel Salles Ferreira, escrevi eu, sobre esse incidente e sobre varios outros, de interesse puramente local, um artigo que por elle foi enviado ao fallecido visconde de Sá da Bandeira, então ministro da marinha, para ser publicado nos *Annaes do Conselho Ultramarino.*

Ignoro se teve ou não esse destino.

Pelo que fica dito, póde avaliar-se o que soffre, e ao que se expõe o europeu obrigado a jornadear por aquelles sertões, sob um sol ardentissimo, apanhando o cacimbo e as chuvas torrenciaes, sem um unico abrigo, atravessando leguas e leguas de verdadeira charneca,

por caminhos impossiveis, á beira de precipicios, confiado tão sómente na vigilancia e robustez dos negros que o conduzem na tipoia!

É realmente prodigioso o instincto dos negros habitantes do sertão, pois que, quando emprehendem viagem para grandes distancias, muitas vezes de 60, 70 e 80 leguas, não erram nunca o caminho, atravessando montanhas e extensas planicies, sem uma unica arvore, sem um arbusto, sem um objecto qualquer que lhes possa servir de marca, rodeados por um labyrintho inextricavel de trilhos que se cruzam em todas as direcções, e onde o mais pequeno desvio, o mais ligeiro engano, os levaria justamente ao extremo opposto do logar para onde se dirigiam!

Pasmei muitas vezes da intelligencia com que elles, chegando a um ponto onde se reuniam mais de vinte trilhos, em tudo iguaes, escolhiam, sem a mais pequena hesitação, aquelle que os levava ao seu destino.

Não menos surprehendente é o modo porque elles calculam o tempo, unicamente olhando para o sol, e raro é enganarem-se em mais de um quarto de hora de differença. As estrellas servem-lhes tambem de guia, mas poucas vezes se dá esse caso, porque o negro, salvo um caso de força maior, não jornadeia nunca de noite.

Seria para desejar que os governos attendessem uma vez sériamente para duas faltas que concorrem poderosamente para o pouco desenvolvimento que, comparativamente, tem hoje ainda o commercio do interior da provincia de Angola: a falta de estradas e a falta de transportes.

Porquanto não saem os generos postos em Loanda,

sendo como são carregados ás costas dos pretos que, o maximo peso em que pégam, é o de 40 kilogrammas? E depois, quanta demora na conducção, por isso que vão descançando onde lhes parece, e conforme appetece á sua indolencia natural? Nem uma estrada em tão vasta extensão de territorio! Nem um unico meio de transporte, a não ser o que deixo mencionado!

A abertura de estradas carreteiras, daria um novo impulso ao commercio do interior, egual ao que lhe imprimiu a navegação a vapor do Quanza, devida á iniciativa do subdito americano o sr. Archer Silva.

A exploração das minas de cobre do Bembe, foi abandonada principalmente pela falta de estradas, e lá está deteriorado e perdido todo o immenso material, vindo de Inglaterra, para o assentamento das vias ferreas a que a empreza se obrigára.

Do modo porque estão ainda quasi todos os caminhos no interior, mesmo quando houvesse animaes de carga, seria difficil, por não dizer impossivel, fazel-os transitar carregados por meio de cerros, despenhadeiros e mattas impenetraveis, como se encontram a cada passo.

Em Mossamedes, estão já adoptados, em pequena escala os bois cavallos, mas ainda assim não satisfazem plenamente o fim que se devia ter em vista, isto é a rapidez e a economia do transporte.

Com a abertura de estradas, o que se nos não affigura de difficil execução, nem de grande dispendio de capitaes, creados e aproveitados os bois mansos para o serviço de carros, ou mesmo as bestas muares que, como é sabido, são as que mais resistem ao trabalho, e se dão ali muito bem, facilitar-se-iam os meios de

conducção, augmentaria prodigiosamente o commercio do interior, prosperaria a agricultura, e a propria industria attingiria um maior desenvolvimento.

É este a nosso ver, o grande o principal melhoramento a fazer na riquissima provincia de Angola, e os vantajosos resultados d'esse beneficio não tardariam em manifestar-se de um modo surprehendente.

Temos dito mais de uma vez, n'estes apontamentos de viagem, o quanto os negros são indolentes a ponto de prescindirem de muitas commodidades, só para não trabalharem.

Não devemos porém desconhecer que, ao mesmo tempo, são dotados de grande habilidade, e instinctivamente intelligentes.

Em appoio d'esta asserção, diremos alguma cousa sobre a industria indigena.

É realmente para admirar como um negro, tendo por ferramenta uma faca ordinaria, vulgarmente chamada faca de negocio, lavra e esculptura o marfim, a abada e a madeira, a ponto de produzir, á parte a incorrecção do desenho e a extravagancia das figuras e arabescos, um objecto de arte digno de apreciar-se pelo seu merecimento relativo. Sem o auxilio, sem até mesmo o conhecimento de nenhuma d'essas machinas adoptadas pela industria fabril, os indigenas fiam o algodão e tecem-n'o em pannos (*tangas*) com que se cobrem. Das fibras das folhas de certas e determinadas palmeiras, fabricam igualmente uns tecidos, a que chamam *libongas* ou *mabellas,* lizos ou matizados de diversas côres, muito apreciados pela sua finura e perfeição. Da *mateba* fazem uns cestos chamados *balaios* e *gongas*, de côres variegadas e brilhantes, e de um trabalho primoroso.

O processo usado para dar á *mateba* esse diverso matiz das côres, consiste no emprego do anil, da urzella e do extracto da tacula, cujas propriedades descobriram e applicaram. Trabalham tambem o ferro e o cobre, de que fazem *malungas* (braceletes), armas e objectos de uso domestico.

Do pau chamado *mafuma*, fazem as canôas em que navegam nos rios. Amassam o barro e fabricam diversos objectos taes como cachimbos, pucaros, panellas etc. Guarnecem com missangas as suas frechas e zagaias; finalmente são excellentes imitadores e aprendem tudo quanto se lhes ensina.

Se a civilisação estendesse atè elles a sua acção benefica e illustradora, que vantagens não resultariam do aproveitamento de tantas aptidões perdidas nas trévas da ignorancia e da barbarie!

XXI

Danças.—Simulacros de guerra.

Segundo observei durante todo o tempo das minhas excursões pelos sertões africanos, o *batuque* é a dança usada geralmente por todos aquelles povos, com algumas, ainda que pequenas modificações.

Em Loanda mesmo, onde parece que a civilisação devia ter exercido a sua influencia benefica, o *batuque* é a dança predilecta dos pretos e mulatos, e a diversão que mais os enthusiasma e arrebata.

O *batuque* é uma dança essencialmente lasciva, que revela a indole sensual d'aquelles povos, e reproduz, de um modo surprehendente, os seus instinctos brutaes e os sentimentos que mais os dominam e subjugam.

Entre o gentio do Congo, o *batuque* é uma especie de pantomima em que o assumpto obrigado é sempre a historia de uma virgem a quem são explicados os prazeres mysteriosos que a esperam, quando o *lembamento* a fizer mudar de estado, e outras obscenidades que, representadas com a mais perfeita imitação, são uma prova evidente da depravação que reina entre os habitantes d'aquelles sertões.

É rara a noite em que, na mais insignificante sanzala, se não reunem os negros e as negras, para se entregarem ao prazer da sua dança favorita, tendo por sala o largo mais espaçoso da povoação, e por illuminação o brilho das estrellas, ou a luz pallida do luar.

Quando a festa é mais rasgada, isto é por occasião de *tambi* ou *lembamento*, a illuminação é augmentada com uma especie de candeias ou tigelinhas de barro, onde arde uma torcida ensopada em azeite de palma.

É realmente curioso ver o ardor com que elles se entregam ao prazer da dança.

As cabaças de *malavo* (vinho de palma) circulam de mão em mão; os *quissanges*, as *marimbas*, os *batuques*, fazem um motim infernal, e a toada monotona das canções é repetida por todos os que tomam parte na dança, e pelos espectadores.

A letra das canções gentilicas é sempre improvisada de momento, e consiste geralmente na narrativa de episodios amorosos, de feitiçaria ou de façanhas guerreiras.

Ha negros que adquirem a fama de grandes improvisadores, e são escutados com o mais religioso silencio e applaudidos com o mais frenetico enthusiasmo.

A toada é sempre a mesma e invariavel o estribilho que todos cantam em côro, batendo as mãos em cadencia e soltando de vez em quando gritos estridentes.

Vejâmos agora o que é a dança geralmente chamada *batuque*.

Forma-se um circulo composto dos dançadores e dos espectadores, fazendo parte d'elle tambem os musicos com os seus instrumentos.

Formado o circulo, saltam para o meio d'elle dois ou tres pares, homens e mulheres, e começa a diversão.

A dança consiste n'um bambolear sereno do corpo, acompanhado de um pequeno movimento dos pés, da cabeça e dos braços.

Estes movimentos acceleram-se, conforme a musica se torna mais viva e arrebatada, e, em breve, se admira um prodigioso sarocotear de quadris, que chega a parecer impossivel poder-se executar sem que fiquem deslocados os que a elle se entregam.

Aquelle que maior rapidez emprega n'esses movimentos, é freneticamente applaudido e reputado como o primeiro dançador de batuque.

Quando os primeiros pares se acham já extenuados, vão occupar os seus respectivos logares no circulo formado, e são substituidos por outros pares que executam os mesmos passos.

Como disse já, os cantâres que acompanham estas danças lascivas, são sempre immoraes e até mesmo obscenos, historias de amores descriptas com a mais repellente e impudica nudez.

Em Loanda e em varios presidios e districtos, o *batuque* differe d'este que acabâmos de descrever, que é peculiar do Congo e dos sertões situados ao norte do Ambriz.

N'esses districtos e presidios, o *batuque* consiste tambem n'um circulo formado pelos dançadores, indo para o meio um preto ou preta que depois de executar varios passos, vai dar uma embigada, a que chamam *semba*, na pessoa que escolhe, a qual vai para o meio do circulo, substituil-o.

Esta dança, que se assemelha muito ao nosso *fado*, é a diversão predilecta dos habitantes d'essa parte do sertão africano, onde a influencia dos europeus tem modi-

cado de algum modo a sua repugnante immoralidade.

Os cantares são menos obscenos, e não raro é vêr tomar parte n'um *batuque*, por occasião de festa, alguns indigenas de classe mais elevada.

É devéras surprehendente a influencia que a musica exerce nos negros do sertão, e o prazer que elles sentem, quer ouvindo-a, ou executando-a.

Ha negros que passam uma noite inteira, acocorados no chão, junto da fogueira, tocando o *quissange* e resmuneando uma toada que, ouvida de longe, produz como que uma impressão melancolica, sobretudo no silencio da noite, e á luz de um luar esplendido, como usa de ser o luar d'Africa.

O negro, indolente por natureza, só trabalha de boa vontade quando o deixam cantar em plena liberdade; por isso é certo ver o escravo executar os mais rudes trabalhos ao som da sua canção favorita, e até os proprios Cabindas, que tripulam as lanchas e os escaléres, remam com duplicado vigor, acompanhando a cadencia dos remos com os seus cantares de uma harmonia selvagem e original.

Ha outra diversão gentilica que é talvez mais curiosa de ver, e consiste ella nos simulacros de guerra com que os régulos poderosos e afamados celebram as suas festas.

Assisti ás mais surprehendentes e originaes evoluções executadas pelos empacaceiros do famigerado dembo Cabouco.

Essas evoluções ou manobras, teem sempre logar pela fórma seguinte:

Assentado o dembo n'um logar elevado, no meio da sanzala, onde collocam a sua cadeira, rodeado dos seus

macotas, das suas mulheres mais favoritas, dos seus moleques a quem está confiada a guarda dos *milongos* e *muquixi* (feitiços e plantas medicinaes), e dos musicos que sopram em uma especie de bozinas feitas de pontas de marfim, com o indispensavel acompanhamento dos batuques, faz aquelle um gesto que é repetido por todos os macotas, e logo se vê apparecer, saindo da maior espessura da floresta, alguns negros armados de espingardas, que avançam cautelosamente, como quem vai á descoberta do inimigo.

Estas primeiras evoluções são acompanhadas de esgares, saltos e cabriolas que desafiam o riso pela sua originalidade.

Subitamente soltam todos um grito agudo e disparam ao mesmo tempo as espingardas, o que é o signal esperado para fazerem a sua entrada os que devem tomar parte activa no simulacro guerreiro.

Vem estes armados de zagaias, fréchas e escudos feitos de couro de *pacaça* (boi silvestre) e dão começo ao simulacro do combate.

É muito para ver então a expressão feroz de que se animam as physionomias d'aquelles guerreiros gentios.

Á semelhança das nossas danças pyrrhicas, as evoluções succedem-se com uma rapidez prodigiosa; as fréchas e as zagaias batem d'encontro aos escudos; os gritos resoam estridentes; os saltos tornam-se cada vez mais surprehendentes; formam-se os grupos mais extravagantes, em que uns figuram subjugar os outros; os tiros repetem-se sem intervallo nem descanço; a multidão applaude com frenesi e enthusiasmo; a gritaria atroa os ares e é indiscriptivel a confusão, até que um signal do

dembo, põe fim a este notavel episodio dos usos gentilicos.

Estes simulacros figuram sempre algum feito d'armas celebre nos annaes das guerras d'aquelles povos, e são representados pela sua ordem chronologica, conforme a indicação do dembo ou régulo que preside a elles.

Este dembo Cabouco, como tive já occasião de dizer, é um dos mais famigerados guerreiros dos sertões africanos, e só tem competidores nos dembos Namboangongo e Ambuilla, que são talvez mais destemidos e ousados, mas gosam de menos prestigio em artes de feitiçaria.

Como a sua idade avançada lhe não permitte caminhar a pé, vai sempre para a guerra na sua tipoia e é d'ali que commanda a acção, seguindo com inexcedivel enthusiasmo as peripécias do combate.

Note-se, porém, que sob todo este aspecto bellico, existe um caracter pusilanime que os torna humildes e submissos sempre que teem de tratar com os brancos e sobretudo com subditos do *maniputo* (rei de Portugal), que reputam o primeiro monarcha da terra, e a quem tributam o maior respeito e homenagem.

Oxalá que esse prestigio não acabe um dia, devido ao abandono imperdoavel a que teem estado entregues, durante tanto tempo, as colonias portuguezas da Africa occidental.

XXII

Animaes ferozes e domesticos.—Aves.

Em toda a região norte da provincia de Angola, encontram-se em numero sensivelmente inferior, muitos dos animaes ferozes que povoam a região sul. No entanto, é sempre arriscada qualquer excursão longinqua, por isso que se póde ser atacado imprevistamente por alguma d'essas féras, e, abrindo um parenthesis, vou narrar o que succedeu a um francez chamado Georges, empregado n'uma feitoria franceza pertencente á casa commercial de Régis *ainé*, de Marselha.

Saira elle á caça, acompanhado unicamente de um negro, servente da feitoria, excellente atirador, e embrenhou-se no matto perseguindo as corças que de todos os lados lhe saltavam fóra do alcance do tiro. Subitamente, d'entre a maior espessura da floresta, viu elle sair uma onça enorme, que se preparava já para formar o pulo e precipitar-se sobre elle. Georges não perdeu o sangue frio, e, como tivesse confiança na carabina de que ia armado, e na certeza do seu tiro, poz a arma á cara e desfechou com a féra. Sentindo-se ferida, a onça soltou um

rugido, deu um salto prodigioso e desappareceu no matto, deixando apoz de si um grande rasto de sangue. Queria o temerario francez ir em perseguição d'ella, mas dissuadiu-o do seu intento o negro que o acompanhava, já experimentado n'aquelle genero de caçadas, observando-lhe que a onça estava apenas ferida, o que a tornava duplicadamente feroz.

Voltaram pois á feitoria, mas no dia seguinte, Georges não pôde mais conter-se, e sem attender a cousa alguma, acompanhado do mesmo negro, saiu em procura da onça, o que lhe foi facil, seguindo o rasto de sangue que se via no sólo.

Caminharam assim cerca de 5 milhas, por entre o matto espêsso, e ao desembocarem n'uma pequena clareira, viram a féra estendida no chão, sobre um lago de sangue, arquejando e com todas as apparencias de moribunda.

Georges avançou alguns passos, apesar das admoestações do negro, e, chegando á distancia de tres metros da féra, quando ia pôr a arma á cara para lhe descarregar o *coup de grâce*, a onça, fazendo um supremo esforço, ergueu-se nas patas trazeiras, formou o pulo e precipitou-se sobre o francez, rasgando-lhe com as garras o rosto e o peito. Em seguida, caiu sem vida ao lado do caçador que estava prostrado no chão, sem sentidos, dilacerado e todo coberto de sangue.

Transportado para a feitoria, esteve em perigo de vida durante muitos dias, e só ao cabo de alguns mezes conseguiu restabelecer-se, ficando ainda assim, cego de um olho e completamente desfigurado.

Este incidente, que consternou todos, tornou mais acautellados aquelles que se affoutavam temerariamente

UM EPISODIO DE CAÇA

em tão espessas florestas, onde o perigo se podia apresentar, a cada passo, imprevisto e terrivelmente ameaçador.

Fallámos da onça que é o animal feroz que mais abunda n'aquellas paragens, e a que os gentios chamam em lingua bunda, *hingo* ou *colama*, e diremos agora quaes são os seus companheiros mais frequentes em tão emaranhados sertões. Temos o elefante, *zaú* ou *zamba*, que anda quasi sempre ás manadas; os bois selvagens, *pacassas*, que são terriveis quando perseguidos; os leões, *ogi*, que não são muito frequentes; os veados, *golungo* ou *cahi*, que só feridos investem com o homem; os porcos montezes, *naglla-anseque* ou *quiombo*, e os porcos espinhos, *gumba*.

Os elefantes apparecem com mais frequencia no districto do Dande, onde vão beber ao rio Lifune, no Libongo, e em algumas lagôas que por ali existem.

Como disse, andam sempre ás manadas, e se bem não atacam o homem, arrazam e devastam, na sua marcha, as plantações que atravessam.

Os negros d'aquelle districto não são caçadores, e é essa talvez a rasão porque os elefantes escolhem de preferencia aquellas paragens para se desalterarem.

A maior parte do marfim que apparece a vender nas feitorias do littoral, procede do sertão de Lunda, onde os negros são arrojados e habeis atiradores de frécha e de zagaia.

O leão é muito raro apparecer n'estes sitios, e alguns que ali vão de visita, são mais pequenos que os do sul, e não tem juba. No entanto é grande a sua ferocidade e são o flagello dos curraes de gado, como tive já occa-

sião de dizer em outro capitulo d'estes apontamentos de viagem.

Os *pacassas*, ou bois selvagens, são uns animaes imponentes, de formosissima estampa, muito ageis e de sentido apuradissimo. A carne é boa para comer e muito similhante á do nosso touro de leziria. Costumam andar tambem arrebanhados e defendem-se corajosamente da onça e do leão.

As outras feras são muito menos temiveis e só atacam o homem depois de muito perseguidas.

Ha tambem uns cães bravos, chamados *mabécos*, que juntando-se ás vezes em bandos de quatrocentos ou mais, atacam as outras féras e as povoações, devastando tudo quanto encontram no seu caminho. Isoladamente, porém, são covardes e fogem á approximação do menor perigo.

Os animaes domesticos que abundam em maior numero são: os gatos, os cães, os porcos, os carneiros e ovelhas, as cabras, os cabritos, alguns bois e vaccas, e uma especie de furão a que chamam *manguço*.

A carne de todos estes animaes é desgostosa e muito longe de se equiparar á que se come na Europa, devido talvez á má qualidade dos pastos e ao nenhum tratamento que lhe dão.

Dá-se a circumstancia notavel de que é excepcional a raça de carneiros que se encontram em todos aquelles sertões, pois que não teem lã, mas sim um pêllo comprido similhante ao das cabras, e são todos de marca pequena.

Os bois mansos não attingem igualmente uma grande corpulencia, e as vaccas produzem muito pouco leite.

No principio da minha peregrinação pelos sertões,

houve uma particularidade que me impressionou e surprehendeu, e foi ella o uso que têem os gentios de amarrarem os porcos pelo pescoço e os bois pelo pé, exactamente ao contrario do que se pratica entre nós.

Os macacos de diversas especies, são em grande quantidade, e nas margens dos rios e lagoas vivem igualmente as lontras, cujas pelles são tão estimadas, e as *pacas*, especie de porco pequeno, cuja carne é saborosissima.

Esqueceu-me mencionar no logar competente a *seixa* ou corça pequenina, de fórmas airosas e gentis, dotada de grande sagacidade e cujo couro é muito apreciado para obras de calçado, e reputado muito superior ao da vitella. Estes animaes domesticam-se facilmente e pena é que não resistam ao clima mais frio da Europa.

As aves que habitam estas regiões, não primam pela belleza da plumagem. As mais communs são: gallinhas vulgares; gallinhas pintadas, vulgarmente chamadas de Angola ou da India; perdizes muito similhantes ás nossas, mas que teem por habito pousarem nas arvores; rôlas cinzentas e outras de peito matisado de côres variegadas; papagaios e periquitos; *pandas*, ave parecida com a garça real, mas muito maior; cegonhas, córvos, milhafres, corujas; patos de diversas especies; *rabos de junco*, passaro muito pequeno, armado de uma grande cauda toda preta, finissima e lustrosa; um ou outro *palanque*, especie de canario das ilhas, e rarissimos *maracachões*.

O *maracachão* é um passarinho lindissimo, de um canto melodioso, superior ao do nosso rouxinol, e é uso em Africa ter uma d'essas avesinhas, engaiolada, no quarto de dormir, pois que além da particularidade que têem de cantarem de noite e ás escuras, parece que adivi-

nham serem essas horas consagradas ao repouso, tão suaves são os seus gorgeios.

Ha tambem algumas aves aquaticas cujos nomes não logrei averiguar, as quaes se encontram em grande numero nos rios e lagôas.

Podia ser em muito maior escala a creação de gados nos sertões da Africa, se se cuidasse de combater a indolencia dos negros que nem para si mesmos, para o seu bem estar, se prestam ao trabalho, seja elle qual fôr. Alguns vi eu, em certos pontos do sertão do Congo que, unicamente por preguiça de arrotearem as terras que lhes produziriam os principaes elementos da alimentação, e não tendo posses para *lembarem* mulheres, que se occupassem d'essas lides, se sustentavam exclusivamente de capim e outras plantas que crescem nas margens das lagoas!!

Dêem-se ao negro exemplos de actividade e de moralidade, mostrem-se-lhe os beneficios da industria e da agricultura, e o negro obedecendo ao impulso salutar da civilisação, tornar-se-ha um cidadão prestante e procurará no trabalho a satisfação das suas necessidades, os commodos da vida que até ali desconhecia.

XXIII

Caracter e insensibilidade dos negros— Considerações geraes

Uma das cousas que me surprehendeu sempre muito, e a que não poude dar nunca uma explicação satisfatoria, foi a indifferença com que os negros, lascivos por natureza, tratam as mulheres, não só aquellas que requestam, como tambem as que estão já sob o seu dominio.

Não vi nunca um negro acariciar, abraçar, ou beijar as suas concubinas, nem fallar-lhes com carinho, mas sim tratal-as com modo aspero e brutal, exercendo sobre ellas o mais feroz despotismo, maltratando-as de pancadas, exigindo-lhes, não só a alimentação de cada dia, como tambem os meios necessarios para ir banquetear-se e embriagar-se, nos dias de *quitanda* (mercado), com os seus amigos e conhecidos.

O negro não conhece, nem o amor, nem a affeição, nem o ciume. Na sua lingua não ha palavras ou expressões que indiquem ou revellem esses sentimentos. As suas paixões são essencialmente animaes, e o egoismo é o sentimento a que prestam maior culto, e ao qual sacrificam tudo.

E' realmente repugnante vêr a indifferença e a frieza que existe entre filhos e pais, irmãs e irmãos, pois que se maltratam reciprocamente, sem que os prenda a mais pequena consideração, chegando a praticarem os crimes mais hediondos, com um cynismo devèras revoltante.

O pai vende os filhos, prostitue as filhas e explora as amazias, sem o mais leve escrupulo, antes pelo contrario, fazendo alarde da sua immoralidade e depravação.

Se a morte surprehende alguns d'aquelles que lhe deviam ser caros, o negro não faz demonstração alguma de sentimento, antes se regosija e folga, pensando nas festas do *tambi*, as quaes são acompanhadas sempre das mais desenfreadas orgias.

Todavia, os mortos exercem sobre os negros uma influencia supersticiosa, e é essa a rasão porque as sepulturas são respeitadas e cobertas de dadivas e presentes com que elles julgam ser agradaveis áquelles que se finaram.

Note-se, porém, que a affeição não toma parte alguma n'esse respeito prestado ás sepulturas que encerram os cadaveres de um pai, de um filho ou de um irmão.

A sua crença na existencia dos espiritos é que os faz receiar alguma vingança d'esses espiritos e por conseguinte tratam de os apaziguar, por todos os meios ao seu alcance.

Eu vi uma negra escrava, offerecer ao senhor, em troca do seu resgate, um filho e uma filha, que deixára na sanzala quando fôra vendida por não ter podido pagar uma divida, sem que o amor de mãe a fizesse hesitar em escravizar os filhos para obter a liberdade!

Muitas vi tambem serem as proprias a virem propôr

ás feitorias dos brancos a venda dos filhos, encarecendo-lhes a robustez e a sagacidade.

Os *mucuruntos* (velhos) são egualmente o objecto de grande veneração e respeito, pela rasão de serem reputados uns sabios, e por dependerem d'elles as decisões dos pleitos, e as negociações de guerra ou de paz com os povos visinhos.

Os *chinguiladores* e os *n'gangas*, são, do mesmo modo, respeitados e temidos, pelo grande poder dos seus feitiços.

O negro é por indole desconfiado, cruel, ingrato, covarde e vingativo.

Não reconhece nunca o bem que se lhe faz, e procura por todos os meios ao seu alcance, prejudicar aquelle que o enche de beneficios.

Eu conheci um negociante europeu, que não castigou nunca um escravo, e era por isso escarnecido por elles, dando-lhe o epitheto de *muenaquento* (mulherengo.)

Comquanto os brancos lhes não mereçam grandes sympathias, vivem em boas relações com elles, sempre que estes se tornem respeitados, e lhes não façam extorsões vexatorias.

O modo brutal porque muitos europeus tratam os negros, tem sido causa de grandes desgraças, taes como roubos, assassinios, incendios e muitas outras barbaridades inauditas.

Cruel e feroz sempre que se julga ao abrigo de qualquer castigo ou violencia, o negro é pusilanime ao ponto de não viajar nunca de noite, tão grande é o medo que lhe incute a escuridão, e o terror supersticioso de encontrar os espiritos (zumbi) que, segundo a sua crença, vagueiam áquella hora pelas florestas e descampados, exercendo as suas vinganças e feitiços.

E' egualmente para admirar a insensibilidade do negro, tanto para os padecimentos physicos, como para as dôres moraes.

Durante a minha permanencia de oito annos, nos sertões d'Africa, não vi nunca chorar um negro! As proprias creanças não conhecem as lagrimas. Os seus pezares, as suas contrariedades, as suas dores physicas, são manifestados por gritos e por uma toada monotona, que mais parece uma cantiga.

O modo porque elles rapam a cabeça, servindo-se de um pedaço de vidro quebrado, o que a qualquer branco arrancaria gritos de dôr, é supportado por elles com uma insensibilidade surprehendente.

Soffrem as mais dolorosas operações, impassiveis e indifferentes, como se não estivessem a retalhar-lhes as carnes, ou a amputar-lhes um membro.

D'essa insensibilidade, d'essa indifferença pelas dôres physicas, posso eu citar tres exemplos de que fui testemunha ocular.

A bordo de uma lancha em que eu seguia viagem do Ambriz para o rio Zaire, um dos Cabindas da tripulação, na occasião em que largava por mão a amarra para fundear-mos ao sul da Ponta do Padrão, entalou um dedo entre a borda da lancha e a corrente do pequeno ancorote, de que resultou esmagar a primeira phalange do dêdo indicador da mão esquerda. Quando eu me dispunha para fazer-lhe o curativo a que podia proceder n'aquella situação, vi-o, com grande surpreza minha, collocar o dêdo esmagado sobre a borda da lancha, puxar da faca que trazia á cintura e, com o maior sangue frio do mundo, decepar de um só golpe, a parte triturada. Em seguida, um dos seus companheiros, foi buscar o

saco dos milongos, tirou d'elle algumas hervas, ferveu-as, fez d'ellas uma cataplasma que applicou sobre o dedo, e meia hora depois ouvia eu o Cabinda cantar como se nada lhe tivesse succedido.

O segundo exemplo foi por occasião de uma guerra entre dois sobas, visinhos da povoação de Quimalenço, onde eu me achava encarregado de um deposito da empreza exploradora das minas de cobre do Bembe.

Um dos combatentes fôra baleado n'um braço, e eu mandára-o recolher na minha barraca. Logo em seguida appareceu o *n'ganga* (cirurgião) da povoação a que o ferido pertencia, e tratou immediatamente de proceder ao curativo pela fórma seguinte:

Cortou de uma arvore um tronco delgado, aguçou-o com a faca e introduzindo-o no buraco feito pela bala, começou a esfregar com elle o interior da ferida, como quem limpa o cano de uma espingarda.

Entretanto o paciente soffria aquelle curativo barbaro com uma impassibilidade pasmosa, insensivel ás dores atrozes que naturalmente parecia dever sentir. Oito dias depois, estava completamente restabelecido.

O terceiro exemplo, de todos o mais horroroso, foi por mim presenceado, quando se deu a explosão do paiol da polvora na fortaleza do Ambriz.

Um dos negros que estava vendendo bananas e genguba ao fiel de artilheria, á porta do paiol, quando teve logar o sinistro, ficou horrivelmente queimado ao ponto de lhe cair immediatamente toda a pélle do corpo. Pois, ainda assim, teve a coragem de percorrer uma distancia de mais de um kilometro, soltando apenas um ou outro grito, e ir deitar-se ao mar, onde expirou.

Note-se que, durante o trajecto, tinha-lhe caido intei-

ramente uma das mãos, completamente despegada do pulso por effeito da queimadura.

Estes e muitos outros exemplos, que seria ocioso enumerar, provam á evidencia o quanto os negros são alheios ás sensações physicas e moraes, e o quanto os domina o instincto puramente animal.

Todavia, com quanto sejam pouco propensos ao amor, á affeição, ao reconhecimento e a outros sentimentos elevados, logrei averiguar, comtudo, que, apezar do seu caracter frio, insensivel, sombrio e reservado, nas suas relações com os europeus tributam uma grande veneração aos portuguezes, veneração que é incontestavelmente manifesta em todos os seus actos.

Em abono d'esta asserção, vem a pêllo uma anedocta que passo a referir e pela qual me responsabiliso.

Estávamos reunidos alguns europeus, de differentes nações, na feitoria americana de que era gerente Roberto Magoon, e discutia-se qual seria a nação que poderia exercer maior influencia no vasto territorio africano, já pela força das suas armas, já pelo valor do seu commercio, já pelo prestigio do seu nome, e os espiritos estavam devéras exaltados, como é facil de suppôr, quando um portuguez, meu particular amigo, chamado José Leopoldo Peixoto, homem essencialmente engraçado, impoz silencio a todos com as seguintes palavras, dirigidas aos subditos estrangeiros que se achavam presentes:

—Vou pôr ponto final na discussão, provando-lhes á evidencia a supremacia de Portugal em toda a Africa, e que d'entre todos os europeus estabelecidos nos seus diversos pontos, só os portuguezes são reputados brancos pelos indigenas.

JOSÉ BAPTISTA D'ANDRADE.

—Ora essa! exclamaram em côro americanos, inglezes, francezes e hollandezes.

—Vão vêr, replicou Leopoldo com impertubavel seriedade.

E, acto continuo, chamando o servente linguéster da feitoria americana, que era um preto natural do Ambriz, perguntou-lhe:

—Quantas linguas fallas tu?

—*Ingrezo, francezo* e lingua de branco.

—Qual é então a lingua do branco?

—*Potruguezo.*

Uma gargalhada geral accolheu a resposta do negro, e Leopoldo Peixoto, exultou de vaidade por ver reforçado o seu argumento de um modo tão indiscutivel e insuspeito.

Por mais de uma vez vi tambem o respeito que elles têem pela bandeira portugueza, a unica que os régulos não avassallados consentem que se arvore nas suas terras, privilegio esse de que não gosam as das outras nações, pois quando se dá esse caso, é sempre certo o insulto, ou um conflicto grave, como succedeu em Cabinda, na Ponta do Padrão e no Quissembo.

Se é possivel regeneral-os, reformando-lhes os usos e os costumes, criando-lhes necessidades que desconhecem, arrancando-os ás trévas da ignorancia e da superstição, essa regeneração só a podem operar o progresso e a civilisação, quando de uma vez para sempre se attente no que valem as nossas colonias, tão indisculpavelmente entregues á incuria e ao abandono, quando n'ellas existem riquezas latentes que, devidamente exploradas, dariam os mais benéficos resultados.

Estudar os meios mais adequados para o desenvolvi-

mento da sua agricultura; proteger o seu commercio; proceder á construcção de edificios vastos e apropriados para os fins a que se destinam; melhorar as suas condições hygienicas; abrir estradas; resolver o problema urgente do abastecimento das aguas; revellar á humanidade inteira, por meio de estudos conscienciosos e de explorações scientificas, ás quaes presida uma probidade inconcussa, os grandes segredos d'aquella natureza uberrima, a topographia exacta d'aquellas regiões ignoradas, as origens dos seus rios, os pontos até onde são navegaveis, as communicações mais faceis de uma zona para outra zona; os usos e costumes dos seus habitantes; os productos do seu sólo; os pontos mais apropriados para o estebelecimento dos grandes emporios do commercio, seria a grande obra a emprehender para a regeneração e engrandecimento das colonias, e os que a ella se entregássem com profunda dedicação, e desvelado interesse, levantariam um padrão immorredouro nos annaes da historia do seu paiz.

XXIV

Jose Baptista de Andrade. — Prestigio do seu nome. — Guerra com o gentio. — Um feiticeiro branco.

Nos capitulos precedentes, occupei-me, se bem que resumidamente, de grande parte do vastissimo territorio africano, que se estende desde o districto do Ambriz até S. Salvador do Congo e Encôge.

Como disse, a primeira expedição que emprehendeu a occupação dos minas do Bembe, não encontrou resistencia alguma por parte do gentio, o qual, pelo contrario, fugia espavorido e aterrorisado, vendo invadir-lhe o seu territorio aquella imponente força armada, a que elle chamava as *famosas guerras do maniputo.*

Pouco a pouco, porém, foi-se habituando á presença dos nossos soldados nas suas terras, e porque não soffresse violencia alguma, nem lhe fossem extorquidas as suas fazendas e os seus haveres, vendo respeitados os seus lares e protegida a sua individualidade, sentiu despertar em si os instinctos de rapina, deslumbrado pelos valiosos carregamentos de polvora, coral, fazendas, aguardente e mantimentos, que via chegar successivamente aos depositos do Bembe, da Quibala e de Quimalenço.

Começaram então, ainda que em pequena escala, os assaltos e os roubos ás *quibucas* (caravanas de carregadores), nos pontos mais ermos dos caminhos, praticados sempre por meio de embuscadas, e confiando na impunidade dos seus crimes, conforme lh'o tinham prophetisado os seus feiticeiros e adivinhos.

Animado pelo bom exito das suas primeiras proezas, proseguiu o gentio nos seus roubos e assaltos, já com mais ousadia, e não tardou que, em toda a extensão do caminho, entre o Ambriz e o Bembe, se ouvisse resoar o *chingongo* (especie de chocalhos grandes, de ferro, tocados por um páo), signal evidente de que estava declarada a guerra aos brancos,

Foi então que o governo da metrópole, attendendo áquelle melindroso estado de cousas, que punha em risco, não só valores importantissimos, como tambem as vidas de muitos brancos que, ali, longe da patria, soffriam, com a mais dedicada abnegação e o mais acrysolado patriotismo, as intemperies do clima e os incommodos e trabalhos de um acampamento em sertões inhospitos, nomeou governador do districto do Ambriz o intelligente, distincto e intrépido official da armada José Baptista de Andrade, que mais de uma vez déra exhuberantes provas de uma bravura inexcedivel e de um tacto finissimo em tão espinhosas e especiaes commissões de serviço publico.

Ao mesmo tempo, a empreza exploradora das minas do Bembe investia-o na superintendencia d'ellas, confiando na integridade do seu caracter e certa de que ninguem melhor do que elle fiscalisaria os seus interesses.

Não nos céga nem a amizade, nem a admiração que

temos pelo illustre e intrépido official. São de todos reconhecidos os valiosos serviços por elle prestados em tão criticas circumstancias, e a minha voz humilde, é apenas um echo do que sentiam e proclamavam todos aquelles que presenciaram a sua coragem denodada, e o acompanharam nos campos de batalha, esquecendo-se de si para cuidar dos outros, providenciando tudo, animando com a sua palavra e com o seu exemplo aquelles cujo animo desfallecia, o primeiro sempre a expôr o peito ás balas, com um sangue frio e uma indifferença que difficilmente encontrarão imitadores.

Serviços como os que prestou José Baptista de Andrade, não se pagam nunca; a sua verdadeira recompensa consiste na gloria e na satisfação intima de os ter prestado, defendendo e honrando o nome do seu paiz.

Com esta acertadissima nomeação, entrou de novo a confiança em todos os animos, e como que se adquiriu a certeza de uma pacificação breve, depois de devidamente castigados os principaes instigadores d'aquelles attentados criminosos, que restabeleceria a ordem, e imporia áquelle gentio ousado e repugnantemente ingrato e traidor, o respeito que devia ao rei de Portugal, e a obediencia e submissão ás suas ordens e mandados.

O nome de José Baptista de Andrade era muito conhecido e temido pelo gentio.

Começaram desde logo as operações para castigar os régulos e potentados que mais tinham contribuido para aquella rebellião.

Foram destruidas e arrazadas as povoações onde se refugiavam aquelles bandidos covardes, mas traiçoeiros; seguiram-se, sem interrupção, os bombardeamentos das mattas, e os ataques das sanzalas; troava por toda a

parte a artilheria; o incendio elevava no ar as suas chammas rubras, que augmentavam mais ainda o calor tropical e abrazador que nos asphyxiava; ouvia-se o gemer dos moribundos; o gentio fugia, em todas as direcções, espavorido e como que dominado por um terror supersticioso; estava suffocada e devidamente castigada aquella rebellião indigna, e apenas o triumpho das armas portuguezas era enluctado pela morte de tantos bravos, que não mais deviam ver terras da Europa, onde lhes ficara patria e familia.

Infelizmente, estas scenas de horror deviam repetir-se mais tarde, no Congo, onde, por uma imprevidencia indisculpavel mas certamente involuntaria, houve a lamentar a perda de tantas vidas, entre outras a do brioso capitão de artilheria Joaquim Militão de Gusmão.

Qual foi porém o proveito colhido de tantos trabalhos de tantas fadigas, de tão grandes sacrificios?

As minas do Bembe lá estão abandonadas, tendo apenas o districto D. Pedro V uma guarnição insufficiente para fazer respeitar o nome portuguez.

O prestigio que o poder das nossas armas e os brios dos nossos officiaes e soldados exerceram sobre o gentio, foi diminuindo pouco a pouco, e hoje, quasi póde dizer-se que existe em estado de tradicção!

Unicamente o districto do Ambriz tem prosperado, devido certamente á sua posição no littoral, pois que ali affluem em grande quantidade os generos do interior, e mesmo porque os negros estão de ha muito habituados a dirigirem-se áquelle ponto, onde facilmente encontram tudo quanto necessitam, sem que os vexem os roubos e as extorsões dos linguestéres.

E comtudo, que futuro não estava reservado a essa

grande parte da Africa occidental, se, depois de occupada pelo governo portuguez, se estudassem os meios de tornar proveitosa essa occupação, rasgando estradas que facilitassem as communicações e os transportes, desbravando aquelles terrenos feracissimos, fertilizando-os, apropriando-os para as diversas culturas que promettessem ser mais lucrativas, e estabelecendo colonias agricolas, sensatamente organisadas, onde se empregassem, com reciproco proveito, tantos e tantos milhares de portuguezes que, todos os annos, illudidos por falsas promessas e victimas de contractos onerosos, emigram para o Brazil, onde vão trocar a liberdade pela mais iniqua e immoral escravidão!

Que maiores riquezas de madeiras do que n'aquellas florestas virgens? Que maior abundancia de aguas do que nos seus rios orlados de virentes margens? Que mais esplendida vegetação? Que vida, que seiva, que robustez, em toda aquella natureza uberrima!

E tudo isso perdido, abandonado, sem que os capitaes, que se aventuram no jogo das Bolsas, ou na usura da agiotagem, procurando multiplicarem-se por meio de alguma artimanha politica, ou á custa das lagrimas de familias inteiras, se reunam para levarem a effeito uma obra tão grandiosa quanto util!!

Deixemos porém estas considerações, que destoam, por ventura, da idéa que presidiu á contextura d'este livro, e reatemos o fio da nossa narrativa.

Como dissémos, era extraordinariamente temido pelo gentio, o nome de José Baptista de Andrade.

O modo porque elle saia incolume de todos os combates, o facto de o verem sempre na frente das nossas tropas, affrontando impunentemente o perigo, sem que

lhe tocassem as balas, ao passo que, ao lado d'elle, caiam sem vida muitos dos que o acompanhavam, causava profunda impressão n'aquelles espiritos essencialmente supersticiosos.

Para aquelles povos, o intrépido official tomára umas proporções phantasticas, sobrenaturaes, que lhe valeram o epitheto de *endoque iá mundéle* (feiticeiro branco), pelo qual era designado e conhecido em todos os sertões.

Não menos curiosos eram os episodios narrados pelos negros, para justificarem a propriedade d'aquelle epitheto.

Contava-me de uma vez um negro, pretendendo provar-me á evidencia que o *n'guvulo* (governador) do Ambriz era um grande feiticeiro, que vira com os seus proprios olhos, no ataque da sanzala de Eugunde, baterem-lhe as balas no peito, e cairem-lhe achatadas aos pés, sem lhe occasionarem o mais leve ferimento ou contusão.

Outro, no rosto do qual se liam ainda os vestigios do mais profundo terror, exaltava o grande poder de feitiçaria do governador, e adduzia em favor do que avançava, o seguinte indiscutivel argumento:

—Nós, quando disparâmos um tiro, primeiro faz a espingarda *pum!*, e depois é que a bala vai matar. O *n'guvulo* é o contrario: primeiro mata, e depois é que faz *pum!*

Déra logar a esta supposição, um tiro de artilheria feito pelo governador Andrade a um grupo de pretos reunidos, a distancia, na crista de um monte, e, cousa muito natural, a bala matou alguns d'elles, primeiro do que os que escaparam ouvissem a detonação do tiro.

José Baptista de Andrade, ao passo que exercia sobre

os gentios um terror supersticioso, e os castigava sem piedade sempre que as circumstancias o exigiam, era da mais extrema bondade para aquelles que se comportavam lealmente; enchia-os de presentes, recompensava-lhes os serviços e procurava convencel-os, por todos os modos, das vantagens que podiam auferir da sua obediencia aos Portuguezes.

Infelizmente, estes exemplos salutares não teem sido imitados, e d'essa falta resultaram os desastres lamentaveis, occorridos no Congo, em Cassange e ultimamente nos Dembos.

Desenganem-se de uma vez para sempre; o verdadeiro engrandecimento das nossas colonias, e a conservação ali do prestigio do nome portuguez, dependem principalmente de uma legislação especial e adequada a uma localidade onde é outra a vida, outros os costumes, outras as necessidades, diversa a lingua, diverso o clima, differentes as exigencias, excepcional o systema de governação, e sobretudo da escolha dos funccionarios a quem forem incumbidas as delicadas commissões de serviço publico, como aquellas em que tanto se distinguiu o bravo, sensato e prudente official de marinha, hoje contra-almirante, o conselheiro José Baptista de Andrade.

XXV

O presidio de S. José d'Encôge

O leitor benevolo, que até aqui me acompanhou nas minhas excursões pelos sertões inhospitos da Africa, levará, certamente, mais longe a sua condescendencia, consentindo em visitar commigo alguns dos presidios e districtos, dependentes da provincia de Angola, que mais dignos se me affiguram da observação do viajante.

Principiaremos pois pelo presidio de S. José d'Encôge, por ser ali onde vão cumprir degredo os mais façanhudos criminosos, cuja sentença condemnatoria lhes marca já esse destino, como succedeu á matricida Maria José, de nefanda memoria, e a muitos outros réos de não menos monstruosos crimes.

O presidio de S. José d'Encôge, foi estabelecido em 1758, pelo governador capitão general da provincia de Angola, Antonio de Vasconcellos.

Este presidio é conhecido egualmente pela denominação de *Pedra de Encôge*.

Os dembos que ali exerciam maior influencia, eram o Ambuilla e o Amboella; comtudo, não fizeram resisten-

cia alguma, e contribuiram, pelo contrario, para que o dembo *Quitixi*, prestasse vassallagem ao rei de Portugal.

Em diversas epochas, e nos governos de Antonio de Vasconcellos e D. Francisco Innocencio de Souza Coutinho, foram egualmente celebrados differentes tratados com alguns régulos importantes, taes como o duque de Quina, marquez de Encuça e rainha do Hando, que ficam para além do Bembe, na direcção do Zaire.

Ao Sul do presidio, estende-se o vasto territorio dos negros *Mubiris*, e a Léste, a jurisdicção do poderoso *Jaga Calandula*.

A povoação, propriamente dita, composta, quando muito, de trezentas cubatas, fórma dois grupos, no centro dos quaes estão situadas a fortaleza e a egreja.

A fortaleza, de fórma quadrada, com quatro baluartes pequenos nos angulos, é feita de pedra solta, e de uma construcção admiravel, pois que se conserva ainda em soffrivel estado, o que já não succede ao pequeno revellim, que fica distante da porta uns vinte passos.

Pelo que diz respeito á residencia do chefe, paiol e arrecadação, casa da guarda e calabouço militar, está tudo em perfeito estado de ruina, incluindo as peças de artilheria, todas ellas incapazes de fazerem um unico tiro.

Junte-se a isto uma guarnição de quatorze soldados pretos, armados de espingardas de fusil, cheias de ferrugem, e pela maior parte quebradas, e far-se-ha uma idea exacta do respeito que uma tal fortaleza póde incutir no gentio.

A egreja é de pedra e cal, mas com o tecto de palha, e conserva ainda as imagens de S. José, que é o orago,

e a de Santo Antonio, ambas completamente damnificadas.

É vastissimo o territorio dependente da jurisdicção do presidio de S. José d'Encôge, pois que conta nada menos do que vinte dembos ou régulos, dos quaes uns avassallados, e outros independentes.

Os dembos avassallados teem todos nomes portuguezes, e parece-me curioso dar aqui uma relação d'elles, para que se faça uma idéa approximada da preponderancia que tivémos sobre aquelle gentio em tempos remotos, quando se pensava mais a serio em estender o dominio portuguez em terras d'Africa, do que se pensa actualmente em conservar esse dominio, legado pelos nossos maiores, á custa de tantos sacrificios e de tão acrysolado patriotismo.

Dembo *Ambuilla*, D. Alvaro Affonso Gonçalves, que pagou sempre dizimos de 500 fógos, apezar de que não consentiu nunca que a auctoridade fizesse, na devida fórma, o competente arrolamento.

Dembo *Namboangongo*, D. Matheus Ribeiro Affonso da Silva, quasi tão poderoso como o precedente, e que pagou tambem sempre os dizimos correspondentes a 500 fógos.

Dembo *Quitixi*, D. Francisco Joaquim de Oliveira, que pagava dizimo de 300 fógos.

Dembo *Cabonda Cacuhi*, D. Francisco Sebastião Affonso da Silva.

Este régulo, que pertencia á provincia dos Dembos, separou-se d'aquelles potentados, e prestou vassallagem ao rei de Portugal.

Dembo *Muene Dando*, D. Francisco Manoel, um dos que mais se presta ao serviço do presidio, sempre que é d'elle reclamado.

Dembo *Dambi Angola*, D. Paulo dos Santos de Carvalho, um dos mais fieis alliados do dembo *Ambuilla*.

Dembo *N'Ganga Licungo*, D. Sebastião Alves, fornecia carregadores ao Estado, mas não dava contingente de gente de guerra.

Dembos *Amboellas*, D. João e D. Manoel Affonso da Silva, ambos alliados do duque de Quina, e seus subordinados.

Dembo *Quicuengo*, D. Manuel Silvestre, fornecia carregadores ao Estado, e fazia o serviço do presidio.

Dembo *Canga Bondo*, D. João Paulo, com quanto de pequena importancia, estava prompto sempre para tudo quanto exigiam d'elle.

Dembo *Muene Coxi*, D. Sebastião Affonso da Silva, prompto tambem para todo o serviço.

Dembo *Quiadembe*, D. Francisco de Souza, alliado e visinho do Dembo *Quicuengo*.

Dembo *Muene Lumba*, D. Agostinho João, fornecia carregadores ao Estado.

Dembo *Maungo Mabuigi*, D. Alvaro de Oliveira, de pequena ou nenhuma importancia.

Os dembos não avassallados, conservaram todos os nomes gentilicos, e estão em hostilidade permanente com os brancos.

São elles os seguintes:

Muangi-agulongo.—Muene Huemgo.—Muene Cananga.—Muene Quiginba.— Congo-apaca.— Muene Vungo.—Muene Lundo.— Muene Zalla.— Lunga.— Quipenene.—Cuhu Muginga.—Pumba Sahi, e outros que seria ocioso enumerar.

Note-se que todos estes dembos, avassallados e independentes, pódem pôr em armas, de um momento para

o outro, aproximadamente cem mil homens aguerridos, que arriscam a vida com a mais completa indifferença, fiados no poder dos seus *muquixis*.

As suas armas mais vulgares são espingardas, zagaias, *machetes* (facas de matto) e *diabites*, e usam todos um grande escudo de couro crú, que os cobre desde a cabeça até os pés.

O clima, bom para os indigenas, é essencialmente mortifero para os europeus.

Os habitantes da vastissima jurisdicção de S. João d'Encôge, são tão indolentes como os negros dos outros sertões, de modo que a agricultura resente-se d'essa indolencia, ou antes incuria, com quanto os terrenos produzam muito bem a mandioca, o milho, o feijão, o tabaco, o algodão, o café e o carrapateiro.

O paiz é montanhoso, e sitios ha onde as cristas das montanhas, se confundem com as nuvens.

Encontram-se mattas immensas, das mais excellentes madeiras, e as suas terras são banhadas pelos rios *Bomba* ou *Loge*, *Luége de Caricari*, *Canabinga*, *Lué*, *Lifane*, *Cumba-amaza*, *N'Zovo* e *Ambaia*.

O rio *Bamba* ou *Loge*, é cortado por quatro pontes, duas publicas e duas particulares, que têem os nomes de ponte da *Feira*, ponte de *Muene-Coxi*, ponte de *Quingullo* e ponte *Quizuau*.

Pelo que deixamos dito, facilmente se comprehenderão as vantagens que resultavam da occupação do Bembe e do Congo, pois que, ligando-se estes pontos á jurisdição de S. José d'Encôge, e dilatando-se, em uma tão vasta extensão de territorio, as nossas fronteiras interiores, abrangeriam incalculaveis riquezas agricolas e mimineralogicas, que constituiriam inquestionavelmente

uma valiosissima fonte de receita para a provincia d'Angola.

Tudo isso, porém, não passou de uma seductora miragem, que á similhança do phenomeno enganador, teve apenas uma duração ephemera.

Ainda assim, com magoa o dizemos, essa malograda tentativa, custou avultadas sommas de dinheiro, e um não pequeno numero de vidas.

XXVI

Districto dos Dembos.—Os Mubires e Mahungos.

Está presente ainda na memoria de todos os que se interessam pelas nossas cousas de Africa, os episodios desastrosos da ultima guerra com os *Dembos*, e a paz que a ella se seguiu, em que, seja dito em boa verdade, não fizemos uma figura muito brilhante.

Não pretendemos de modo algum fazer a historia d'essa guerra, em que haveria muito a dizer, porque é outra a indole d'este livro, e deixaremos essa apreciação a quem, um dia, se proponha a analysar, á luz dos factos, as causas da decadencia das nossas colonias.

Chamar-me-hão talvez pessimista, mas confesso á puridade, que não acredito na prosperidade, por ahi tão apregoada, das nossas possessões ultramarinas. Essa prosperidade, que póde illudir os que não conhecem bem as colonias, é apenas apparente, e, em abono d'esta asserção, ahi estão os factos que fallam bem alto.

Poremos, porém, de parte esta questão, e consultando os nossos apontamentos, faremos ao leitor uma breve descripção da provincia dos *Dembos*, cujos potentados, nos deram, ha pouco tempo ainda, bastante que fazer.

O districto dos *Dembos*, fazia parte antigamente do de Golungo-Alto, mas foi desmembrado d'elle e tornado independente em 1810, por ordem do general José de Oliveira Barboza.

Abrange uma vasta extensão de territorio, e nas suas fronteiras correm, do lado do Sul, o rio Zenz a, e do lado do Norte o rio Dande.

Os seus terrenos são ferteis, se bem que pouco cultivados, e banhados pelos pequenos rios *Quifiza*, *Lobo*, *Lombige*, *Nagungo*, *Huquá*, *Camossage*, *Fumeijo*, e *Lulovo*, tres dos quaes o *Lobo*, o *Lombige* e o *Lulovo*, se tornam caudalosos e impedem o transito na estação das chuvas.

A população da provincia ou districto dos *Dembos*, póde calcular-se em 52:000 almas, de que fazem parte: a gente propriamente dita dos Dembos, os negros *Mubires* ou *Loangos*, e o gentio *Mahungo*.

Os negros *Mubires* são oriundos do Loango e foram mandados para Encôge, em 1759, quando se fundou este presidio.

São outros os usos e os costumes d'estes negros. Entre elles não existe a escravidão; são activos, trabalhadores e intelligentes para o negocio.

O sitio onde primeiro estabeleceram as suas sanzalas. denomina-se *Muene-Coxi*, proximo de Encôge; mas depois foram-se propagando e estendendo por diversos pontos da provincia, sem comtudo cruzarem a sua raça com a gente dos *Dembos*, ou com o gentio *Mahungo*.

Orgulham-se de serem *Loangos* e consideram-se estrangeiros, pelo que pagam tributo aos *Dembos*.

Trabalhadores e intelligentes, como disse, encontram-se entre elles excellentes ferreiros, carpinteiros e ser-

ralheiros. Os seus campos são sempre cuidadosamente cultivados, e n'esses trabalhos empregam escravos *mahungos*, que compram sempre que as suas posses lh'o permittem.

São seis os *Dembos* principaes pelos quaes está dividido o governo da Provincia, e esse poder foi-lhes conferido pelo artigo 15.º do Regimento dos capitães móres de 1763.

Senhores de baraço e cutello, exercem as mais atrozes barbaridades sobre o seu povo, e mais que nenhum outro gentio, observam a idolatria fetichista.

A jurisdicção de cada um d'esses Dembos, comprehende uns tantos *Patrões Mubires*, que lhe pagam tributo, comquanto prestem obediencia a umas leis especiaes suas, e alguns *sobas* que são uma especie de delegados do seu governo.

O caracter d'estes negros é traiçoeiro e máo, e, sempre que podem, quando seguros da impunidade, exercem as maiores ferocidades sobre os brancos indefezos que lhes cáem nas mãos.

O seu trajo consiste n'uma simples tanga de panno de algodão, untada de azeite de mamona e de tinta extrahida da madeira chamada *tacula*, e sustentam-se de caça, mandioca, milho, feijão, hervas e *malavo* (vinho de palma.)

Vigóra entre elles a lei da *upanda*, de que tratei já em um outro capitulo d'estes apontamentos, e quando a adultera é julgada criminosa, tem de confessar, sob pena de morte violenta, quantas vezes commetteu adultério, afim de que o seu co-réo pague a *cabala* ou *quituxe de upanda* que lhe fôr estipulado, por decisão de um jury presidido pelo dembo.

Todos estes potentados usam unicamente os nomes gentilicos, e não se habituam, por modo algum, ao trato intimo com os europeus.

O primeiro dembo, tem o nome de *Caculo Cacahenda*, e exerce jurisdicção sobre doze *sobas* e mais uns quinze *patrões Mubires*, formando ao todo uma população de perto de 13:000 almas.

O segundo dembo, chamado *N'Gombe Amuquiama*, governa em dezeseis *sobas* e quatro *patrões Mubires*, formando uma população de 12:000 almas.

O terceiro dembo, por nome *Cazuangongo*, tem subordinados oito *sobas* e nove *patrões Mubires*, formando uma população de 8:000 almas, aproximadamente.

O quarto dembo, apellidado *Quibaxe Quiamubemba*, exerce jurisdicção em cinco *sobas* e em cerca de 4:000 almas.

O quinto dembo, chamado *Mafuque Aquitupa*, tem cinco *sobas* seus subordinados e uma população de 1:800 almas.

O sexto e ultimo dembo, usa o nome de *Anôala Cabaça* e tem unicamente uma *banza* ou sanzala, com 800 almas.

Pelo que deixâmos dito, póde calcular-se facilmente a importancia d'estes potentados, que é de crer se tornem cada vez mais ousados, visto como se sairam bem da sua ultima tentativa de aggressão contra as auctoridades portuguezas, aggressão essa que não levou a devida correcção, embora se apregõe por ahi que foi muito honroso para nós o tratado de paz celebrado com elles.

E, digâmos a verdade, que póde fazer em toda a vasta provincia de Angola, uma guarnição composta de dois mil homens, ou pouco mais?

Como é possivel fazer-se respeitar o nome portuguez, e castigar severamente os que, ou se rebellam e nos in-

sultam, ou praticam roubos e extorsões vexatorios, como succede no interior?

Que protecção têem os commerciantes que no sertão conservam ás vezes armazenados valores importantissimos em fazendas, marfim, gomma copal, cêra, urzella, azeite de palma, e outros productos indigenas?

Onde está a segurança nos caminhos para que por elles transitem afoutamente as *quibucas* (caravanas) de carregadores, trazendo generos para a cidade, ou levando d'esta fazendas para o sertão?

Só quem percorreu todos os pontos do interior, e viu o estado de abandono em que elles se acham, é que póde avaliar devidamente, a quanto se expõem aquelles que, sem o mais pequeno auxilio ou protecção, se aventuram a mercadejar nos sertões.

Não nos chamem pessimistas, repetimos, porque n'isto que avançâmos, não ha o mais pequeno exaggero.

Oxalá que os governos se compenetrassem, por uma vez, d'esta triste verdade, e olhassem com seriedade e verdadeiro interesse, para o estado deploravel em que se acham as nossas colonias.

Dizia-me muitas vezes, um distincto official da marinha franceza, mr. Carpentier, commandante do vapor *l'Arabe*, que não podia comprehender como os nossos commerciantes arriscavam tão importantes valores, isolados no interior, sujeitos aos roubos e ás rapinas do gentio, sem probabilidade alguma de serem soccorridos no caso de sáque ás suas feitorias, e como era que o governo portuguez os deixava em tão vergonhoso abandono?

Escusado será dizer que a minha unica resposta a tão justas observações, era o mais absoluto silencio!

XXVII

Districtos da Barra do Dande e do Libongo.— Rio Dande.

O districto da Barra do Dande que, em tempo, esteve annexado ao do Alto Dande, tem de extensão cerca de 40 kilometros, desde a praia de S. Thiago até o rio Lifune, e de largura uns 10 kilometros.

Limita ao Norte com o districto do Libongo; ao Sul com o da Barra do Bengo; ao Oeste, com o Occeano, e a Leste com o Alto Dande.

Apesar da sua grande extensão, é escassamente povoado, por isso que só podem ser proveitosamente cultivados os terrenos situados á beira-rio.

Os generos que ali se colhem, se bem que em pequena abundancia, são milho, feijão, ervilha e pouquissima mandioca.

Ha sitios onde o sólo é salitroso, e as pretas que, ali como em todos os sertões d'Africa, são as que se entregam aos trabalhos do campo, extrahem d'elle algum sal para seu uso, deitando a terra em agua e fervendo esta.

A maior parte dos terrenos é invadida pelas inundações do rio, que arrazam tudo.

Os seus edificios principaes constam da residencia do chefe, que é construida de pedra e cal, e de um pequeno quartel para tropa, tambem de pedra e cal, coberto de palha.

Vêem-se ali as ruinas de uma egreja, que pertenceu aos jesuitas e se denominava Collegio, e as de uma pequena ermida, que era a que propriamente pertencia ao districto.

O fabrico da cal extrahida da pedra, foi um dos principaes ramos da sua industria, que podia ter sido levada a um subido grau de prosperidade, se a auxiliassem ou a iniciativa do governo, ou a exploração particular.

Alguns dos seus moradores possuem *mosséques* (fazendas ou quintas), que, em annos de chuvas regulares, produzem alguma cousa; a maior parte das vezes, porém, por isso que é quasi constante a estiagem, a sua vegetação consiste tão sómente em *matebeiras*, (planta rasteira da qual, depois de sêcca, se fazem saccos e cordas), e em algumas *cassoneiras*, com as quaes formam uma especie de valados ou sébes.

O intelligente e estudioso capitão Pinheiro Bayão, conseguiu, á força de experiencias, extrahir da *cassoneira* uma materia muito similhante á borracha, que devidamente analysada em Inglaterra, se reconheceu possuir as mesmas propriedades.

Infelizmente a sua demasiada boa fé, fez com que outros se apoderassem escandalosamente da sua descoberta e a inculcassem como sua, do que resultou ter sido abandonada aquella nova exploração que promettia tão vantajosos resultados.

O gado vaccum, cabrum e ovelhum dá-se ali bem, com quanto o dizime todos os annos uma epidemia que seria talvez facil combater ou prevenir, se para isso houvesse os elementos necessarios.

O gado suino é mais raro e quasi sempre enfezado, por isso que falta a farinha de mandioca para o engordar.

Ha tambem grande abundancia de peixe junto á foz do rio, e n'este encontram-se varios amphybios taes como cavallo marinho, peixe-mulher, ou phoca, e jacarés, sendo estes ultimos de uma grande voracidade.

Os mattos abundam em caça grossa e meuda, figurando principalmente os veados, os pacassas, as corças, os cérvos e as perdizes. Não deve porém o caçador aventurar-se imprudentemente n'aquelles desertos, pois que, em vez da caça que persegue, póde encontrar algum leão, onça ou lobo, que o faça passar um mau quarto de hora.

As fructas, se bem que em pequena quantidade, são saborosissimas, e vi ali excellentes goiabas, laranjas, tamarindos, limas e limões.

O café e a canella produzem egualmente bem, apesar de que está muito pouco desenvolvida ainda a sua cultura.

Foi n'este districto que se creou e estabeleceu a caudelaria nacional, d'onde sairam cavallos que, se bem que de pequena marca e corpolencia, eram comtudo muito rijos e proprios para serem empregados em diversos serviços, com grande utilidade para a provincia.

Todavia, a falta de conhecimentos theoricos e praticos que requer um estabelecimento d'aquella natureza, foi causa de que a caudelaria acabasse completamente.

Eram pessimas as suas condições e absolutamente nociva a ignorancia d'aquelles que a dirigiam.

Mais de uma vez fomos testemunhas do excellente serviço prestado pela cavallaria nos ataques contra os negros.

Não ha gentio, por mais destemido e ousado, que não fuja, cheio de terror, diante de um cavallo, a quem chama o *bixo que come ferro*.

Poderão objectar-nos, talvez, que nem todos os terrenos d'Africa se prestam a que a cavallaria possa manobrar; mas a isso responderei com mais de um exemplo que prova evidentemente o contrario. A expedição do Bembe levava cavallos que prestaram um grande serviço, e na guerra do Ambriz, a cavallaria contribuiu em grande parte para dispersar e pôr em fuga o gentio que não recuava, nem o intimidavam já a fusilaria e a artilheria.

O rio Dande, que deu o nome a este districto, corre do nascente para o poente, tem a sua origem no Ginga e é navegavel n'uma extensão de 36 milhas.

As suas margens são habitadas e divididas em *arimos* (fazendas), e n'um d'elles chamado *Quissuco Quiacussanda*, está situado o porto, que vai ligar-se a um outro *arimo*, da margem opposta, chamado *Quivargas*, o qual dá passagem aos negros *Muquiamas, Encôges, Mutemos, Icaús* e *Muxicongos*.

Nas suas visinhanças, estão estabelecidos os curraes de gado, por ser ali mais abundante a vegetação.

O Dande, com quanto muito inferior ao Quanza, ainda assim é pittoresco, e podia ser muito util á agricultura, se evitassem as innundações que ali são muito frequentes, e aproveitassem as suas aguas para a réga de vastissimas campos estereis pela sua aridez, em consequencia da falta de chuvas.

O districto do Libongo, de que tratei já rapidamente no capitulo I d'este livro, foi separado do districto da Barra do Dande, no anno de 1845, sendo governador geral da provincia de Angola o distincto official de marinha Pedro Alexandrino da Cunha.

A sua população è aproximadamente de cinco mil almas, divididas por 490 fógos.

Separa-o da Barra do Dande o rio *Lifune*, que tem a sua origem nas terras do dembo *Motemo*, na jurisdicção de S. José d'Encôge.

Houve ali em tempo uma especie de reducto, vendo-se ainda os vestigios da muralha, e a casa da residencia do chefe é uma cubata indecente e miseravel, em tudo semelhante ás dos outros moradores, pela maior parte pretos e de pequenos haveres.

São ali escassas as colheitas, e no tempo do cacimbo, a população emigra para os outros districtos, em busca de trabalho que lhe dê o sustento quotidiano.

Os povos do Libongo pertencem ao reino do Congo, mas não obedecem áquelle rei, nem ao marquez do Mossulo, de quem se dizem vassallos.

Cada *libata* ou sanzala, tem um chefe, que se arroga o titulo de rei, o qual cobra um tributo de todos quantos passam pelas suas terras. Esse tributo consiste sempre em fazendas ou aguardente.

Foi no Libongo que, uma manhã, ao romper o dia, vi ao longe um bando de elephantes, retirando das margens do Dande onde tinham ido beber.

Por informações de alguns empacaceiros do dembo *Cabouco*, soube que aquelles animaes se dirigiam para o sertão da *Lunda*, onde habitam, e que a falta de agua os obrigára a descerem até ao Dande.

Pareceu-me exacta esta informação, porque, effectivamente, é do sertão da *Lunda* que afflue todo o marfim que se permuta nas feitorias do littoral, ao norte da costa.

Nos môrros chamados *Sassá*, *Cabengama* e *Andoim*, é que estão situadas as fontes de petroleo, a que me referi no capitulo I d'este livro.

No môrro Sassa, ha uma floresta immensa, onde se encontra, em grande quantidade, o *muginge* (páo ferro), e outras madeiras de excellente qualidade e grande duração.

Tanto o districto da Barca do Dande, como o do Libongo, podiam ser utilmente âproveitados, pela sua proximidade da cidade de Loanda, e porque encerram em si os elementos necessarios, não sô para o desenvolvimento da agricultura, como tambem para a exploração de industrias lucrativas,

XXVIII

As Pedras de Pungo-Andongo.—Ambaca e Golungo-Alto.—Zenza do Golungo.

O Presidio portuguez de *Pungo-Andongo*, mais vulgarmente conhecido pela denominação de *Pedras de Pungo-Andongo*, foi n'outro tempo a côrte dos reis do Dongo.

Em 1671, sendo governador geral da provincia de Angola Francisco de Tavora, foi aquelle reino conquistado ao rei D. João Hary, por Luiz Lopes de Sequeira, e desde então ficou pertencendo á corôa de Portugal.

Está situado este Presidio ao Norte da margem direita do Quanza, e apresenta o aspecto mais phantastico e maravilhoso que possa phantasiar-se.

Imagine-se um elevado rochedo quasi inacessivel, na chapada do qual está situada a fortaleza, rodeado de muitos outros de fórmas caprichosas, formando um conjuncto que impõe pela sua grandiosidade e deleita pela amenidade e frescura da vegetação que o reveste.

Para chegar até á fortaleza e aos penedos que a rodeiam, entra-se por uma estreita abertura praticada na base de uma das rochas, e logo em seguida embrenha-

se o viajante n'um caminho escabrozo, cortado por tão intrincados meandros de rochas de pedra negra, que difficilmente se atina com o verdadeiro trilho a seguir.

No sopé d'esses rochedos, e junto da entrada que vai dar ao Presidio, ha uma vasta espessura de arvoredo e matto, e um pouco mais distante, despenha-se de uma grande altura uma nascente de agua, formando um lençol de dez a doze braças de largura.

Por entre os rochedos, erguem-se, de espaço a espaço, as copas verdejantes de arvores giganteas, e no plató onde está situada a fortaleza, é esplendida a vegetação e purissimo o ar que se respira.

Em volta do Presidio, ha uma povoação com mais de duas mil almas, e uma egreja parochial, com a invocação de *Nossa Senhora do Rosario.*

Descendo para o lado da margem direita do Quanza, e em deliciosos valles e planicies, encontram-se cerca de quarenta e tantas *banzas* ou sanzalas, onde residem os *sobas* avassallados.

Esses valles e essas planicies são regados por pequenos riachos que os fertilizam concorrendo em grande parte para a salubridade do clima.

Em tempo, aos grandes criminosos que da Metrópole iam degredados para as nossas possessões ultramarinas, marcava-se-lhes, como o logar onde deviam cumprir sentença, as *Pedras Negras de PungoAndongo*, o que era um grande erro, porque é esse, talvez, um dos pontos mais saudaveis do interior d'Africa.

Para melhor corroborar o que deixâmos dito, transcrevemos um trecho da Memoria, escripta por Fortunato de Mello que, melhor do que nós o podiamos fazer, elu-

cidará o leitor sobre a salubridade e condições hygienicas do mencionado Presidio.

Diz a citada memoria:

«Ahi não ha *carneiradas* (febres endemicas) grandes, «nem pequenas; o ar é fino e quasi sempre fresco; a «agua é pura, leve e constantemente fria. Despenha-se «de enormes massas, não de pedra, como toda a gente «diz, mas de terra petrificada, misturada com areia «grossa e pequenas pedras siliciosas, destacada uma «das quaes, por meio de muitas pancadas, fica a cavi«dade em que se achava engastada. Póde dizer-se que «é a oitava maravilha do mundo, que poucas pessôas «têem sabido apreciar.

«O terreno produz em abundancia mandioca, milho, «feijão de varias qualidades, ginguba, de que se faz «muito bom azeite, bananas, ananazes, os melhores que «se conhecem, hortaliças de toda a especie, que du«ram em todos os tempos do anno, romãs, laranjas, li«mas, limões, algodão, anil, nicociana, arroz, trigo, etc. «e é susceptivel de dar tudo quanto produzem os me«lhores paizes da Europa.

«Tem muita caça, principalmente lebres: e o rio «Quanza, que lhe fica proximo, abunda de bom peixe.

«No tempo das chuvas não apparece uma só mosca, «nem um mosquito: a carne dura dependurada, exposta «ao ar, tres dias sem se corromper, e nos tempos me«nos humidos cinco, o que não acontece em paiz algum «d'Africa ou Asia dentro dos tropicos.

«Abunda de gado, cuja carne é excellente. O leite con«tem muita parte caseosa, e os queijos feitos d'elle pa«recem-se muito com os melhores do Alemtejo ou da «Serra da Estrella...»

Havia ali antigamente uma feira onde affluiam muitos generos dos sertões do *Libolo*, de *Ganguella* e de *Bailundo*, mas hoje em dia está abandonada, e os negros carregadores correm todos ao littoral, onde estão estabelecidas muitas feitorias nacionaes e estrangeiras.

O antigo Presidio de *Ambaca*, situado ao Norte das *Pedras de Pungo-Andongo*, foi fundado em 1614, pelo Governador Geral de Angola, Bento Banha Cardozo, perto do rio *Lucala*, e transferido em 1616 para o logar onde hoje se acha, pelo Governador Luiz Mendes de Vasconcellos, é actualmente a capital do districto do Golungo-Alto.

D'esta juncção resultou ficar sendo aquelle districto um dos mais ricos e povoados que são apanagio da corôa portugueza.

Conta nada menos do que cento e trinta *sobas* avassallados, e uma população de cêrca de oitenta mil habitantes.

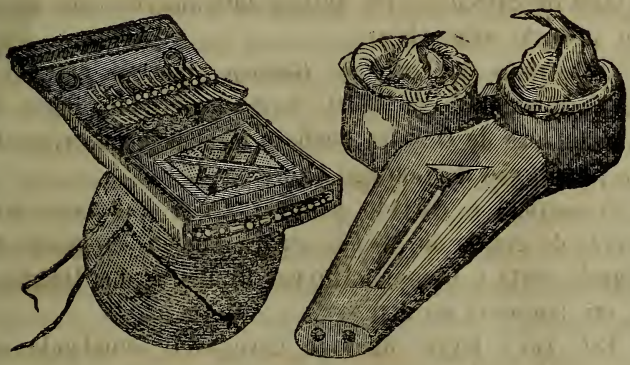
Os negros *Ambaquistas* são muito ladinos, e quasi todos sabem ler e escrever.

É realmente curioso vêr o acampamento de uma *quibuca* de carregadores de Ambaca, nas horas de descanço. Andam todos munidos de um pequeno tinteiro, penna e papel, e logo em seguida á refeição, formam diversos grupos e começam a redigir, com uma rapidez pasmosa e grande copia de phrases empoladas, quasi sempre um memorial ao Governador Geral, em que se queixam do respectivo chefe do districto.

E tambem geralmente sabido que, do circulo de Ambaca depende principalmente a eleição de deputados pela Provincia d'Angola, pois que ali, com direito ou sem elle, todos ou quasi todos são eleitores, e póde-se portanto

calcular que pezo não fará na balança eleitoral a bagatella de cêrca de oitenta mil votantes!!

Os *Ambaquistas* são além de ladinos muito industriosos, trabalham o ferro que extrahem das suas montanhas, e com elle fazem objectos de uso domestico, *malungas* (braceletes) e os *quissanges*, que são o seu instrumento favorito.



Quissange Fólle

As forjas são feitas no chão com algumas pedras, e usam de um fólle, que é tambem invenção sua e lhes produz o resultado exigido.

Cuidam tambem muito na lavoura e na creação de gados, sobretudo de *bois-cavallos*, aos quaes furam as ventas, enfiando por ellas uma argola, a que prendem uma corda, que faz as vezes de arriata e por meio da qual os guiam para onde querem.

Estes animaes prestam um grande serviço no transporte de cargas e dão tambem cavallaria.

Professam quasi todos os habitantes de Ambaca e do

Golungo-Alto a religião christã, e ali tiveram os padres Carmelitas a missão de *Santo Hilarião de Bango aquitamba.*

Em Ambaca, ha uma egreja com a invocação de *Nossa Senhora d'Assumpção,* e no Golungo as de *S. Joaquim de Malúa* e *S. João Evangelista.*

É todavia para lamentar, que estas egrejas se conservem quasi sempre orphãs de parochos que prosigam a obra de catechese dos antigos missionarios, por meio de praticas evangelicas.

O districto do *Zenza do Golungo,* que foi elevado a essa cathegoria em 1810, sendo governador geral de Angola José de Oliveira Barbosa, está hoje encorporado na jurisdicção do Golungo-Alto.

O districto é cortado pelo rio *Zenza* que nasce nas terras do gentio do *Ngolla,* separa Ambaca do gentio do *Hundo,* corta o Golungo-Alto nas fronteiras dos Dembos, e vai lançar-se no mar.

Este rio é largo, fundo e navegavel, inundando no tempo das chuvas uma grande extensão de terreno.

Os habitantes do *Zenza do Golungo,* entregam-se com especialidade á cultura do algodão, de que tecem os pannos chamados *tangas,* e colhem tambem mandioca, milho, feijão, café e arroz, se bem que em pequena quantidade.

O paiz é accidentado, arborisado e abundante em caça; encontrando-se com facilidade porcos montezes, corças, veados, lebres e coelhos.

Regam-n'o, alem do rio *Zenza,* mais o rio *Huqua,* que é affluente do Dande e nasce nos Dembos; o riacho *Lucalla,* que nasce no Golungo-Alto e desagua na lagôa

Lalama, o riacho *Chiri* e as lagôas *Hubanda, Quibandua, Gangy, Bamba* e *Quibenquenha.*

Ha ali muito gado vaccum, cabrum e suino, e grande variedade de fructos saborosissimos, taes como laranjas, ananazes, mangas, limas, bananas, cocos, jambos, tamaras e tamarindos.

Este districto podia transformar-se n'uma granja riquissima pelas suas excellentes condicções agricolas, tendo além d'isso a vantagem de distar da cidade de Loanda, apenas umas tres a quatro legoas.

O viajante, que uma vez se vê em presença da esplendida vegetação africana, e contempla como que fascinado as suas florestas povoadas de arvores gigantescas, de troncos colossaes, e luxuriante ramaria, perderá, como succedeu a Stanley, em presença das florestas de Mauyenéma, a consciencia da sua identidade, e parecer-lhe-ha ouvir aquelles colossos da floresta proclamarem a sua antiguidade e a sua superioridade, e bradarem-lhe:

«Ha muitos seculos que as nossas sementes fecunda-«ram. Crescemos silenciosas e serenas, sem que cousa «alguma nos viésse perturbar. Desconhecemos as luctas, «os debates e as paixões do vosso mundo. Se bem que «nascidas da terra e alimentadas por ella, somos toda-«via indifferentes á sorte das cousas n'este globo. Temos «de edade quinhentos annos. Onde estavas tu, atomo «d'essa humanidade que se agita sem cessar, e não co-«nhece o repouso, quando as nossas sementes germina-«ram? Quem és tu senão um accidente passageiro, se-«melhante a essas folhas seccas que cobrem as nossas «raizes? Parte, e vai dizer aos individuos da tua misera «especie, que viste o Silencio!»

Este brado eloquente de admiração, solto pelo illustre explorador nas immensas solidões africanas, é o maior testemunho de homenagem que se póde prestar a tão primorosas maravilhas da creação!

XXIX

Muxima.—Nossa Senhora, mãe e filha.—Massangano.

O Presidio de *Muxima,* situado na margem esquerda do Quanza, no sertão da Quissama, foi fundado em 1599 por Balthazar Rebello de Aragão, sendo governador geral de Angola João Furtado de Mendonça.

Dizem varios auctores que o primitivo estabèlecimento d'este Presidio, fôra no sitio denominado *Casenga,* junto do qual corre o rio *Ngoma.*

Não nos parece porém fidedigna esta versão, e antes nos inclinâmos a que o estabelecimento do presidio porguez, foi, desde a sua origem, n'um ponto do sertão avassallado, a que o gentio dava o nome de *Muxima,* que em lingua *bunda* significa *coração.*

Por essa occasião, tomaram egualmente posse os Portuguezes de uma grande lagôa denominada *Quizúa,* que abunda em excellente peixe, contribuindo assim com um valioso subsidio para a manutenção d'aquelles povos.

Seguindo pelo rio *Ngoma,* na direcção de *Muxima,* encontra-se um grande penedo, conhecido pelo nome de *Joannes,* situado á beira-rio, o qual se tem ido esbo-

roando com a acção do tempo, de modo que, na sua base, ha uma grande quantidade de pedra solta.

As margens do *Ngoma* são virentes e pittorescas pela variedade da sua cultura, que consiste principalmente em mandioca, feijão, tabaco, algodão e muitas arvores de fructo e de sombra.

O presidio está situado n'uma baixa, cercado de montanhas elevadas, no cimo de uma das quaes foi construida a fortaleza e d'ali domina uma vasta extensão de terreno, incluindo a grande lagôa *Quizúa*, de que fallei já.

Afflue ali algum negocio trazido pelos negros da Quissama, Libolo e Bailundo, e ha grande abundancia de porcos, cabras e carneiros.

A egreja, se bem que em mau estado de conservação, é de uma architectura regular, e tem a invocação de *Nossa Senhora da Conceição de Muxima.*

E' grande a fé que têem com aquella imagem, não só os moradores dos differentes presidios e districtos circumvisinhos, como tambem muitos dos habitantes de Loanda, e até o proprio gentio da Quissama.

E' crença robusta entre este gentio que, por occasião de uma guerra que os Portuguezes tiveram com elles *Quissamas*, e em que as nossas armas ficaram victoriosas, fôra essa victoria devida ao milagroso apparecimento d'aquella imagem ali, sem que ninguem a tivesse trazido.

D'então para cá é grande a sua devoção por aquella Senhora e são muito cuidadosos em lhe levarem offertas de cera para que ella os proteja e auxilie, até mesmo nos seus roubos e rapinas.

O certo é que o respeito que tributam á veneranda imagem, tem obstado, por ventura, a que invadam o Presidio e pratiquem as mais atrozes violencias.

Existe egualmente entre os moradores de Muxima, a mais robusta crença n'uma lenda, que reputo engraçadissima, e que não posso resistir ao desejo de a narrar aos meus leitores.

E' ella a seguinte:

Existem na egreja duas imagens de Nossa Senhora da Conceição, uma, de tamanho natural, a outra em ponto muito mais pequeno. Pois affirmam elles, com a melhor boa fé e ingenuidade, que a pequena é filha da outra, e explicam o caso do seguinte modo:

Em Massangano ou Calumbo, não me recordo bem ao certo, houve em tempo uma ermida onde existia uma imagem de S. José, que era tambem muito venerada. Era então de uso, em certa e determinada epoca do anno, vir em procissão a imagem do santo visitar a Senhora, ficando na egreja um ou dois dias. Pois d'essas visitas de S. José a Nossa Senhora, como esposos amantes que sempre foram, é que resultou o nascimento da Senhora da Conceição pequenina, que ficou sendo filha da outra, e por conseguinte irmã de Jesus Christo.

Ora, quer-me parecer que se esta lenda se espalhasse por todo o orbe christão, do que Deus nos defenda, era caso talvez para um novo schisma, que daria que fazer á curia romana e aos mais afamados theologos.

Note-se, porém, que todos os habitantes de Muxima são essencialmente religiosos: fazem-se ali todas as festividades com a maior magnificencia, quando ha padres que as celebrem, e a egreja possue preciosas alfaias de ouro e prata, de gosto antigo e subido valor.

Pena é que a incuria, o desleixo e uma administração ignorante como a de quasi todos os districtos e presidios do interior d'Africa, tenham deixado cair em tão

culpavel decadencia aquelle culto religioso que, á falta de outros elementos, era um freio á devassidão para a qual propende tanto o indigena africano.

A pouca escrupulosa escolha que tem havido sempre dos funccionarios de quem era incumbida a administração immediata dos interesses locaes d'aquelles pontos internados do sertão; a supina ignorancia da maior parte d'esses funccionarios que, n'essa nomeação viam tão somente uma probabilidade de ganhar dinheiro, por todos os meios, fossem elles quaes fossem, eram e são ainda, infelizmente, as causas capitaes do abandono, da immoralidade, do estado repugnante e indecoroso em que se acham todas essas localidades que, administradas, senão bem, ao menos regularmente e honestamente, se tornariam florescentes, sem grandes sacrificios, e contribuiriam poderosamente para o engrandecimento e prosperidade da provincia d'Angola!

Para que se possa fazer uma idéa aproximada do grau de intelligencia e de instrucção de vários d'esses funccionarios, de quem estavam confiados interesses tão importantes, citarei algumas anedoctas curiosissimas que darão a medida exacta do que valiam e do muito que havia a esperar d'elles.

Escuzado será dizer que me responsabiliso pela veracidade d'ellas, pois que existem os competentes documentos devidamente archivados na secretaria do governo geral da provincia.

O chefe de um dos mais importantes districtos do interior, depois de muito instado por officios do governo geral para que enviasse com urgencia uns mappas estatisticos que lhe tinham sido requisitados, respondeu com a mais sincera boa fé, que esperava que s. ex.ª o

governador geral lhe mandasse dizer se queria a remessa das estatisticas feita em caixotes, ou convenientemente empacotadas!

O que o bom do homem entendeu por estatisticas, foi cousa que não logrei averiguar, por o não consentir o governador geral, que então era José Rodrigues Coelho do Amaral.

Outro, a quem o governador geral pedira uma relação exacta dos fogos que havia no seu districto, officiou dizendo que tinha a maior satisfação em participar que, devido ao seu cuidado em mandar cortar o *capim* (relva) de roda das cubatas, não tinha tido a lamentar incendio algum!

Outro ainda, queixando-se do estado de anarchia e de rebellião em que se achava o seu districto, exclamava: «São necessarias providencias, e acabar por uma vez com um *triennio* infame que aqui ha, composto de tres dos principaes moradores do districto!

Um mais, e esse, governador do principal districto da provincia, tendo-lhe requisitado o commandante do brigue de guerra inglez *Waterwitsch*, licença para cortar alguma lenha no porto do Lobito, escreveu pelo seu proprio punho, a seguinte ordem:

«O' guardas do Lobito! Ao navio das guerras de Sua magestade Fidelissima da Grã-Bretanha, por nome *Duarte Bixas*, deixem fazer a lenha que precisar.»

Este mesmo, tendo respondido a um conselho de guerra que o absolveu, exclamava, ufano e orgulhoso: «Eu bem sabia que sairia *absorvido!*»

E era um major!!!

Bem sabemos que se não póde exigir muito mais de empregados civis ou militares que vencem uns tão exi-

guos soldos ou ordenados, mas desejariamos que os governos, remunerando-os bem, exigissem d'elles um certo numero de habilitações que garantissem o bom exercicio dos importantes cargos que lhes são confiados.

Pondo ponto n'estas divagações que, por ventura não interessam o leitor, continuaremos consultando os nossos apontamentos.

O Presidio portuguez de *Massangano*, estabelecido primitivamente em *Magunde*, no amo de 1580, por Paulo Dias de Novaes, foi por este transferido, em 1583, para o logar do nome que conserva hoje ainda, e está situado entre os rios *Quanza* e *Lucala*.

O mesmo Paulo de Novaes fundou n'elle uma egreja parochial sob a invocação de Nossa Senhora da Victoria.

Pela sua importancia e situação inexpugnavel, adquirio *Massangano* os fóros de villa que conserva hoje ainda.

Com quanto o paiz seja muito insalubre e alagado pelas chuvas, é fertil em productos agricolas e em gados, e logar de grande tráfico pela proximidade da feira do *Dondo*, na margem do rio *Mucoso*, á qual concorrem muitos pretos dos sertões do *Libolo* e do *Bailundo*.

A fortaleza é de pedra e cal, de uma construcção regular e guarnecida com doze bocas de fogo.

A povoação é grande e tem algumas casas de pedra e cal.

Recebe ainda tributos de muitos *sobas* e abrange um extenso territorio que se estende, na margem direita do Lucala, até o Golungo, e na margem esquerda d'elle, até o rio *Mucoso*.

Muitos dos moradores de *Massangano* são mulatos e

muito inclinados ás industrias cazeiras, pelo que é este o unico ponto do interior onde se encontra, em grande escala, a creação de perús, que em Loanda se pagam por um preço elevado.

Á historia do presidio de *Massangano,* liga-se uma recordação gloriosa, qual foi a de ter resistido brilhante e corajosamente, aos assaltos reiterados das tropas invasoras hollandezas.

XXX

O Bengo. — Icollo e Bengo. — Calumbo. — Cambambe. — Duque de Bragança.

Muito proximo da barra de Loanda, e ao Sul da barra do Dande, está situado o Districto da Barra do Bengo, rio de excellente agua que abastece a cidade de Loanda e os navios de guerra e mercantes, nacionaes e estrangeiros.

Na sua foz, ha uma povoação chamada *Quifandongo*, e do lado do Sul tem uma excellente enseada para abrigo e ancoradouro de navios de grande lotação.

Essa enseada é dominada pelo forte do *Cacuaco*, e junto d'este existem umas excellentes salinas.

As margens do *Bengo* são divididas em *mosséques* e *arimos* (fazendas), muito bem cultivados, os quaes fornecem a cidade de Loanda de fructas, legumes, hortaliças, galinhas, porcos, etc.

Todos estes generos são transportados em umas canôas feitas de um páo só, e de fundo chato, chamadas *dongos*, que, apesar de serem uns barcos muito proprios para affrontarem a *calema*, não conseguem muitas vezes

dobrar o *Môrro das lagostas*, na barra de Loanda, quando é grande ali a arrebentação do mar.

D'ali vem egualmente para Loanda todo o capim necessario para sustento dos cavallos e bois, tanto do serviço das obras publicas, como dos particulares.

O clima é doentio, excepto na foz do rio, onde o terral ea viração o tornam mais salubre.

A casa de residencia do chefe, é uma das melhores que ha no interior, bem construida e coberta, e muito bem situada, gosando-se d'ella um bonito panorama.

Um pouco acima da foz do rio, perto do hospicio de *Santo Antonio*, que pertenceu aos Capuchinhos italianos, desagua o pequeno rio *Zenza*, cujas margens estão egualmente bem cultivadas, e apresentam um aspecto risonho.

O districto da Barra do Bengo quasi que se póde chamar, com toda a propriedade, um ponto suburbano da cidade de Loanda, razão pela qual os seus habitantes são pacificos, muito mais civilisados do que os dos outros pontos do sertão, amigos do trabalho, dados á lavoura e ás suas pequenas industrias, conservando sempre com os brancos relações amigaveis e respeitosas.

O Districto do *Icollo* e *Bengo*, é um prolongamento do antecedente, e estende-se pelas margens do *Bengo*, do *Zenza* e do *Icollo*.

É limitado ao norte pelos terras do dembo *Ambuilla*, ao sul pelo *Ilamba*, a léste pelo *Zenza* e *Quilengues*, e a oéste pela cidade de Loanda.

O chefe reside n'uma povoação ou *banza*, denominada *Quilanda*, e exerce jurisdicção sobre oito *sobas* avassallados.

No districto houve em tempo uma parochia sob a in-

vocação de S. José, de que se não encontram vestigios alguns, e a unica egreja que ali existe ainda é a que foi hospicio dos Capuchinhos italianos, denominada *Santo Antonio do Catete.*

O clima é insalubre e mortifero, sobretudo para os europeus.

Os habitantes do Icollo, são de uma indole pacifica e submissa e muito trabalhadores; arroteam os seus campos e entregam-se a diversas industrias, com especialidade ao fabrico de uns pequenos pannos de palha, a que chamam *libongos*, que em muitos pontos do interior são moeda corrente.

D'este districto vão tambem muitos mantimentos para Loanda, visto distar da cidade unicamente umas 5 leguas.

O Districto de *Calumbo,* foi fundado, segundo parece, em 1578, por Paulo Dias de Novaes, e tem uma egreja cujo orago é S. José.

Junto d'este districto ficá a barra do *Quanza*, o que o torna muito importante, pois que a elle concorre muito commercio do interior.

O presidio de *Cambambe*, situado sobre uma serra que fica sobranceira ao rio Quanza, foi estabelecido em 1604 por Manoel Cerveira Pereira.

Suppoz-se em tempo, que n'aquellas serranias existiam valiosas minas de prata, supposição essa que foi causa de porfiadas guerras e grande derramamento de sangue.

Até hoje, porém, não se descobriram essas tão famosas e disputadas minas.

Tem o presidio um pequeno reducto de pedra e cal, montando quatro peças, e junto d'esse reducto foi edificada a parochia de *Nossa Senhora do Rosario,*

Afflue ali muito negocio de marfim, cêra e gomma copal dos sertões do *Libolo* e de *Cassange*, por lhe ficar proxima a feira do *Dondo*, junto do rio *Mucôso*.

O clima é saudavel e medianamente productivo o terreno.

Nas suas mattas encontram-se excellentes madeiras de construcção e muitas outras proprias para obras de marcenaria.

Os habitantes entregam-se a algumas, ainda que pequenas industrias, e esmeram-se sobretudo na creação de gados, que vendem para os outros districtos do interior.

A navegação do Quanza é interrompida, um pouco acima de *Cambambe*, por grandes quedas de agua, ou cataratas, que, despenhando-se de elevadissima altura, formam cachoeiras profundas.

A quéda das aguas produz uma especie de nebrina que deposita um residuo salitroso, apesar d'aquellas serem potaveis.

Passadas as cataratas, continua o rio a ser navegavel sómente para canôas, por isso que é todo cortado por ilhas que n'outro tempo pertenceram ao reino de *Matamba* ou *Ginga*.

Em 1745, foram conquistadas essas ilhas por Bartholomeu Duarte de Sequeira, e sujeitas ao dominio do rei de Portugal.

Fallando d'essas cataratas, diz o escriptor Balthasar Rebello de Aragão:

«Pello meio d'este Reino (Angola), desce o rio Cuan-«za, rio mui caudaloso e em que todo o anno se navega «té á fortaleza de *Cambambe* que está no fim d'elle, não «que tégora lhe saibamos ter fim, mas porque d'aqui para

«sima não se póde passar por respeito da grande cahi-
«da que aqui faz a agoa, a qual he tão grande que do
«fumo e vapor que aqui faz a agoa e de si lança para o
«ar se faz n'elle hua espessa nuve de nebrina a qual
«tornando a descer, sendo a agoa do rio mui excellente,
«esta se converte em fino salitre pellos penhascos do
«dito rio.»

N'este ponto o rio Quanza é deveras magestoso e pittoresco, pela explendida vegetação que o orla, pelo seu curso accidentado e impetuoso e pela extrema limpidez das suas aguas.

O Presidio do Duque de Bragança foi estabelecido em 1838, depois de conquistado por Joaquim Filippe de Andrade ao soba *Quiloange Quiassamba*, vassallo que era de *Ginga*.

Situado a leste de Ambaca e ao norte do reino de *Matamba*, confina ao oriente com terras dos *Moluas*.

Na margem do rio *Mombello*, que corre n'este presidio, estabeleceram antigamente os Capuchinhos italianos a missão de *Cahenda*, que prestou importantissimos serviços, fazendo entrar no gremio da egreja catholica muitos d'aquelles povos idolatras, reformando-lhes os usos barbaros, civilisando-os, quanto possivel, por meio da palavra e do exemplo.

Hoje, porém, como em todos os outros pontos do interior, sente-se ali a falta de um padre que os instrúa nos preceitos da religião christã.

O clima não é excessivamente doentio, e os terrenos produzem regularmente os generos do paiz que têem um consumo immediato em todo o sertão.

XXXI

O reino de Matamba.—A rainha Anna Ginga.

Tendo-nos occupado, nos capitulos precedentes de alguns dos sertões da Africa occidental, por nós visitados, não podemos, de modo algum, prescindir de uma descripção, embora resumida, do extenso e antigo reino de *Matamba*, hoje desmembrado e dividido por diversos regulos e potentados.

Para realisarmos esse nosso intento, consultámos alguns, ainda que poucos, documentos que existem nos archivos da secretaria do governo geral da provincia de Angola; mas só lográmos colher alguns subsidios valiosos nas *Memorias* de Feo Cardoso, publicadas em 1825.

Não faremos a historia inteira d'esse reino, nem nos demoraremos relatando a chronica sanguinaria dos seus régulos, em que tanto se distinguiu a famosa rainha Anna Ginga, cujas façanhas encheriam largas paginas.

Resumiremos, quanto nos fôr possivel, a descripção d'esse antigo e poderoso reino, dando d'elle uma breve noticia, unicamente para que os nossos leitores possam formar uma idéa aproximada da sua importancia e dos

usos barbaros dos seus soberanos e dos povos que o habitavam.

O reino de *Matamba*, era situado proximo do rio Quanza, e da nossa fronteira interior, um pouco acima do Presidio de Cambambe.

Os seus reis descendiam dos famosos *jagas*, raça selvagem e feroz, que nos inquietaram por differentes vezes com os seus attaques e correrias.

Estes selvagens, crueis e antropophagos, immolavam creanças, quando celebravam as suas solemnidades gentilicas, e o mesmo faziam aos prisioneiros, brancos ou pretos, que a sorte da guerra lhes fazia cair nas mãos.

Indómitos e aguerridos, esses negros combatiam denodadamente, não só porque a isso os impellia a sua indole guerreira, como tambem porque os seduzia o seu instincto de cannibaes, e um fanatismo cego pelas suas crenças e superstições, legado precioso dos famosos *jagas* de que descendiam,

Eram realmente extraordinarios e por ventura repugnantes, muitos dos usos e costumes d'esses *jagas*, dos sertões de *Matamba* e de *Bailundo*, usos que hoje se acham sensivelmente modificados pelo trato continuado d'esses povos com os europeus.

Esse codigo barbaro era egualmente observado com todo o rigor pelos *jagas* de *Cassange*, comquanto estes potentados não praticassem habitualmente a antropophagia, mas sim apenas em alguma solemnidade muito extraordinaria.

Até hoje, porém, não tem sido possivel acabar de vez com o costume atroz dos sacrificios humanos com que honram as cinzas dos mortos, nas ceremonias do *Tambi*.

Entendem elles que esses sacrificios são uma homenagem de respeito, prestada aos que se partiram para o mundo dos espiritos, e que, se o não fizessem, seriam perseguidos pelos *zumbis*, segundo os vaticinios dos seus *singillas*, nome com que designam os feiticeiros.

Os seus chefes guerreiros são os que depois de mortos merecem maior consideração e respeito, e por isso, sempre que intentam ou projectam uma expedição em que a sorte das armas deve dicidir da victoria, vão em piedosa romaria ás cavernas onde estão depositados os restos mortaes dos famosos guerreiros e ahi praticam sacrificios humanos, acompanhados de offerendas, para que os seus espiritos os protejam e lhes incutam valor.

As povoações ou *banzas* onde residem os *jagas*, têem o nome de *Quilombo*, e gosam de uns certos privilegios e immunidades, como mais nenhuma *banza* dos régulos e potentados dos outros sertões.

As mulheres grávidas são intimadas a sairem do *Quilombo*, e, não se sujeitando á intimação, soffre pena de morte a creança que nascer dentro da sua demarcação.

A cubata onde habita o *jaga* tem um culto obrigatorio, a que não é permittido desobedecer, e todos quantos por ella passam, são obrigados a prostrarem-se e a rojarem a fronte no chão.

As leis por que elles se regem, têem o nome de *Quigillas* e são fielmente observadas, estando a cargo de diversos dignitarios o vigiarem pela sua execução.

Em roda da cubata, ha um cercado, ou uma especie de sébe, formada de estacas e palha, dentro da qual o *jaga* se julga ao abrigo de todo e qualquer perigo, por isso que o *singilla* official a torna inattacavel com o poder dos seus feitiços.

A alimentação dos *jagas* e dos povos seus subordinados, consiste geralmente em legumes e fructos, e só comem carne de boi, de porco, de carneiro e de caça brava por occasião das festividades do *Tambi*.

As suas bebidas favoritas, são a aguardente, a que chamam *geribita*, e um liquido fermentado, extrahido da *massambala* (milho meudo), a que dão o nome de *héla*.

O seu trajar é em tudo semelhante ao dos *sobas* dos outros sertões, e as suas armas mais usadas são: espingardas, zagaias, diabites, machetes e porrinhos.

Nas guerras que fazem ás outras tribus suas visinhas, todos os seus esforços tendem a apoderar-se dos rebanhos de gado, e a fazerem o maior numero possivel de prisioneiros de ambos os sexos e de todas edades, que escravisam e vendem muitas vezes por uma insignificante quantia em fazenda, polvora, espingardas ou aguardente.

Uma lei antiga e extravagante dos *jagas*, obrigava os chefes guerreiros a terem cópula em publico com uma das suas mulheres, antes de marcharem para a guerra.

Os litigios, tanto civeis como crimes, são resolvidos pelo *mani* ou chefe da zanzala, depois dos competentes debates e de ouvidas as testemunhas e o veridictum do jury, mas o vencido tem o direito de appellar para o *jaga* que é quem decide em ultima instancia.

Eram pois estas e outras leis, não menos barbaras e extravagantes, que vigoravam em Matamba, quando de um dos seus *jagas* mais temidos nasceu a famosa Ginga, que depois foi rainha d'esse vasto reino, e adquiriu uma grande celebridade nas chronicas sertanejas da Africa occidental.

Como todos os negros de Matamba são, por indole,

MODO DE CONDUZIR AS CREANÇAS

essencialmente guerreiros, Ginga, desde a sua mais tenra infancia habituou-se a acompanhar os combatentes nas suas expedições, distinguindo-se sempre pelo seu valor arrojado e pela sua extrema ferocidade.

Ginga tinha um irmão que era o directo successor ao throno de Matamba, por morte do *jaga* seu pai; mas como ella tivesse um filho, apesar de que não fizera ainda *lembamento*, Gola-Bandi, que assím se chamava o principe seu irmão, receioso de que o sobrinho lhe disputasse o throno, resolveu desfazer-se d'elle e conseguiu que os escravos que o serviam, lhe déssem morte cruel.

A princeza africana resolveu vingar-se, e, por morte de seu pai, tratou de incitar á rebellião contra o novo rei os povos de Matamba.

Gola-Bandi conseguiu suffocar essas rebelliões, mas tentando conquistar aos portuguezes as provincias de Angola, foi completamente derrotado e obrigado a fugir, deixando prisioneira toda a sua familia, á excepção de Ginga, que se achava retirada longe de Matamba.

Tempos depois, conseguiu o vencido rei Gola celebrar um tratado de paz e amizade com os Portuguezes, mas como faltasse indignamente ás condições d'elle, e o então governador de Angola, João Corrêa de Souza, resolvesse castigar tão grande deslealdade e insulto, o astuto negro recorreu a sua irmã Ginga, invocando o amor fraternal e pedindo-lhe que fosse a Loanda negociar com os portuguezes.

Ginga, porque assim convinha aos seus interesses, acceitou o encargo, e entrou em Loanda com uma grande comitiva, sendo recebida com todas as honras devidas a uma princeza.

Admirou e surprehendeu a todos a sua intelligencia e

sagacidade; e, como ella manifestasse o desejo de abraçar a religião christã, foi-lhe ministrado o Sacramento do baptismo, com grande solemnidade, recebendo o nome de Anna, a que juntou o appellido de Souza, que era o do seu padrinho, o já citado governador João Corrêa de Souza.

Celebrado o tratado com os portuguezes, regressou Ginga a Matamba, sendo recebida com fingido affecto por Gola-Bandi, por isso que entre os dois irmãos existia um odio mortal.

Impellido pela ambição e pela sua indole traiçoeira, tentou de novo aquelle potentado fazer-nos a guerra, invadindo as nossas fronteiras, mas sendo derrotado teve de refugiar-se em uma ilha do Quanza, onde morreu envenenado por ordem de sua irmã Anna Ginga.

Esta não perdeu tempo, fez que a coroassem, abjurou o christianismo, e, obedecendo ao instincto selvagem e sanguinario que n'ella tinha como que adormecido, para melhor conseguir os seus intentos, prestou novo e maior culto aos idolos, aos quaes sacrificou um grande numero de victimas humanas.

Todavia, Gola-Bandi deixára um filho que confiára de um famoso *singilla* ou *kasa* (feiticeiro), a quem tributavam grande veneração, e este facto fazia com que Ginga se não considerasse muito segura no throno que conquistára.

Porém, como fosse muito ladina, e conhecesse o espirito ambicioso do *kasa*, tratou de ganhar-lhe as sympathias, chegou a offerecer-lhe casamento, e soube por tal modo seduzil-o, que, illudindo a sua vigilancia, conseguiu apunhalar o proprio sobrinho e lançar o cadaver no rio, exclamando: «Matei o filho de Gola, como elle matou o meu!»

Como se vê, a vingativa rainha, applicou por suas proprias mãos a pena de Talião que é geralmente adoptada em todos os sertões d'Africa.

Para melhor se firmar no throno que conquistára á custa de tão nefandos crimes, lisongeou os instinctos sanguinarios d'aquelles povos selvagens, permittindo-lhes que perseguissem os christãos e os missionarios, e resolveu guerrear os Portuguezes.

Não foi porém bem succedida n'esta tentatativa, pois que perseguida e desbaratados todos os seus, teve de refugiar-se nos sertões do *Songo*, deixando em poder dos nossos, duas irmãs suas e muitos dos seus principaes chefes e mais ousados guerreiros.

Mais tarde, e apesar de enfraquecidos já o seu poder e prestigio, foi instigada pellos Hollandezes, que occupavam então Loanda, a pegar em armas e tomar de assalto os nossos presidios do interior.

Outra vez, porém, lhe foi adversa a sorte das armas, de modo que, vendo-se sem o appoio dos régulos seus visinhos, que tinham sido desbaratados pelos Portuguezes, e sem o valioso auxilio do proprio rei do Congo, que se alliára aos invasores; receiando além d'isso o castigo que mereciam as suas repetidas traições, recorreu outra vez ás supplicas e protestos de obediencia e vassallagem, e alcançou finalmente o seu perdão.

D'ali em diante, porém, perdeu o reino de Matamba toda a sua importancia, e pouco a pouco se foi desmembrando e dividindo em *sobados*, que se governam independentemente uns dos outros.

Anna Ginga era extremamente orgulhosa e muito ciosa da sua dignidade.

O seguinte facto dá uma idéa aproximada do caracter orgulhoso da princeza africana.

Quando pela primeira vez foi a Loanda, por instancias de seu irmão Gola-Bandi, a fim de celebrar um tratado com o governador geral, João Corrêa de Souza, recebeu-a este n'uma sala onde havia uma só cadeira, e duas almofadas de velludo sobre uma alcatifa.

Vendo aquillo, a soberba Anna Ginga fez signal a uma das suas escravas, que logo veiu collocar-se em posição de que as costas podiam servir de banco, e n'ellas se assentou a princeza, conservando-se ali todo o tempo que durou a audiencia.

Terminada esta, e quando Ginga se retirava com o mesmo ceremonial com que entrára, observaram-lhe que a escrava permanecia sempre na mesma postura, ao que respondeu com soberana altivez: «Não é costume as princezas levarem comsigo a cadeira em que se assentam.»

Anna Ginga morrem em 1663, aos 82 annos de edade, e d'ella diz o seu historiador, o padre Antonio de Caeta, que, na ultima quadra da sua vida, ouvindo e attendendo os conselhos dos Capuchinhos italianos, que então estavam missionando em Angola, se converteu de novo á religião christã, permanecendo inalteravel na obediencia aos preceitos divinos, procurando civilisar os seus povos, procedendo de modo a fazer esquecer os seus crimes passados.

XXXII

A escravatura.—O commercio.—A agricultura.

A riqueza e fertilidade do sólo africano, a espontaneidade com que d'elle brotam tantos e tão variados productos, são elementos que, promettendo á cultura um desenvolvimento incalculavel, recommendam aos governos a colonisação dos sertões como uma das bases principaes para o engrandecimento e prosperidade das nossas colonias.

Em toda a vasta provincia de Angola se admira a mais robusta e prodigiosa vegetação, e a terra, se bem que abandonada a si mesma, sem o braço do agricultor intelligente que a fertilize, e a enriqueça mais ainda com o emprego dos meios uzados na agricultura moderna, como que se esmera em fecundar com exhuberancia maravilhosa as sementes que lançam ao acaso no seu seio, e ainda outras que se reproduzem espontaneamente.

Quando o tráfico da escravatura trazia fascinados muitos que pretendiam centuplicar os seus capitaes em tão monstruosa quanto repugnante especulação, a terra estava inteiramente abandonada e entregue apenas ao in-

digena que, pelos seus habitos de indolencia, tirava d'ella o strictamente necessario para a sua alimentação.

Esses capitaes que, intelligentemente applicados á exploração agricola, se multiplicariam de um modo incontestavelmente mais proveitoso, e se transformariam n'um vasto manancial de prosperidade, eram arriscados n'um negocio illicito, immoral e deshumano que nem sempre dava os resultados fabulosos que se tinham sonhado.

E o facto é que se alguns, ainda que poucos—refiro-me simplesmente a Angola—ganharam uma fortuna com a escravatura, a maior parte, posso dizel-o affoutamente, prosperou incontestavelmente muito mais, quando se entregou ao commercio licito, e comprehendeu, se bem que tarde, o que podia valer a agricultura em Africa.

Começou então a desinvolver-se progressivamente a actividade commercial.

Ao norte da costa, onde a escravatura se fazia em maior escala, estabeleceu-se um grande numero de feitorias portuguezas e estrangeiras, que fizeram affluír ali o negocio do interior, que até então quasi se resumia em negros que iam colonisar as *chácaras* do Brazil, ou as *fincas* da Havana.

E esses milhares de braços que iam enriquecer com o producto do seu trabalho as possessões estrangeiras da America, deixavam incultas as possessões da Africa portugueza, porque não havia quem tomasse a iniciativa de os empregar utilmente, onde tão necessarios se tornavam.

Para prova do que avançâmos, citaremos a provincia de S. Thomé, onde dois terços da colheita de café apodrece caida na terra, por falta de braços que a colham!!

E, note-se, quando o nosso governo prohibia a saida

de escravos de Angola para aquella possessão portugueza, em numero que excedesse a sete de cada vez, permittia, ao mesmo tempo, por um tratado, que o governo francez exportasse, para as suas colonias do ultramar, a bagatella de vinte mil *colonos*, naturaes do Congo e dos outros sertões, engajados, (permitta-se-nos o gallicismo) a troco de fazendas, espingardas e aguardente, e recolhidos livremente, isto é de gargalheira ao pescoço, em vastos barracões, em tudo similhantes aos dos negreiros!!

Os proprios inglezes, esses grandes humanitarios, esses negrophylos por excellencia, sempre que aprezavam um navio carregado de negros, não punham estes em terra, como parece seria mais racional, nem lhes davam a liberdade, não senhor; levavam-n'os para as suas possessões de Santa-Helena, Serra-Leôa e Fernando Pó, onde, sempre pelo seu espirito humanitario, os obrigavam a trabalhar, a titulo de *libertos*, durante um certo numero de annos, nas suas colonias agricolas!

Só aos Portuguezes era defeza a exportação de escravos em maior numero, de um para outro ponto das nossas colonias, e se o conseguiam era á custa de trabalhos inauditos, de fianças valiosas e de gravissimas responsabilidades.

Essa inqualificavel falta de protecção, tornava timoratos e hesitantes os que, por ventura, pensavam em arriscar os seus capitaes em emprezas de maior alcance, quer commerciaes ou agricolas.

Todavia, o commercio foi-se desenvolvendo gradualmente.

Estabeleceram-se novas feitorias em diversos pontos do interior. As feiras, com especialidade a do Dondo,

tornaram-se duplicadamente importantes, pela affluencia dos generos indigenas e pelo valor das transacções n'ellas effectuadas; e a navegação fluvial do Quanza, feita por barcos movidos a vapor, facilitando o transporte dos generos e das mercadorias, deu uma nova vida, um novo movimento ao negocio do interior que jazia na mais deploravel decadencia.

São prova evidente d'esse movimento commercial, os importantes carregamentos trazidos regularmente pelos vapores da linha estabelecida entre a metrópole e Angola.

A agricultura obedeceu necessariamente ao mesmo impulso.

Nos sitios onde ha pouco ainda se via tão sómente um pequeno *arimo* mal cultivado e pobre, descobrem-se hoje longos tratos de terreno devidamente amanhados, produzindo, em não pequena quantidade, os generos de mais facil e productiva exportação.

O café e o algodão, mereceram, com especialidade, a preferencia dos agricultores.

O café, que não ha muitos annos ainda, era conhecido unicamente em Encôge, Ambaca e Massangano, é cultivado hoje, em grande escala, em diversos pontos do interior, onde se teem estabelecido os europeus, devendo especialisar-se Cazengo, onde ha riquissimas plantações d'essas arvores, cujo fructo obtem no mercado um preço elevado, em attenção á sua excellente qualidade.

O algodão, que é certamente um dos ramos de commercio que maiores interesses póde dar ás nossas colonias africanas, não deve nada em qualidade ao melhor do Brazil, e produz bem em todos os terrenos, com especialidade nos situados proximo do mar.

O algodoeiro cresce até uma grande altura e produz duas vezes no anno.

Além d'isso, não exige grandes cuidados de cultura e portanto é relativamente pequeno o seu costeamento, pois que as maiores despezas consistem nas indispensaveis á colheita.

Accresce mais a vantagem de serem de facil construcção, e de um preço relativamente diminuto os engenhos de descascar o algodão, condicção esta que mais recommenda a sua cultura como uma das mais lucrativas e de maior importancia commercial.

Veja-se a quantidade prodigiosa de algodão que os Estados-Unidos d'America exportam annualmente; olhe-se mesmo para o Brazil onde a sua cultura é feita em larga escala, e o quadro brilhante que offerece o estado d'esse ramo da agricultura em paizes e climas tão similhantes aos das nossas colonias, seja um podeeroso incentivo de emulação que leve os governos a cuidarem sériamente da propaganda agricola, tão evidentemente necessaria e tão urgentemente reclamada.

O anil de que ninguem se occupa, que ninguem cultiva, que nasce espontaneo em todas as regiões da Africa, não seria por ventura uma especulação lucrativa de grande alcance e importancia, attendendo ao seu consumo na industria fabril da Europa?

Conheceram-lhe o valor os padres Jesuitas que, no tempo das suas missões em Africa, tentaram a sua exploração.

Depois d'elles, não nos consta que alguem mais pensásse em similhante cousa, e assim desprezamos, com a mais vergonhosa indifferença, um ramo de commercio que outras nações folgariam em possuir.

O arroz, que compete em qualidade com o melhor que vem da India e produz muito bem em todos os pontos do interior, podia egualmente offerecer grandes vantagens áquelles que o cultivassem, fornecendo-o para o consumo da provincia, e até mesmo exportando-o para a metrópole, onde podia ser vendido, com lucro, por um preço inferior ao que importâmos da India e da America.

Não succede porem assim; e o arroz que se consome em Africa, é o que vae de Lisboa e da America, que, como é natural, se vende ali por um preço elevado.

A canna de assucar, para cuja cultura se prestam muito os terrenos situados nas margens dos rios, e até mesmo os do interior, é em Africa de excellente qualidade. D'ella se poderia extrair, em quantidade sufficiente, toda a aguardente necessaria para o consumo e negocio com os negros, sem haver necessidade de recorrer á que é fornecida pela America, por um preço relativamente subido.

Como é sabido, não se faz negocio algum com os negros, em que não figure, n'uma grande, parte a aguardente.

É ella o melhor presente que se póde fazer aos *sobas*, e o meio mais diplomatico e infallivel de viver em boa paz com elles.

Pois ainda assim, a cultura da canna do assucar em Africa, não tem tido o desenvolvimento que a boa razão aconselhava.

Existem já alguns engenhos para a extracção do assucar, e algumas machinas para a distillação da aguardente, mas em tão pequeno numero que não podem fazer concorrencia á importação estrangeira.

O tabaco, cuja producção é prodigiosa em todos os sertões de Angola, e de uma excellente qualidade, está quasi que completamente abandonado pela industria, e apenas o gentio o sécca e prepara, por meio de um processo insufficiente, e faz d'elle rôlos ou tranças para seu uso particular e para vender nas *quitandas*.

Não seria pois uma especulação indubitavelmente lucrativa, o estabelecimento de uma fabrica de tabacos em Angola?

É consideravel o consumo que ali se faz annualmente de tabaco importado da metrópole e da America, por um preço muito elevado, quando no proprio paiz ha os elementos necessarios para a sua fabricação, podendo esta rivalisar com o que a Havana e o Brazil fornecem de melhor.

Fumei lá alguns charutos fabricados por um curioso brazileiro, que tinham um aroma delicioso, e ainda assim não era perfeito o curtimento da planta.

O trigo, cuja producção se obteria facilmente em todo o interior de Angola, por isso que foi já cultivado, com excellentes resultados, em Pungo-Andongo, Ambaca, Caconda e na Huilla, deveria merecer, pela sua importancia, toda a attenção dos agricultores.

Não diremos que o pão seja em Africa um genero de primeira necessidade, como succede na Europa, mas consome-se ali muita farinha de trigo importada da metrópole e da America, em barricas, que conservam sempre no mercado um preço excessivo.

O pão que ali se fabrica, de marca pequena, egual ao nosso pão de 15 réis, vende-se por 50 réis, de modo que nem a todos é permittida essa despeza.

Aos indigenas não lhes é sensivel a substituição do

pão de trigo pela farinha de mandioca, mas o europeu resente-se d'essa mudança e d'ella resultam frequentes incommodos gástricos, que pouco a pouco lhe arruinam completamente o estomago.

Temos pois que, se na Africa se explorasse a cultura do trigo havendo como ha a facilidade de se construirem os moinhos necessarios para a moagem do grão, poder-se-ia fornecer de pão, por um preço equitativo, não só os seus habitantes, quer indigenas ou europeus, como tambem, o que seria um beneficio reconhecido, os soldados da guarnição que tão mal alimentados são geralmente, e tão difficilmente se habituam á farinha de mandioca que lhes é distribuida n'uma dóse resumida e muitas vezes avariada.

Finalmente, é nossa profunda convicção que a Africa deve ser e é, principalmente, um paiz agricola.

Não desprezemos pois os dons que a natureza tão largamente nos prodigalisa, e esse sólo tão privilegiado e abençoado pelo ceu, cultivado por mãos habeis e intelligentes, obrará prodigios, transformando-se, de inculto e arido, n'um abundante celleiro, n'uma granja fertilissima.

XXXIII

Os sertões do Bihé

Em um dos capitulos precedentes, démos uma breve noticia do sertão de Matamba, outr'ora reino poderoso, e hoje retalhado e dividido por diversos régulos ou potentados.

Não será pois ocioso que façâmos uma pequena descripção da vastissima provincia do Bihé, justamente nomeada pela riqueza do seu sólo e pela industria e indole aguerrida dos seus habitantes.

Não diremos que seja de todo o ponto exacta a noticia, mas o que affirmâmos é que envidámos todos os nossos esforços para nos aproximarmos, quanto possivel, da verdade.

Os que têem viajado pelo interior da Africa, sabem perfeitamente que nem sempre é possivel colher informações fidedignas dos pontos que se não visitam. Essas informações divergem muitas vezes entre si por fórma tal, que o viajante investigador lucta com innumeras difficuldades para fazer a luz n'aquelle chaos de contradições e de falsidades.

A respeito dos usos e costumes dos povos dos sertões, succede a mesma cousa, e mais de uma vez fomos obrigado a inutilisar muitos dos apontamentos colligidos de informações falsas, que nos eram fornecidas por esses mesmos povos.

A razão d'isso consiste na desconfiança permanente dos negros para com os brancos,

Ás perguntas que se lhes fazem, respondem sempre de um modo evasivo, persuadidos de que ha n'ellas uma intenção reservada que lhes possa ser prejudicial a elles, ou ás suas terras.

O sertão do Bihé, está situado no centro dos territorios pertencentes aos poderosos régulos do *Bailundo, Lumbige, Ambuellas, Bunda, Andullo, Mazaza* e outros, e o seu clima, pela temperatura moderada, é muito similhante ao de Portugal.

As chuvas são ali regulares, e na estação invernosa chegam a gelar as aguas das lagôas.

Despovoado de grandes montanhas e de mattos espéssos, o seu solo, pela maior parte plano, é fertilissimo e produz em grande abundancia o feijão, a canna de assucar, a mandioca, o tabaco, o milho, o trigo e toda a qualidade de hortaliças.

Como quer que os seus habitantes sejam muito trabalhadores e industriosos, é do Bihé que afflue, principalmente, aos mercados de Loanda e de Benguella, a cêra, o marfim, e os generos de maior consumo no paiz.

De Leste a Oeste d'este sertão, corre o formoso rio Quanza, que apezar de obstruido por innumeras ilhas e pela robustissima vegetação que o orla, ainda assim é navegavel para canôas de um páo só, como usam de ser as de todo o gentio.

A maior largura do Quanza n'este ponto, mede 40 braças, e a sua maior profundidade 28 braças.

Ás boas condições do Bihé, junta-se a excellencia das suas aguas, pela maior parte cristalinas e leves.

O terreno é todo cortado por um grande numero de ribeiros, sendo o mais importante d'entre elles, o *Cuquema*, muito abundante em peixe, o qual divide o Bihé do sertão dos *Ganguellas*.

Como todo, ou quasi todo o gentio dos sertões de Angola, os habitantes do Bihé são falsos, inclinados ao roubo e extremamente ambiciosos.

Não são, porém, indolentes, antes pelo contrario; cultivam esmeradamente os seus campos, vão a grandes distancias vender as suas colheitas, e entregam-se a varios officios e industrias, com pasmosa habilidade.

Elles proprios fazem as portas e as janellas para as suas cubatas, os bancos, as mezas e os catres para as guarnecerem; trabalham o cobre e o ferro, de que fazem fechaduras e toda a especie de ferramenta; concertam as espingardas e todo e qualquer objecto, por maior que seja o reparo de que necessite.

São egualmente muito imaginosos no modo de armar laços aos passaros e animaes selvagens, como se póde avaliar na gravura que vae no logar competente e que representa uma ratoeira da sua invenção, com a qual apanham muitos ratos do campo, que são um dos seus manjares mais apreciados.

Supersticiosos em subido grau, prestam egualmente culto aos idolos que, differentemente do que succede nos outros sertões, são sómente tres, symbolisando a fortuna, a enfermidade e a desgraça. O primeiro tem o nome de *Sande*, o segundo de *Candemdo* e o terceiro de *Goullo*.

Alguns ha que adoram tambem um chifre grande de veado, cheio de unhas e pennas de aves, e de raizes de certas e determinadas arvores, cuidadosamente tapado com uma pelle de macaco.

Este idolo extravagante acompanha-os para toda a parte, e pelo seu poder se julgam livres de todo e qualquer perigo.

Ha tambem entre o gentio do Bihé, um deus ou espirito, chamado *Ima*, que symbolisa o mal, e ao qual attribuem o condão de se transformar em cabra ou veado.

Ratoeira

Esta superstição faz com que, se um negro do Bihé, jornadeando, vê atravessar no caminho que segue algum d'aquelles animaes, volte immediatamente para a sua sanzala, por maior que seja a distancia, e só torne a emprehender viagem depois de ter implorado a protecção do deus *Sande* para que o livre do *Ima* que o persegue.

São curiosissimas as ceremonias usadas por occasião

da investidura no poder, de um régulo ou potentado d'aquelle vastissimo sertão.

Reunidos todos os macotas, outros dignitarios e muito povo na *libata* ou *banza* do futuro régulo, manda este matar alguns bois e carneiros que distribue, depois de cozinhados, pelos chefes e principaes macotas.

Em seguida têem logar as danças em que toma parte o novo régulo, ao som de *tabalhas* e outros instrumentos gentilicos, as quaes duram até ao dia seguinte, acompanhadas de grande vozearia e de frequentes libações de *geribita* (aguardente) e *malavo* (vinho de palmeira).

N'esse dia tem logar uma grande caçada, a que preside o novo régulo, e logo que é morto um veado, aquelle toca com as mãos n'uma das pontas do animal, e dá o signal para que de novo comecem as danças.

A esta ultima ceremonia que lhe confere o poder, assiste o régulo coberto com pelles de animaes ferozes, tendo na cabeça uma especie de diadema feito de pennas de passaros de variegadas côres.

O codigo gentilico porque se regem aquelles barbaros, tem o nome de *Quingure*, por ter sido posto em vigor por um régulo assim chamado, descendente da famosa rainha Ginga, de *Matamba*.

Felizmente, tem esse codigo soffrido grandes modificações, pois que era por elle obrigado o régulo a mandar matar todos os dias um preto, servindo a sua carne de refeição a elle e aos seus chefes e macotas.

Quando morre um régulo, a sua morte só é proclamada passado um mez, e se alguem por inadvertencia a tornar publica, é levado á beira de um rio e degolado pelo *Samba Golambole* (algoz).

Em seguida, é a cabeça espetada n'um pau e colloca-

da á entrada da *libata*, e o corpo esquartejado e lançado ao rio.

Além d'isso toda a familia do delinquente é escravisada e vendida, e não havendo compradores, soffre egualmente a pena de morte, por muito numerosa que seja.

As ceremonias do *Tambi* differem muito das usadas com os outros régulos ou potentados, e têem sobretudo um episodio essencialmente engraçado.

Morto o régulo, é amortalhado n'um couro de boi e levado em procissão até o largo mais espaçoso da *libata*, acompanhado por todos os seus chefes, macotas e povo, e ahi collocam-n'o de pé, amarrado a um poste.

Por detraz do defuncto colloca-se um negro, que deve fazer as vezes d'elle, e responder ao interrogatorio que vae ter logar.

Então um dos primeiros macotas, dirige-se para o régulo morto, e depois de bater palmas por tres vezes, como é de uzo nas saudações gentilicas, começa a interrogal-o pela seguinte fórma:

—Accusa-te a tua consciencia de teres faltado aos ritos de teus paes?

—Não, responde o substituto do morto.

—Roubáste alguma cousa aos teus subditos?

—Não.

—E aos estranhos?

—Pouco.

—Quem foi que te matou? algum feiticeiro?

—Não morri de feitiço.

—Foi o teu antecessor?

—Sim.

—Porque?

—Por eu não roubar tanto como elle para maior gloria e proveito do meu povo,

—Pois bem, arrepende-te e dorme em paz.

E o corpo é levado para a cova ou antes especie de gruta que lhe está destinada.

Devemos declarar, para descargo da nossa consciencia, que o dialogo não primará certamente por uma grande fidelidade de traducção, visto como não somos muito versados na lingua *bunda*, e tivémos de fazer obra pelo que nos dizia um interprete quando colligimos estes apontamentos.

Se na caçada que tem logar, por occasião da investidura no poder do régulo, o veado que se apanha é femea, o povo deixa de ter confiança no seu chefe, começam as intrigas e as cabalas, e quasi sempre o veneno é o epilogo fatal d'essas dissensões politicas.

No caso de morte, os filhos do régulo não lhe succedem no governo, sob pretexto de que o facto de ser morto um veado femea, significa um poder effeminado e pusilanime, indigno, pela sua fraqueza, de governar homens.

Como disse já no principio d'este capitulo, os povos do Bihé são muito dados a guerras que emprehendèm sob o mais futil pretexto.

Os seus combates têem sempre logar ao romper da manhã, e o tiroteio cessa unicamente, de parte a parte, quando se acaba a polvora.

Então, o vencedor, que é sempre aquelle que soffreu menos perdas, apodéra-se do soba inimigo, que considera seu prisioneiro de guerra, e de todos quantos não conseguiram fugir e lhe caem nas mãos.

A habitação do vencido é incendiada, bem como todas

as demais cubatas da povoação, e os prisioneiros conduzidos, por entre gritos de triumpho, com acompanhamento de *tabalhas* e outros instrumentos, até á *libata* do régulo vencedor, onde são distribuidos, como escravos, pelas familias dos que morreram na guerra, pelos feridos, e por aquelles que forneceram viveres e munições para a campanha.

O soba prisioneiro póde ser libertado, mediante um grande resgate, mas não o fazendo, é-lhe cortada a cabeça, que vai servir de trophéo por sobre a porta da cubata do régulo.

Os gentios do Bihé, distinguem-se dos negros dos outros sertões, por usarem os cabellos crescidos, feitos em tranças estreitas, rematadas por um bago de coral falso, que lhes càem em cáchos de roda da cabeça.

As suas physionomias revellam astucia e intelligencia, e o seu olhar é vivo e penetrante.

Fallam com grande animação, gesticulando muito, e comprehendem facilmente tudo quanto se lhes propõe.

E talvez, na nossa opinião, a raça gentilica que mais se assimilha á dos *Mussorongos*, das margens do rio Zaire.

XXXIV

Bailundo.—Cassange

O sertão do Bailundo, com quanto faça parte, em rigor, da vasta provincia do Bihé, governa-se, todavia, independentemente, e tem os seus sobas sugeitos á auctoridade de um régulo, nas mãos do qual existe o supremo poder.

É limitado ao Norte pelo *Quanza*; ao Sul pelo *Ambo* e a *Zamba;* a Léste pelo *Bihé* e o *Undullo*, e ao Oeste pelas serras da *Quipeia*.

O clima é em tudo similhante ao do Bihé, muito puras e leves as suas aguas e fertilissimas as suas planicies, as suas serras e as suas florestas.

São innumeras as bellezas naturaes que ali se admiram, e ha sitios em que o viajante chega a esquecer-se de que está no interior d'Africa, tantas e tão variadas são as maravilhas que o rodeiam.

O gentio do Bailundo é de construcção robusta, déstro em todos os exercicios, ousado, destemido, mas, por indole, velhaco, traiçoeiro e ladrão.

Os seus usos e costumes differem pouco dos do gen-

tio dos outros sertões, pois que, com pequenas modificações, adora os mesmos idolos, tem as mesmas crenças e dominam-n'o as mesmas superstições.

Apezar de um longo trato com os brancos, em virtude do seu tráfico com os principaes feirantes do interior, é n'elle innato, por assim dizer, o odio de raça.

Humilha-se porque o intimida a influencia moral que todo o europeu exerce sobre o indigena africano, mas não deixa escapar nunca a occasião de prejudicar aquelle por todos os meios ao seu alcance.

O régulo ou potentado principal, pelo facto de ser elevado áquella posição, toma o nome gentilico de *Quionque-Vuque*, que em lingua bunda significa *aguia*, e exerce um poder illimitado.

Prestam-lhe obediencia e pagam-lhe tributos os sobas poderosos de *Tamba*, *Quisengue* e *Haco*, com quanto este ultimo se revolte de vez em quando, saqueando e incendiando algumas das sanzalas mais proximas das suas terras.

O cargo de régulo não é nunca exercido por herança paterna, mas sim por eleição, na qual influem principalmente os macotas e chefes guerreiros, chegando a haver, por essa occasião, graves tumultos de que resultam ferimentos e até mesmo mortes.

Á similhança do que succede na Europa, compram-se os votos, emprega-se a força, fornecem-se comidas e bebidas aos eleitores, e não sei mesmo se já lá se conhece essa entidade, devéras preciosissima, que baptisaram com o nome pomposo de *galopim eleitoral*.

O certo é que ha régulos que sobem ao poder completamente arruinados pelo que gastaram na eleição; mas em breve, graças á sua posição official, sabem re-

haver, com a mais consumada habilidade, não só o capital desembolsado, como tambem uns juros avultados.

É caso para applicar o rifão: cá e lá, más fadas ha.

Tratemos agora de *Cassange*, um dos pontos do interior que mais tem dado que fazer aos Portuguezes, pela ousadia e rebellião dos seus *jagas*, e pelo numero de vidas que os castigos dados a esses régulos nos tem custado.

O sertão de *Cassange* está situado entre *Bondo-Songo* e o rio *Zaire*, que ali toma o nome de *Quango*.

Antes de occupado pelos gentios *Cassanges*, todo aquelle vasto territorio era habitado pelos negros *Quilambas*, que se dividiam em pequenos sobados.

No meio de montanhas elevadas e abruptas que, nascendo nas margens do *Quango*, formam uma curva e vão terminar outra vez no mesmo *Quango*, ha uma planicie immensa, que é propriamente dito, o territorio pertencente á jurisdicção dos famosos *jagas*.

Estes são tirados de tres familias distinctas, as unicas que gosam d'essa regalia, as quaes se intitulam *Colaxingo*, *Gonga* e *Calunda*.

A primeira era oriunda dos sertões da *Lunda*; a segunda, veiu do *Libollo*, e a terceira dos Estados do rei *Ginga*.

Pelo facto de um dos *jagas Colaxingo*, descender de uma familia da *Lunda*, começaram os negros d'este sertão a concorrer a *Cassange*, com valiosos carregamentos de marfim, o que fez com que ali se estabelecessem varios Portuguezes, e se ficasse denominando aquelle ponto *Feira de Cassange*.

O *jaga* não se oppoz, mediante uma percentagem que recebia por todas as transacções effectuadas, prohibindo,

porém, expressamente, aos feirantes que passassem além do *Quango*, a fim de não descobrirem o caminho da *Lunda*.

A eleição de um *jaga*, é sempre um acto imponente, pelos seus variados episodios, e pela extravagancia das ceremonias que se seguem a ella.

Os differentes dignitarios de que se compõe a côrte de um *jaga*, têem os nomes de *macotas*, *cazas*, *catondo* e *tendalla*.

Este ultimo exerce as funcções de mestre de ceremonias e compete-lhe convocar o conselho que deve escolher a familia que terá de fornecer o novo *jaga*.

É quasi sempre muito renhida e disputada esta eleição, porque cada uma das familias *Colaxingo*, *Gonga* e *Calunda*, usa de toda a sua influencia e emprega todos os meios ao seu alcance, para que um dos seus membros suba ao poder.

Muitas vezes mesmo, chega a haver graves conflictos, pois que os diversos partidos pretendem resolver a contenda á mão armada.

Quando finalmente chegam a um accordo, é o *catondo* encarregado de construir uma cubata, com o seu competente cercado, que deve servir de habitação ao futuro *jaga*, e os *macotas* procedem egualmente á edificação das suas residencias.

Essa nova povoação ou sanzala, toma o nome de *quilombo*.

No dia da ceremonia é o *jaga* levado em triumpho pelo povo, precedido do *tendalla*, para o *quilombo*, sua residencia interina, por entre acclamações e toques de marimbas e tabalhas, e ali permanece encerrado por espaço de cincoenta a sessenta a dias.

UMA SANZALLA

Findo este tempo, é novamente conduzido a uma cubata situada na margem do rio *Undua* (d'onde deriva o nome do juramento de que fallei já n'um dos capitulos d'este livro), e ali nomeia os novos dignitarios da sua côrte, bem como escolhe a sua *bansacuco*, que é como quem diz, sultana favorita.

De volta ao *quilombo*, fórma todo o sequito um grande circulo, tendo no centro o *jaga*, e este recebendo das mãos do *tendalla* um arco e frécha, arma-o e dispara-o.

O sitio onde vai cair a frécha, é o escolhido para se estabelecer definitivamente a côrte, tomando o nome de *Semba*.

Para ali vão residir egualmente os macotas e as concubinas do novo potentado.

Antigamente, para ser completa e válida a eleição de um *jaga*, era indispensavel, além de tudo quanto deixâmos referido, a ceremonia do *Sambamento*, uso barbaro e repugnante que caracterisava a indole selvagem e sanguinária d'aquelles povos.

Felizmente esse uso está hoje abolido; mas como nos pareça de algum interesse para os leitores, daremos d'elle uma breve descripção.

A ceremonia do *Sambamento*, consistia no seguinte:

Era escolhido um preto que não tivesse parentesco algum com o *jaga*, ou com algum dos seus macotas, e conduziam-n'o para o *quilombo* onde o tratavam com todas as honras devidas ao proprio régulo.

Esse negro (que certamente declinaria, se podesse, a honra da escôlha), tomava desde logo o nome de *nicango*, e sabia já a sorte que lhe estava reservada.

No dia marcado, o *jaga*, acompanhado de todos os

seus macotas, da *basancuco* e das outras concubinas, ia tomar assento no largo mais espaçoso do *quilombo*, e ali lhe traziam o *nicango*, que collocavam diante d'elle, mas de costas voltadas.

Então o *jaga* recebia das mãos do *tendalla*, uma especie de alfange, muito bem afiado, com o qual abria o *nicango* pelas costas, arrancava-lhe o coração, trincava-o e deitava-o fóra para ser queimado.

Em seguida, o *Tendalla* aparava o sangue que saia pela abertura feita nas costas do *nicango*, e ia regar com elle o ventre do *jaga*.

Irrompiam então as acclamações e todos queriam molhar as mãos no sangue da pobre victima.

O corpo do *nicango* era depois d'isso, dividido em pedaços, cozinhado e repartido pelo *jaga*, macotas, concubinas e povo.

Já os leitores vêem a que estava sugeito o pobre diabo que tinha a honra de ser escolhido para *nicango!*

Pois apezar d'isso, todos elles se prestavam ao sacrificio com uma resignação estupida e supersticiosa.

Ordinariamente o *jaga* não vivia mais de dois annos, porque era assassinado para satisfação das ambições dos macotas e candidatos ao poder.

Vejâmos agora como se realisa o funeral de um *jaga*.

Morto este, os macotas e o *tendalla*, fazem despejar a cubata onde o *jaga* habitava, deixando apenas seis escravos para o acompanharem, e assim permanece o corpo por espaço de tres dias, sem que pessoa alguma ali entre.

No quarto dia, o *tendalla* entra na cubata e arranca um dente ao defunto, que é depois entregue ao futuro *jaga*, que o guarda cuidadosamente junto com outros dentes dos régulos seus antecessores.

Em seguida, é o corpo amortalhado com os melhores pannos que o *jaga* possuia, e depositado n'uma especie de carneiro ou jazigo, juntamente com os seis escravos vivos, o qual é cheio de terra, ficando todos sepultados.

Já se vê que a honra de fazer companhia ao *jaga* morto, não é menos agradavel que a distincção de ser *nicango*.

O *quilombo* é então abandonado pelos macotas, *tendalla* e outros dignitarios, e começa-se logo a tratar da nova eleição.

Actualmente estão abolidos muitos d'esses usos gentilicos; todavia não foi possivel civilisar ainda aquelle gentio, por ventura o mais barbaro e feroz de todo o sertão africano.

XXXV

Colonisação

É nossa humilde opinião que o futuro e a prosperidade das nossas colonias, dependem essencialmente de um bom systema de colonisação, á similhança do que téem praticado as outras nações, entre as quaes a Hollanda occupa, inquestionavelmente, o primeiro logar.

Diz Duval na sua *Histoire de l'Emigration*:

«A colonisação, na ordem *economica*, é uma exportação de trabalho, capital e intelligencia que desenvolve, tanto nos logares que deixa, como nos que prefere, uma nova força de producção e de consumo, trocando por meio d'ella seus productos, as zonas, os climas, as terras e os mares.

«Na ordem *politica*, é uma diffusão pacifica do sangue, da lingua, dos sentimentos, dos costumes, das idéas e das instituições, que augmenta o prestigio e poder das metrópoles, e as desembaraça de elementos, que as enfraqueceriam e poderiam perturbar, a não terem este exutorio regular.

«Na ordem *ethnographica* é a geração dos povos; a in-

capacidade de emigração é um signal de impotencia, precursora de prompta declinação.

«Na ordem *humanitaria*, é a exploração do globo, progressivamente limpo dos flagellos do reino animal e vegetal. A climatura e a saude geral melhoram quando a mão intrépida do colono faz seccar os pantanos, entrar os rios nos seus leitos e fructificar o deserto; trabalhos heroicos immortalisados nos mythos de Hercules e de Theseo, e que aproximam as raças, e fundem as suas differenças e anthipathias em allianças de sangue e de interesse.

«Finalmente, na ordem *cosmogonica*, é uma expansão da força intelligente, que é o homem, e que, como todas as forças, tende ao equilibrio. Circulação de sangue, dilatação dos fluidos, marés do Oceano e da atmosphera, vibrações do ether, curso dos astros, são applicações variadas d'esta lei da natureza, que estabelece o *cosmos* sobre a harmonia dos movimentos, regulando-se e ponderando-se por attracções reciprocas.»

Esta brilhante demonstração do que é a colonisação, mais nos confirma na nossa opinião.

Ora, a Africa precisa de ser colonisada, mas colonisada de um modo regular e util, não só para ella, como tambem para os colonos, e é justamente isso o que não tem succedido até hoje, por falta de methodo e das bases necessarias para levar a effeito essa grandiosa empreza,

E senão, vejâmos:

A colonia allemã que, em tempo, foi contractada para Mossamedes, e se compunha creio eu, de uns vinte casaes, chegou ali, e nem sequer havia construido um barracão para os receber!

Tiveram compaixão d'aquelles infelizes os habitantes da villa, e deram-lhes hospitalidade em suas casas.

Tempo depois, demarcaram o terreno que ficava pertencendo a cada casal, deram-lhe uma enxada, um alvião, não sei que mais instrumentos agrarios, um sacco com sementes e disséram-lhe: «Esses tantos hectares de terreno são teus, cultiva-os.»

Os pobres colonos, não comprehenderam bem, talvez que pela novidade, aquelle singularissimo modo de colonisar, porque se viam sem casas de habitação, e sem saberem o que haviam de comer emquanto não fecundassem e produzissem as sementes que lançassem á terra.

Que foi o que succedeu então?

Desmembrou-se a colonia, e cada qual tratou de ganhar a vida conforme pôde.

A colonia da Huilla teve a mesma sorte; e ahi sobretudo, onde ella podia ter sido de uma utilidade reconhecida, pelas excellentes condições do clima e pela qualidade abençoada do sólo, viu-se forçada egualmente a desmembrar-se e a dividir-se por outros pontos, porque lhe escasseavam os meios de ganhar o pão de cada dia!!

E comtudo, não nos parece difficil a colonisação da Africa, no estado em que ella se encontra actualmente.

Com a abolição da escravidão, soffreu aquelle paiz uma regeneração completa. A população deixou de estar concentrada, para espalhar-se pelas vastas extensões do seu terreno, augmentando consideravelmente o numero dos proprietarios cultivadores; onde era o deserto, está hoje a seára, e a industria procura enriquecer-se, de dia para dia, com methodos aperfeiçoados e novos productos.

Que melhores condições se podem exigir para se realisar a obra civilisadora da colonisação?

Pois esses milhares de braços que todos os annos vão procurar no Brazil um trabalho que os escravisa e aniquilla, não teriam uma applicação mais proveitosa nas nossas terras do ultramar?

Porque se não olha com seriedade para este importante assumpto?

Porque deixâmos que se realise essa especulação indecorosa e repugnante, que nada menos é do que a escravatura branca, em vez de utilisarmos esses braços com vantagem reciproca, e abandonâmos, por um desleixo imperdoavel, o que podia ser uma fonte de riqueza inexhaurivel?

O que era a grande ilha de Java, antes de n'ella se estabelecer a colonisação hollandeza?

Como conseguiram os Inglezes transformar completamente Santa Hellena, Serra Leôa, Demerara e outros pontos de importancia muito inferior á das nossas colonias da Africa occidental?

Que fizeram os Francezes para tornarem prosperas e florescentes as suas possessões das Antilhas, da America Meridional, da Africa e do Oceano Indico, isto é a Martinica e a Guadeloupe, a Guyana, o Senegal e a ilha de Bourbon?

A que deve a Luiziania a sua recente prosperidade?

Hollandezes, Francezes, Inglezes e Americanos colonisaram, mas souberam colonisar. Comprehenderam, como diz o já citado Duval, que o colonisação «é uma exportação de trabalho, capital e intelligencia, que desenvolve tanto nos logares que deixa, como nos que prefére, uma nova força de producção e de consumo»; compenetra-

ram-se da verdade d'essa profundissima theoria; estudaram os meios mais proprios e adequados de a reduzirem á pratica, e conseguiram o seu intento de um modo vantajoso que muito os nobilita.

Porque não faremos nós o mesmo?

Porque assistiremos, indifferentes e impassiveis, ás luctas do progresso e da civilisação, que se travam por toda a parte?

Faltam-nos, por ventura, elementos para figurarmos brilhantemente n'esse certame?

Ninguem o dirá.

Destinem-se a essa grande empreza os capitaes indispensaveis, applicados, a maior parte das vezes, a obras de utilidade secundaria; acabem por uma vez umas certas utopias, que servem unicamente para armar ao effeito; dê-se uma boa administração ás colonias; nomeiem-se para ellas funccionarios esclarecidos e zelosos, devidamente remunerados, que se entreguem a um estudo consciencioso das localidades que administram; criem-se escolas que derramem a instrucção por aquelles povos incultos; proteja-se o commercio; desenvolva-se a agricultura, facultando-lhe os meios necessarios para isso, e ver-se-ha affluirem os braços para a cultura das terras, o os capitaes para as especulações do commercio.

Colonise-se, mas colonise-se com methodo, com preceito, e os resultados serão proficuos e surprehendentes.

Se a maior gloria de uma nação consiste na conquista de um nome illustre na historia, é preciso não esquecer que a actividade de uma nação não póde ser circumscripta em limites acanhados; desenvolve-se, ao contrario, pelas viagens e descobertas, pelos aperfeiçoamentos politicos e pela colonisação,

A nós cabe, pois, a obrigação de nos convencermos, de uma vez para sempre, que a riqueza e a prosperidade de Portugal, consistem principalmente nas suas colonias, muito embora alguns pessimistas condemnem como absurdos as colonias e os systemas de colonisação.

FIM

ERRATA IMPORTANTE

Por um lapso inexplicavel fizémos presente, a paginas 199, das ilhas de Fernando Pó á Inglaterra, sem prévio consentimento da Hespanha.

A esta, pois, pedimos desculpa de havermos disposto, tão sem ceremonia, do que não nos pertencia.

Publicando a carta que ao diante se lê, não obedecemos a um sentimento de vaidade.

Fazemol-o, tão sómente, porque reputàmos uma honra immerecida o modo porque fomos auctorisado a juntar a este modesto livro o mappa que se vê no fim d'elle, e por julgarmos ser esse o meio mais condigno de patentearmos todo o nosso reconhecimento ao seu illustre auctor.

... amigo e sr.

«Tive a satisfação de receber a sua presada carta dando-me a agradavel noticia de que vai publicar mais um livro intitulado: «Os Sertões d'Africa», e pedindo-me auctorisação para juntar-lhe o mappa que fiz dos caminhos do Ambriz para o Bembe, Encôge e S. Salvador do Congo.

«Não tenho a menor duvida em annuir ao que pede, e agradeço a sua delicada attenção, de que bem podia prescindir, sem offender-me, porque o referido mappa foi mandado publicar nos *Annaes do Conselho Ultramarino* pelo nobre marquez de Sá da Bandeira, e copiado no mappa geral de Angola coordenado por Fernando da Cos-

ta Leal. Comtudo, para que lhe não reste escrupulo algum, póde declarar que auctorisei a juntar-se ao seu livro aquelle meu insignificante trabalho, que por certo não podia aspirar a tanta consideração.

«Desejo-lhe as melhores venturas e sou com verdadeira estima

De V.

Junqueira, 123.

José Baptista d'Andrade».

INDICE

PAGINAS

Dedicatoria 5
Prologo 7
Introducção 13
Capitulo I — A partida. A barra do Dande. Uma caçada ao lião 15
Capitulo II — O acampamento. Empacaceiros ou guerra preta. O Dembo Cabouco. O marquez do Mossullo. A missa 21
Capitulo III — Surpreza. Ambriz. O duque de Bamba. A marselheza. A rainha Zenza-Aquitumba. A bandeira portugueza 26
Capitulo IV — O baptismo. A cruz 35
Capitulo V — O dia 16 de setembro. O Bembe. Os jazigos de malachite 38
Capitulo VI — A embaixada. Uma lenda gentilica .. 42
Capitulo VII — Do Bembe ao Congo. Um principe preto 47
Capitulo VIII — S. Salvador do Congo. Recepção official. Templos 53
Capitulo IX — O juramento. Dynastia do Congo. Uma carta régia 58
Capitulo X — D. Nicolau Agua-Rosada, Intrigas anglo-brazileiras. A bandeira ingleza. Assassinio barbaro 66
Capitulo XI — Feiticeiros e adivinhos. Um chinguilamento. Ceremonias funebres 71

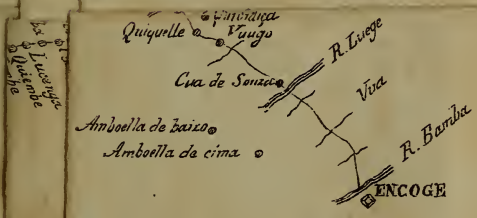
Capitulo XII — Religião..... 76
Capitulo XIII — Divisão do tempo. Lembamento. Upanda..... 83
Capitulo XIV — Ceremonial gentilico. Os Dembos Ambuilla e Namboangongo..... 88
Capitulo XV — Záu, o Vestidura..... 94
Capitulo XVI — Legislação. Juramento de Undua-Cabála. Quituxe..... 100
Capitulo XVII — Doença de somno. Os fumadores de liamba. Plantas medicinaes e sua efficacia..... 105
Capitulo XVIII — Rios. Producção do sólo. Colonias agricolas..... 110
Capitulo XIX — Riquezas latentes. Madeiras. Cultura das abelhas..... 114
Capitulo XX — Clima. A miragem. Estradas. Industria indigena..... 119
Capitulo XXI — Danças. Simulacros de guerra.... 125
Gapitulo XXII — Animaes ferozes e domesticos. Aves. 131
Capitulo XXIII — Caracter e insensibilidade dos negros. Considerações geraes..... 137
Capitulo XXIV — José Baptista de Andrade. Prestigio do seu nome. Guerra com o gentio. Um feiticeiro branco..... 145
Capitulo XXV — O presidio de S. José d'Encôge... 152
Capitulo XXVI — Districto dos Dembos. Os Mubires e Mahungos..... 158
Capitulo XXVII — Districtos da barra do Dande e do Libongo. Rio Dande..... 163
Capitulo XXVIII — As Pedras de Pungo-Andongo. Ambaca e Golungo-Alto. Zenza do Golungo..... 169
Capitulo XXIX — Muxima. Nossa Senhora, mãe e filha. Massangano..... 177

Capitulo XXX — O Bengo. Icollo e Bengo. Calumbo. Cambambe. Duque de Bragança 184
Capitulo XXXI — O reino de Matamba. A rainha Anna Ginga 189
Capitulo XXXII — A escravatura. O commercio. A agricultura 197
Capitulo XXXIII — Os sertões do Bihé 205
Capitulo XXXIV — Bailundo. Cassange 213
Capitulo XXXV — Colonisação 220

COLLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

PAGINAS
Caminho entre o Ambriz e o Loge 27
Typo de raça muxiconga 49
Uma vista do Congo 65
Um episodio de caça 132
José Baptista d'Andrade 145
Modo de conduzir as creanças 192
Uma sanzalla 216

180

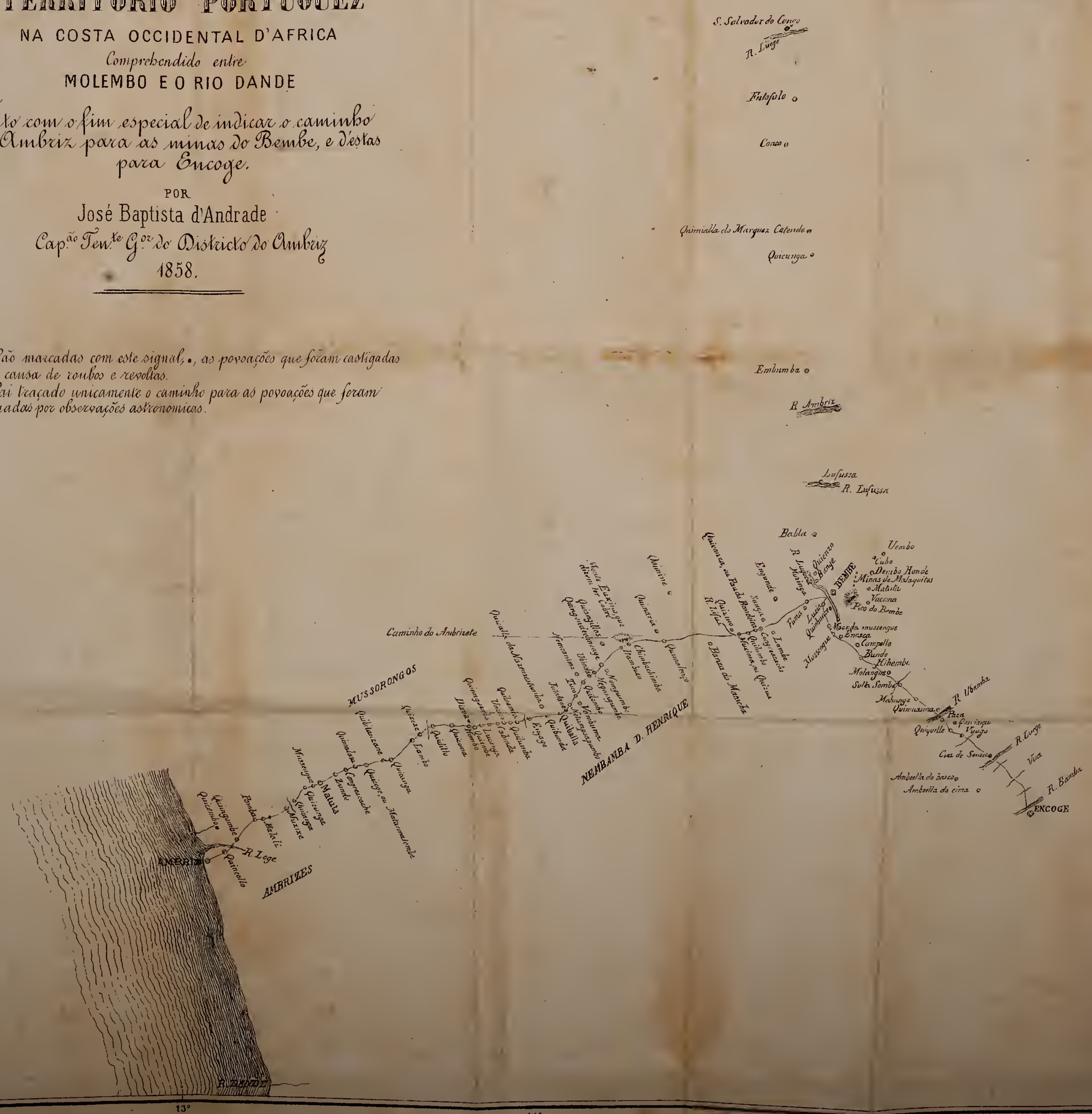

Quiquelle
Vuugo
R. Luege
Cua de Sonzo
Viva
Amboella de baixo
Amboella de cima
R. Bamba
ENCOGE

MAPPA
DO
TERRITORIO PORTUGUEZ
NA COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA
Comprehendido entre
MOLEMBO E O RIO DANDE

Feito com o fim especial de indicar o caminho do Ambriz para as minas do Bembe, e d'estas para Encoge.

POR
José Baptista d'Andrade
Cap.ão Ten.te G.or do Districto do Ambriz
1858.

NB. Vão marcadas com este signal, •, as povoações que foram castigadas por causa de roubos e revoltas.
Vai traçado unicamente o caminho para as povoações que foram situadas por observações astronomicas.


S. Salvador do Congo
R. Luege
Filafilo
Congo
Quimidla do Marquez Cafende
Quicunga
Embumba
R. Ambriz
Lufussa
R. Lufussa
Babla
Uembo
Cubo
Denbo Honde
Minas de Malaquites
Matula
Vaccina
Pico do Bembe
BEMBE
Quienza, ou Baula Bandeira
Quitino
R. Lufua
Barra do Maschi
Quitimbo
Mutinga, ou Quiriua
Enyunde
Lambe
Cay-recada
Funda
Luzia
Quimbuete
Moxinga
Quienzo
Benge
Mussengue
Moenda mussengue
Enrosca
Campalle
Bundo
Hihembe
Molangue
Sulla Sombe
Mdunga
Quimuxima
R. Ubamba
Paca
Quiquille
Vungo
R. Luege
Cua de Sousa
Vua
Ambella do baixo
Ambella da cima
R. Bamba
ENCOGE
Caminho do Ambrizete
Quicalle da Mazuncolumbo
Quimbine
Quinerria
Quimalenge
Chindechinha
Hombeu
Mongumbe
Negungumbo
Quilonde
Vombume
Ketumpaxumbo
Quiballa
Quibonde
Ensoge
Tetelaro
Pico
Nemsuanimo
Ubinde
Quirgulelinesge
Quiongilles
Quiongulelo
Quiongulelo
Quiambi
Quilamba
Quiambi
Quiambi
Quiambi

Venda
Commissão
A.M. VEROL SENIOR
LIVREIRO
ENCADERNADOR
Rua Augusta 171 LISBOA
LETRAS
A.M. VEROL SENIOR
ENCADERNADOR
EM
TODO O GENERO
R. AUGUSTA, 171 - LISBOA
Objectos
PARA
Escriptorio
A.M. VEROL SENIOR
LIVRARIA
E
OFFICINA DE ENCADERNADOR
R. AUGUSTA, 171 - LISBOA
Papel
PARA
A.M. VEROL SENIOR
LIVREIRO
Rua Augusta, 171
LISBOA
Operador
de cartas
recebidas
Albuns
A.M. VEROL SENIOR
LIVREIRO
LISBOA
ENCADERNADOR
Rua Augusta 171
Livraria
A.M. VEROL SENIOR
ENCADERNADOR
EM
TODO O GENERO
R. AUGUSTA, 171 - LISBOA

A. M. VEROL SENIOR
LIVREIRO
Rua Augusta, 171
LISBOA
Objectos para ESCRIPTORIO
C/C
A. M. VEROL SENIOR
LIVREIRO
LISBOA
ENCADERNADOR
Rua Augusta, 171
A. M. VEROL SENIOR
ENCADERNADOR
EM
TODO O GENERO
R. AUGUSTA, 171 - LISBOA
Bills receivable
Caixas à Franceza
A. M. VEROL SENIOR
LIVRARIA
E
OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO
R. AUGUSTA, 171 - LISBOA
A. M. VEROL SENIOR
LIVREIRO
LISBOA
ENCADERNADOR
Rua Augusta, 171
Fazendas geraes
Registo de facturas e manufacturas
A. M. VEROL SENIOR
ENCADERNA
E
VENDE LIVROS
Rua Augusta, 171 - Lisboa

SMITHSONIAN INSTITUTION LIBRARIES
3 9088 01149 8334